



literatura
livre

Contos de crianças chinesas

SUI SIN FAR

Mrs. Spring Fragrance (1912)

Tradução: Ricardo Giasseti

Edição bilingue: POR/ENG

Distribuição gratuita

sesc

— •
literatura
livre

Contos de crianças chinesas

Sui Sin Far

Edição Bilingue

sesc **mojo**^{org}

Contos de crianças chinesas

Sui Sin Far

Tradução:

Ricardo Giassetti

FOLHAS DE PRATA

Havia uma fileira de árvores em um campo aberto. Nem todas eram altas e nem todas floriam ou davam frutas, mas aos olhos de Ah Leen elas eram muito bonitas. Os galhos elegantes eram recobertos de folhas de um verde vivo que filtravam uma luz prateada sob as copas. E quando o vento as balançava ou empurrava, raios prateados reluziam por entre o verde de uma maneira encantadora.

Ah Leen estava parada do outro lado da estrada admirando as árvores de folhas de prata.

Uma pequena senhorinha apareceu caminhando meio manca pela estrada com uma cesta de ovos de pata. Ela parou ao lado de Ah Leen.

— Que amor — disse a senhora. — Seus olhos brilham como pedras de jade!

Ah Leen deu um longo suspiro.

— Veja! — apontou a menina. — As folhas dançam.

A velha senhora ajustou seus óculos azuis e mirou as árvores.

— Se ao menos eu tivesse um pouco dessa prata nos meus bolsos, compraria uma sombrinha rosa e um leque para você.

— E se eu também tivesse — respondeu Ah Leen —, daria tudo ao meu irmãozinho.

E então ela contou à velhinha que aquela seria uma noite de alegria na casa de seu pai, pois seu irmãozinho teria a cabeça raspada pela primeira vez. E todos viriam para presenciar o evento e dariam a ele presentes de ouro e prata. Seu pai e sua mãe, e também seu irmão e sua irmã mais velhos dariam presentes a ele. Ela amava muito seu irmãozinho. Ele era muito pequenino e sapeca, seus dedinhos dos pés e das mãos eram cor-de-rosa. Quem diria que ele nascera há apenas uma lua, e que ela não tinha nada a oferecer a ele como prova de seu amor, que batia forte por ele em seu pequeno coração.

Ah Leen suspirou melancolicamente.

Então uma alegre brisa soprou nas árvores e seis folhas caíram suavemente no chão.

— Oh! Oh! — exclamou a pequena Ah Leen, e foi até onde haviam caído e as recolheu.

Voltando-se para a velha senhora, ela mostrou seus tesouros.

— Três para você e três para mim — exclamou.

A senhora aceitou o presente com um sorriso e mancou alegremente pela estrada. Em toda casa que entrava, mostrava suas folhas de prata e contava como as tinha conseguido. E todas as mulheres que as viam e ouviam a história compravam seus ovos pelo dobro do valor.

Ao pôr do sol, os convidados começaram a chegar com seus presentes na casa de Man You. Entre eles estava a pequena senhora. Mesmo sem ser conhecida como os outros, deram a ela uma cadeira em um lugar especial, pois era a mais velha de todos. Ah Leen, a filha mais jovem da casa, sentou-se em uma almofada ao seu lado. Os olhos de Ah Leen brilhavam muito e suas bochechas estavam coradas. Ela vestia um par de chinelos com borboletas nas pontas e em suas mangas vermelhas, cuidadosamente embrulhadas em uma grande folha, estavam as três pequenas folhinhas de prata.

Quando a mãe de Ah Leen trouxe uma xícara de chá para a velhinha, a senhora cochichou algo em seu ouvido. A mãe de Ah Leen acariciou a cabeça de sua pequena filha e sorriu para ela.

Então o pai do bebê raspou a cabeça de seu filho, o Pequeno Brilhante. Realizou a tarefa com extremo cuidado, preservando um pequeno retalho de cabelos em forma de pêssego, bem no centro da pequena cabeça. No futuro, o

pedaço em forma de pêssego se transformaria em uma trança. Ah Leen o tocou amorosamente com seus dedinhos depois do final da cerimônia. Nunca antes o Pequeno Brilhante pareceu tão fofo.

Os presentes foram distribuídos após todas as lanternas estarem acesas. Era uma cena linda. A mãe do Pequeno Brilhante o mantinha no colo enquanto todos os convidados, parentes e amigos, um de cada vez, deixavam na mesa ao lado dela seus presentes de prata e ouro, dentro de chamativos envelopes vermelhos.

A irmã mais velha acabava de passar por Ah Leen com seu presente, quando a menina se levantou e seguiu sua irmã até a mesa das dádivas e depositou ali as três folhas.

— São de prata... prata! — exclamou Ah Leen.

Quase todos riram alto, mas a mãe de Ah Leen gentilmente tomou as folhas e murmurou em seu ouvido:

— É o presente mais encantador de todos.

Como Ah Leen ficou feliz! Quanto à velhinha vendedora de ovos de pata, ela parecia radiante. Quando foi embora, deixou lá uma sombrinha cor-de-rosa e um leque.

A LANTERNA DO PAVÃO

Era uma lanterna muito bela — a mais bela das lanternas que um lanterneiro podia imaginar. Havia muito tempo que Ah Wing a desejava. Sobre o papel translúcido que cobria a delicada armação de bambu que protegia a vela, havia a pintura de um bondoso príncipe montado em um pavão com a cauda aberta. Ah Wing nunca vira uma lanterna tão linda, admirável em todos os detalhes.

— Honorável pai — ele disse —, não é uma lanterna de beleza inspiradora? E sua carteira não está pesada demais para que a carregue?

Seu pai riu.

— Venha cá. — Ele acenou ao homem da lanterna. — Veja — disse para Ah Wing —, escolha a lanterna que mais lhe apraz. Todas são iguais para mim.

Ah Wing apontou para a lanterna do pavão e saltitou empolgado enquanto o homem das lanternas desembaraçava os fios que mantinham as lanternas juntas.

— Ai, anda! Anda! — exclamou Ah Wing.

O homem das lanternas olhou para seu rostinho irradiante.

— Meu pequeno honorável — ele disse —, alguma outra lanterna o agradaria além desta? A verdade é que, se eu pudesse, não venderia a lanterna do pavão. É a lanterna que mais encanta meu filho, que está doente e não pode sair da cama.

O rosto de Ah Wing enrubesceu.

— Então por que você deixa a lanterna à mostra? — perguntou o pai de Ah Wing.

— Quero chamar a atenção para as outras — respondeu o homem. — Sou muito pobre e para mim é difícil providenciar o arroz para meu filho.

O pai de Ah Wing olhou para seu pequeno filho.

— E então? — ele disse.

O rosto de Ah Wing continuava vermelho.

— Eu quero a lanterna do pavão — declarou.

O pai de Ah Wing então tirou sua carteira e retirou dela mais que o dobro do preço da lanterna.

— Aqui está — disse ao homem das lanternas. — É o suficiente para encher a tigela de arroz do seu filho por muitos dias.

O homem das lanternas devolveu um humilde agradecimento, mas ao desamarrar a lanterna do pavão entre as demais seu rosto se manteve muito triste.

Ah Wing saltava de um pé para o outro.

O homem das lanternas colocou a lanterna em suas mãos. Ah Wing a segurou, impávido.

— Agora seu maior desejo foi realizado — disse seu pai. — Sorria e seja feliz.

Mas Ah Wing era incapaz de sorrir diante do rosto triste do homem das lanternas.

— Se me permitir, honorável pai — ele disse —, gostaria de ir com o honorável homem das lanternas ver seu filho doente.

— Claro — respondeu seu pai. — Eu irei também.

Quando Ah Wing se colocou ao lado da cama do pequeno filho doente do homem das lanternas, ele disse:

— Vim vê-lo porque, para me agradecer, meu pai comprou a lanterna que lhe agradava. Mas ele pagou ao seu pai o suficiente para comprar comida para que você fique forte e saudável.

O pequeno menino doente empalideceu e se zangou com Ah Wing.

— Não me importa — ele disse —, pois comida não vai me deixar forte e saudável. Eu nunca serei forte e saudável, mas ficaria se tivesse a lanterna, pelo bem de San Kee.

— E quem seria San Kee? — perguntou Ah Wing.

— San Kee — disse o menino doente — é um honrado corcunda. Todas as noites ele vem me ver e lhe agrada a

minha lanterna do pavão. É a única coisa no mundo que dá alegria a ele. Então é por causa dele que eu tenho guardado a lanterna do pavão.

— Por causa dele! — repetiu Ah Wing.

— Sim, por causa dele — respondeu o menino doente.
— É tão bom vê-lo feliz. E é isso o que me deixa feliz.

Lágrimas tomaram os olhos de Ah Wing.

— Honorável homem das lanternas — ele disse, voltando-se para o pai do menino doente —, não quero mais a lanterna do pavão. Fique com ela, eu peço, pelo seu filhinho doente. E, honorável pai — disse, ao segurar a mão de seu pai —, vou querer uma outra das lindas lanternas do honorável homem das lanternas pelo mesmo valor da lanterna do pavão.

CRIANÇAS DA PAZ

I

Eram dois jovens com ideias demais na cabeça e pureza demais no coração para acreditarem que já não havia mais amor no mundo. Eles eram chineses.

Sentaram-se à sombra de um conjunto de pinheiros que formavam um caramanchão verdejante, perfeito e agradável, na encosta da colina Strawberry. Seus olhos miravam o oceano, seguiam um barco que ia rumo ao horizonte nevoento. Tinham semblantes e rostos muito sérios. O navio viajava do oeste para o leste e levava uma mensagem de cada um para seus parentes — uma mensagem que, humilde mas decididamente, informava que haviam resolvido levar adiante a ideia de fixar residência em um novo país, no qual poderiam rezar para que bênçãos recaíssem sobre aqueles que não podiam ver como eles, ou ouvir como ouviam.

— Minha mãe irá chorar quando ler a mensagem —
suspirou a garota.

— Pau Tsu — perguntou o jovem — você se arrepende?

— Não — ela respondeu —, mas...

Ela tirou de sua manga uma carta escrita em papel de seda.

O jovem correu os olhos sobre os caracteres desenhados delicadamente.

— Parece muito com o que meu pai me escreveu —
comentou.

— Não esta parte.

Pau Tsu indicou com a ponta de seu dedo rosado um parágrafo que dizia:

Não está envergonhada em confessar que ama um jovem que não é Vet, seu marido? Essa ousadia vergonhosa certamente fará cair sobre você o merecido castigo. Antes de doze luas você será uma folha caída.

O jovem dobrou a carta e a devolveu à garota, que virou seu rosto para o outro lado.

— Nossos pais — ele disse —, nada sabiam sobre a germinação e o crescimento do amor, nem de seus brotos e botões. Por isso, devemos ler suas cartas de raiva sem dar atenção a elas. Eu a amo com mais carinho e lealdade exa-

tamente porque somos um do outro por vontade própria, e não porque meu pai assim escolheu.

A garota lançou um olhar radiante para ele.

— Veja — ela disse. — Quando nas suas férias você fez aquela longa viagem até Nova York, escrevi uma peça para enganar o tempo. Minha protagonista estava muito triste, pois aquele que amava estava longe e ela era atormentada por seus inimigos. Queria que ela ficasse com vergonha de seu amor. E foi assim que ela respondeu a um dos cruéis insultos:

*“Quando a Memória vê seu rosto e ouve sua voz,
O Pássaro do Amor em meu coração canta com doçura.*

Tão docemente, tão claro e alegre,

Que meu Pássaro Interior, Tristeza,

Esconde sua cabeça sob as asas,

E finge estar morto.

A Vergonha, ah... não diga tal palavra a quem ama!

*Pois meus sentimentos mais nobres para o amor estão
despertos*

E assim me torno maior que a vergonha.”

— Então você me ama, não é, Pau Tsu? — questionou o jovem.

— Se não é amor, o que seria, então? — respondeu carinhosamente a garota.

Desceram a colina conversando alegremente. Seu feriado havia acabado. Um pouco depois, Liu Venti estava na balsa que saía a cada meia hora para a costa oeste, rumo a Berkeley Hill, do outro lado do Golden Gate, e Pau Tsu estava em seu quarto no Seminário de São Francisco, onde a ambição de seu pai a colocou para torná-la tão instruída quanto seu outro filho, Liu Jusong.

II

A última aluninha da aula livre de Pau Tsu para crianças já estava de saída quando Liu Venti entrou tranquilamente na sala. Pau Tsu estava apoiada sobre sua mesa e tinha uma expressão de grande cansaço. Não ouviu os passos de seu marido e, quando ele se aproximou, pousou a mão em seu ombro. Ela se assustou.

— Está cansada, minha amada — ele disse, levando-a para a porta onde havia uma cadeira.

— Professora, as folhas da flor que você me deu estão murchando e minha mãe disse que é um mau presságio.

A pequena aluna havia retornado para dizer isso.

— Não — disse Pau Tsu gentilmente. — Não existem maus presságios. Chegou a hora da flor murchar e morrer. Ela não pode viver para sempre.

— Pobre florzinha! — disse a criança consternada.

— Nem tanto! — sorriu Pau Tsu. — A flor tem sementes das quais outras flores nascerão, ainda mais lindas que ela!

— Ah, vou contar para minha mãe!

A pequenina saiu correndo com sua trança chicoteando atrás dela. As professoras a viram se juntar a um grupo de jovens que brincava na calçada diante dos alojamentos das Seis Empresas. Um dos chefes que passava deu a eles um punhado de fogos de artifício e o resultado foi uma pequena fogueira cercada de alegria.

Fazia sete anos desde que Liu Venti e Pau Tsu haviam começado seu trabalho na Chinatown de São Francisco. Sete anos de luta e dificuldades, trabalhando sem descanso, aprendendo, brigando, falhando e amando — e conquistando. A vitória, para alguém de fora, podia parecer pequena, pois não passava de uma simples escola. Eram alunos adultos de sua etnia, alguns alunos brancos no turno da noite e educação gratuita para as crianças. Isso tudo era evidência de que Liu Venti e Pau Tsu não apenas haviam passado com segurança pelas águas da pobreza, mas também chegaram a um recanto onde tinham o prazer abençoado de estender a mão aos necessitados.

Em seu terceiro ano de casamento nasceram seus filhos gêmeos, e as crianças, muito esperadas e desejadas, foram recepcionadas com alegria e orgulho. Mas com essa alegria e orgulho vieram também pensamentos muito sérios. Seus amados filhos deveriam ser mantidos exilados da terra de seus ancestrais? Liu Venti e Pau Tsu deram a seus pequeninos uma educação muito mais aberta e cosmopolita do que a que receberam. Nunca poderiam sufocar o desejo de dar a eles mais do que tiveram e o melhor que o mundo tem a oferecer. Por isso, suas memórias da infância se juntavam à afeição paterna, que se reacendia. Tanto Liu Venti como Pau Tsu eram filhos únicos. Ambos haviam sido amados e recebido todas as vantagens que a riqueza de sua terra oferecia; ambos haviam sido a alegria e o orgulho de seus lares. E às vezes pensavam com tristeza que talvez tivessem sido injustos em suas declarações sobre os pais velhos e que lhes deviam mais carinho e consideração. Eram guiados por forças maiores, que os motivavam e tinham grande influência sobre suas vidas, e que os levaram a romper os laços que os uniam. Mesmo assim, aqueles de quem se distanciaram ignoravam tais forças. No mínimo eram incapazes, por sua educação e convívio, de compreendê-las. Havia dias em que tudo era amargor para Pau Tsu porque ela não podia ver seu pai ou sua mãe. E o sangue de Liu tilintava em seu dilatado coração,

esforçando-se para livrar sua mente das sombras daquelas que o amavam antes de conhecer Pau Tsu.

— Eu era um menininho dessa idade quando minha mãe me ensinou a reverenciar meu pai e a correr para cumprimentá-lo quando ele chegava em casa — ele disse, apontando para o Pequeno Olhos Despertos, que vinha mais atrás com um gatinho em seus braços roliços.

— Ah, Liu Venti — replicou Pau Tsu —, você está pensando na China e eu também. Hoje cedo imaginei que ouvia a voz de minha mãe a me chamar como sempre fazia nas manhãs ensolaradas na província do Rio Feliz. Ela abanava seu leque para mim de um jeito só dela. E meu pai? Ah, meu querido pai!

— Pois é — respondeu Liu Venti. — Nossos pais nos amavam e o amor dos pais é muito bom. Aqui vivemos em exílio e embora sejamos felizes um com o outro, com as crianças e com as amizades que a nova luz tornou possíveis, eu gostaria que nossos filhos pudessem crescer em nosso país e não em uma Chinatown americana.

Ele observava toda a extensão da rua ao dizer isso. Uma multidão heterogênea formada por seus conterrâneos e todas as outras nacionalidades se acotovelava. Duas criancinhas comiam arroz em uma tigela de lata na soleira de uma porta. A voz melodiosa das meninas cruzava o vazio entre uma sacada e outra sobre o beco. Um menino equilibrava uma

travessa de madeira com mantimentos sobre sua cabeça ao atravessar a rua. O barbeiro gordo gargalhava contagiosamente de um homem branco bêbado caído na sargeta. Um idoso enrugado que levava uma gaiola de pássaro parou na esquina para entreter os cidadãos com suas previsões do futuro. Um comerciante de peixes secos e linguças gritava seus bordões na esquina oposta.

O olhar de Liu Venti retornou para as crianças que comiam arroz e depois pousou na cabeça de seu próprio filho.

— E as casas de nossos pais — ele disse — estão órfãs das vozes dos pequeninos.

— Vamos voltar para casa — disparou Pau Tsu.

Liu Venti se surpreendeu. As palavras de Pau Tsu ecoavam o desejo de seu coração. Mas ele não tinha a mesma coragem que ela.

— Não podemos fazer isso — ele exclamou. — Nossos pais não juraram que nunca nos perdoariam?

— Nesta tarde, minha luz interna revela que nossos pais se arrependem de seu juramento — replicou Pau Tsu. — Ah, Liu Venti, não é nosso dever fazer nossos pais felizes, mesmo contra a vontade deles?

— Quem dera eu pudesse — respondeu Liu Venti. — Mas antes de falarmos com eles precisamos vencer o ódio entre seu pai e o meu.

Uma sombra pousou sobre o rosto de Pau Tsu. Mas não durou muito, e seu rosto voltou a se iluminar quando ela disse carinhosamente:

— O amor é mais forte que o ódio.

O Pequeno Olhos Despertos subiu nos joelhos de seu pai.

— Eu também — exclamou o Pequeno Olhos Sonolentos, vindo logo atrás. Empurrou seu irmão para o lado com suas mãozinhas gordas e também montou em seu pai.

Pau Tsu olhou para seu marido e filhos.

— Ah, Liu Venti — ela disse —, por nossas crianças, por nossos pais e por um campo de trabalho mais amplo para nós, somos convocados a fazer esse sacrifício!

Três meses depois, Liu Venti e Pau Tsu, com um misto de tristeza e esperança em seus corações, deram adeus aos seus filhos e os enviaram pelo mar como oferendas de amor aos seus pais, de quem ambos, filho e filha, só guardavam lembranças de amor e gentileza. Mesmo que a razão da distância desse filho e dessa filha fosse uma coisa venenosa chamada ódio.

III

Dois menininhos brincavam juntos em uma praia. Um olhou o mar ao longe com olhos curiosos. Era um pensamento, uma memória.

— Onde estão papai e mamãe? — perguntou voltando-se ao seu irmão.

O outro menino o olhou de volta com um olhar confuso.

— Onde estão papai e mamãe?

Então os dois pequeninos sentaram-se na areia e começaram a conversar do modo peculiar que inventaram:

— Vovós e vovôs são muito bons — disse Pequeno Olhos Despertos.

— Muito bons — repetiu Pequeno Olhos Sonolentos.

— Eles nos dão muitas coisas legais.

— Muitas coisas legais!

— Bolas, balões, bolinhos e gatinhos.

— Bolas, balões, bolinhos e gatinhos.

— O teatro de marionetes é muito bonito!

— Muito bonito!

— E os avós empinam pipas e sopram dentes-de-leão!

— Empinam pipas e sopram dentes-de-leão!

— E as avós têm bolos e docinhos.

— Bolos e docinhos!

— Mas onde estão papai e mamãe?

Pequeno Olhos Despertos e Pequeno Olhos Sonolentos novamente se encararam longamente, mas nenhum dos dois tinha a resposta. Suas boquinhas se abriram pateticamente, apoiaram seus rostinhos rechonchudos em suas mãos e suspiraram pequenos soluços.

Já houve antes um pai e uma mãe, sempre, sempre. Papai, mamãe e Sung Sung. Então houve o grande navio e apenas Sung Sung e a água grande. Depois da água grande, vovós e vovós. Pequeno Olhos Despertos foi morar com um avô e uma avó, e Pequeno Olhos Sonolentos com outro avô e outra avó. E a velha Sung Sung se foi e duas novas Sung Sung vieram. Pequeno Olhos Despertos e Pequeno Olhos Sonolentos tinham sido bonzinhos e nunca choravam. Papai e mamãe não haviam dito que avós e avós eram exatamente iguais a pais e mães?

— Igualzinho a pais e mães — repetiram Pequeno Olhos Despertos e Pequeno Olhos Sonolentos. Pequeno Olhos Sonolentos meneou a cabeça e repetiu solenemente: — Igualzinho a pais e mães.

Então, de repente Pequenos Olhos Despertos ficou em pé, esfregou seus punhos nos olhos e gritou:

— Eu quero meu pai e minha mãe. Eu quero meu pai e minha mãe!

E Pequeno Olhos Sonolentos também se levantou e ecoou com força e valentia:

— Eu quero meu pai e minha mãe. Eu quero meu pai e minha mãe!

Era o dia de revolta dos filhos de Liu Venti e Pau Tsu.

Quando as duas novas Sung Sung voltaram, pois haviam ido consultar seus oráculos com um vidente itinerante que encontraram mais longe na praia, não os encontraram mais. Ficaram muito preocupadas e quebraram o silêncio com seus gritos. Para onde teriam ido as crianças? Era uma praia deserta, muitas milhas distante do porto da cidade onde viviam os avós das crianças. Atrás da praia havia um acíve ermo que subia para as montanhas em direção a uma floresta escura e densa.

Uma Sung Sung olhou para a floresta e disse para a outra:

— Procurar pelas crianças lá será como buscar um alfinete no fundo do oceano. Além do mais, é assombrada por fantasmas.

— Ai ai ai ai! — gritou a outra. — O que dirão o patrão e a patroa se eu voltar para casa sem Pequeno Olhos Sonolentos, que é a ameixa dourada de seus corações?

— E o que dirão o patrão e a patroa se eu chegar até eles sem o Pequeno Olhos Despertos? Sempre me pareceu que ele é o sol que ilumina suas vidas.

Por mais de uma hora as duas servas distraídas perambularam pela praia chamando pelo nome de seus protegidos, mas não tiveram resposta.

IV

— Seu neto, meu mais amado, está perdido, perdido! Vá, velho, e encontre-o.

Liu Jusong, que acabava de voltar da prefeitura onde equilibrava a balança da Justiça de manhã até a noite, encarou perplexo a senhora que acabava de acusá-lo. Ele mal percebeu o sumiço de seu neto, pois o fato de sua humilde esposa repentinamente lhe dar ordens o surpreendeu além da indignação.

— Que linguajar é esse? — perguntou confuso.

— Essa linguagem — retrucou a senhora — diz que cheguei ao meu limite. Seu neto sumiu por culpa sua. Vá encontrá-lo!

— Minha culpa? Você definitivamente ficou louca!

— Se você não odiasse Li Wang, Pequeno Olhos Despertos e Pequeno Olhos Sonolentos poderiam brincar juntos no nosso quintal ou na propriedade de Li Wang. Mas agora não é hora de chorar sobre o leite derramado. Vá, siga Li

Wang na busca por nossos netos. Ouvi dizer que ele já foi para o lugar onde aquelas duas imbecis que estavam com eles disseram que sumiram.

A senhora desabou.

— Ah, meus Olhinhos Brilhantes! Por onde vocês andam? — ela lamentou.

Liu Jusong declarou seriamente a ela:

— Se meu inimigo procura por meus netos, então não irei.

Com passos decididos ele atravessou o cômodo, mas havia um brinquedo perto da entrada. Seu olhar pousou sobre o objeto e sua expressão se acalmou. Seguindo os empregados enviados por sua esposa, o velho mandarim se juntou à busca por Pequeno Olhos Despertos e Pequeno Olhos Sonolentos.

Sob as estrelas silenciosas os dois velhos inimigos desde os dias de escola se encontraram. Desde então cultivavam o ódio recíproco. O motivo de sua briga já estava esquecido há muito tempo, mas no fértil solo de suas mentes, irrigada por sua crença de que um homem superior odeia muito e por bastante tempo, a semente do ódio havia germinado e florescido. E não fora por causa de seu ódio que suas crianças foram exiladas dos lares de seus pais? Aquelas crianças que

se conheceram em terras estrangeiras e que apesar do ódio de seus pais haviam se unido no amor.

Eles abriram seus leques diante de seus rostos, um fingindo não ver o outro, enquanto os empregados perguntavam:

— Alguma notícia dos honoráveis pequeninos?

— Nenhuma — foi a resposta dos dois lados.

Os velhos ponderaram firmemente. Finalmente Liu Jusong disse aos seus empregados:

— Vou procurar na floresta.

— Então eu também vou — anunciou Li Wang.

Liu Jusong baixou seu leque. Pela primeira vez em muitos anos permitiu que seus olhos pousassem sobre a face de seu antigo amigo e que esse antigo amigo o fitasse de volta. Mas os empregados estremeceram.

— É a floresta assombrada — exclamaram. — Ó, honoráveis mestres, não se aventurem entre os maus espíritos!

Mas Li Wang gargalhou em escárnio e Liu Jusong fez o mesmo.

— Me dê uma lanterna — pediu Li Wang. — Vou procurar sozinho, já que estão com medo.

Ele falou aos seus servos, mas não foram eles que responderam:

— Sozinho, não. Seu neto é meu neto e o meu é seu!

— Ai, vovô — exclamou o Pequeno Olhos Despertos, abraçando o pescoço de Liu Jusong —, onde estão papai e mamãe?

E o Pequeno Olhos Sonolentos murmurou no ouvido de Li Wang:

— Quero meu papai e minha mamãe!

Liu Jusong e Li Wang se entreolharam:

— Vamos falar com nossas crianças — disseram ambos.

V

— Quantas luas, Liu Venti, desde que nossos pequeninos se foram para longe de nós? — perguntou Pau Tsu.

Ela estava muito pálida e seus olhos demonstravam ansiedade.

— Quase cinco — respondeu Liu Venti com um suspiro abafado.

— Às vezes — disse Pau Tsu —, sinto que não aguento mais a ausência deles.

Ela apertou contra seu peito dois sapatinhos, um vermelho e outro azul.

— Seus primeiros — ela disse. — Ah, meus filhos, meus filhinhos!

Um jovem mensageiro se aproximou e entregou uma mensagem a Liu Venti. Depois se foi.

Liu Venti leu:

Que o bambu sempre se curve. Filho e filha, retornem para seus pais e filhos.

Liu Jusong

Li Wang

— É a resposta às nossas preces — aliviou-se Pau Tsu.
— Ah, Liu Venti, o amor é mesmo mais forte que o ódio!

O EXÍLIO DE MING E MAI

I

Muitos anos atrás, nas belas terras da China, vivia um rico e bondoso homem chamado Chan Ah Sin. Tinha um coração tão gentil que não passava pelo mercado sem comprar todos os animais, peixes, tartarugas e aves ainda vivos, com o propósito de lhes devolver a liberdade e a vida. Os bichos e pássaros eram libertados em um bosque verde e fresco chamado Floresta dos Libertos, e os peixes e tartarugas eram soltos em uma lagoa enluarada chamada Lagoa da Vida Feliz. Ele também comprava e libertava animais enjaulados para exibição, e não se esquecia dos répteis.

Séculos depois que esse bom homem faleceu, um de seus descendentes foi acusado de violar as leis da terra, então ele e todos os de sua linhagem foram condenados. Entre seus

parentes estavam seus pequenos primos distantes chamados Chan Ming e Chan Mai, que até então viviam suas vidas felizes com um tipo de tio guardião e uma boa e velha babá. A punição para esse menininho e essa menininha foi o banimento para uma floresta selvagem e bucólica, cujo caminho só podia ser feito de bote por um rio escuro e misterioso. A jornada era longa e perigosa, mas na noite do terceiro dia uma sombra negra pairou diante de Ming e Mai. Essa sombra negra era a floresta, e suas árvores cresciam tão próximas umas das outras e do rio que suas raízes se entrelaçavam debaixo da água.

Os brutos marujos que haviam tirado as crianças de suas casas aportaram o bote e, sem nem colocarem os pés em terra firme, alçaram as crianças para fora e rapidamente seguiram seu caminho. Seus rostos eram de uma palidez cadavérica, pois tinham medo mortal da floresta. Diziam que era habitada por inúmeras feras, aladas e com garras afiadas.

O lábio de Ming tremeu ao perceber que ele e sua irmãzinha agora estavam completamente sozinhos, no limiar de uma floresta aterrorizante, na margem de um rio misterioso. Pareceu ao pequeno rapaz, ao se lembrar de sua querida Cantão, repleta de vida esfuziante e dinâmica, que ele e Mai não haviam ido para outra província, mas para outro mundo.

Uma lágrima grande e gorda caiu de sua bochecha. Mai se virou e secou o rosto com sua manga, observando a

mancha molhada que havia deixado em seu punho. Estendeu sua mãozinha até a dele e murmurou em seu ouvido:

— Olhe para o céu, mano. Veja que o Riacho Prateado corre sobre nós tão brilhante quanto corria sobre nosso querido lar. — Pois os chineses chamam a Via Láctea de Riacho Prateado.

Enquanto os dois estavam ali, de mãos dadas, viram no rio algo em movimento que lembrava um tronco de madeira todo encaroçado. Estranho dizer que as crianças não sentiram medo e observaram com interesse a coisa boiar em sua direção. Então uma voz aquosa foi ouvida:

— Grandes e honoráveis jovem e senhorita — ele disse —, entrem na mata e descensem.

Era um crocodilo. Ao seu lado nadavam um peixe dourado e outro prateado que saltitavam na água e repetiam as palavras do crocodilo. E seguindo o leito do rio havia uma grande tartaruga verde murmurando:

— Entrem na mata, grandes excelências, graciosos e honoráveis.

Obedientemente, as crianças se voltaram e se embrenharam por entre as árvores. A mata não era muito fechada ou espinhenta como haviam suspeitado. Os aromas das ervas e dos arbustos eram mornos e deliciosos. Além disso, o solo era coberto por musgo e capim, e as touceiras e árvores

jovens abriam caminho para que eles passassem. Mas não foram muito longe. Estavam cansados e com sono demais. Escolheram um lugar confortável para descansar. Deitaram-se lado a lado e caíram no sono.

Quando acordaram o sol já ia alto. Mai foi a primeira a abrir os olhos e, ao ver a luz por entre as árvores, exclamou:

— Que lindo é o teto do meu quarto!

Ela achou que estava em casa, esquecida da jornada pelo rio. Mas logo em seguida Ming levantou a cabeça e disse:

— A beleza que você vê é o sol passando entre os galhos e a floresta onde...

Ele fez uma pausa, pois não queria assustar sua irmãzinha. Quase havia dito: “...os pássaros e animais selvagens ficam à solta.”

— Ai, céus! — exclamou Mai angustiada. Ela também pensou nos pássaros e animais selvagens, mas, como Ming, também evitou comentar.

— Estou nervoso de fome — declarou Ming.

Ele mirou interessado um belo passarinho saltitando por ali. O pássaro encontrara um bom e gordo gafanhoto para o café da manhã, mas ao ouvir Ming falar, largou sua presa e rapidamente saiu voando.

Logo depois ouviu-se um grande atropelo e o farfarhar das folhas de capim e touceiras. Seus corações quase

pararam. Apertaram suas mãos. Debaixo de cada arbusto e cada árvore, nos galhos acima deles, na lagoa próxima e à sua volta, quase tocando seus joelhos, surgiu um grande grupo de animais de vários reinos, formado por mamíferos, peixes e aves domésticas.

Então era verdade o que os marujos haviam dito, só que pior, pois embora esperassem encontrar os habitantes da floresta, fossem sozinhos ou em duplas, agora estavam todos eles amontoados à sua frente.

Um tigre abriu a boca. Ming puxou sua irmã para trás dele e disse:

— Por favor, honoráveis animais, pássaros e outras formas de vida, alguns de vocês poderiam se retirar por alguns minutos? Nós queremos conhecê-los, mas não todos de uma vez, pois naturalmente ficamos sobrecarregados com tanta honra.

— Ah, sim, suas excelências — gaguejou Mai —, ou que sejam gentis o bastante para abrir caminho para sairmos daqui e assim irmos até o rio e nunca mais incomodá-los. Não é, honorável irmão?

— Não, mana — respondeu Ming. — Esses honoráveis seres devem ser dominados e ensinados a reconhecer que o homem é o senhor desta floresta. Estou aqui para vencê-los em batalha e posso enfrentá-los um de cada vez, em duplas

ou até trios. Mas, como eu disse antes, a honra de todos ao mesmo tempo é um tanto opressora.

— Ah! Oh! — exclamou Mai observando seu irmão com surpresa. Suas palavras o faziam mais terrível para ela do que todas as outras feras presentes. Então o tigre, que educadamente esperou Ming e Mai falarem, fez um estranho ronronar, alto, mas ainda assim suave, feroz, e incrivelmente gentil. Aquilo teve um efeito inesperado nas crianças, que pareceu acalmá-los e afungentou seus medos. Uma das mãozinhas de Mai pousou sobre a cabeça do leopardo agachado perto dela. Ming fitou diretamente os olhos do tigre e sorriu como se ele fosse um velho amigo. O tigre sorriu de volta, foi até Ming e deitou-se aos seus pés. Seu nariz repousou sobre os sapatinhos vermelhos do menino. Então ele rolou no chão umas três vezes. Em seguida, todos os outros animais, pássaros, peixes e insetos fizeram o mesmo. Isso levou um tempo e Mai ficou feliz por estar atrás de seu irmão e receber as reverências indiretamente.

A surpreendente cerimônia terminou. O tigre sentou-se sobre as patas traseiras e disse para Ming:

— Mais valoroso e honorável descendente de Chan Ah Sin Primeiro, sua vinda e a de sua extraordinária irmã fará as flores brotarem ainda mais e fará o sol brilhar mais forte sobre nós. No entanto, não há necessidade de provar

sua força ou habilidades contra nenhum de nós. Acredite, Sua Alteza, já fomos conquistados há muito tempo, e não foi pela força.

— Por quê? Como? — exclamou Ming.

— Por quê? Como? — repetiu Mai.

E o tigre respondeu:

— Muitos anos atrás, na belíssima terra da China, viveu um homem rico e bondoso cujo nome era Chan Ah Sin. Seu coração era tão gentil que não podia passar por uma feira sem comprar todos os peixes, tartarugas, pássaros e animais vivos que encontrasse e lhes dar a liberdade e devolvê-los à vida. Esses animais e pássaros eram soltos por ele em uma floresta verdejante e fresca chamada Floresta dos Libertos, e os peixes e tartarugas eram soltos em uma lagoa enluarada chamada Lagoa da Vida Feliz. Ele também devolveu a liberdade a todos os animais enjaulados para exposições e também se lembrou dos répteis.

O tigre fez uma pausa.

— E você — observou Ming —, você, senhor tigre, e seus amigos da floresta, são descendentes desses animais, peixes e tartarugas que foram salvos por Chan Ah Sin Primeiro.

— Somos, Sua Excelência — replicou o tigre novamente se prostrando. — A influência benéfica de Chan Ah Sin Primeiro se estendeu ao longo dos séculos e preservou as vidas de seus jovens descendentes, Chan Ming e Chan Mai.

II

O ADEUS DO TIGRE

Muitas luas surgiram e se foram sobre a Floresta dos Libertos e a enluarada Lagoa da Vida Feliz. Ming e Mai viveram dias alegres e divertidos entre seus estranhos amigos. É claro que algumas vezes seus corações doíam e lágrimas rolavam pela falta de seu bondoso tio e da boa e velha babá, ou por seus amiguinhos na distante Cantão; mas essas ocasiões eram raras. As crianças sabiam muito bem a sorte que tinham e que seu destino poderia ter sido muito pior.

Certo dia, quando estavam na beira do rio brincando com os crocodilos e tartarugas, a água se revirou de repente, invadindo e açoitando a margem de uma maneira muito estranha para um rio normalmente calmo e silencioso.

— Ora, o que pode ser isso? — exclamou Ming.

— Um honorável bote está a caminho — avisou um peixe dourado.

Ming e Mai juntaram suas mãos trêmulas.

— São os marujos — disseram um para o outro. Então se levantaram e observaram com terror nos olhos

um comprido barco navegando majestosamente contra a correnteza.

Enquanto isso, vinham correndo da floresta o tigre, sua tigresa e seus filhos, o leopardo com sua parceira e seus leopardinhos, e todos os outros animais com suas crias e todos os pássaros e insetos, e todos os seres vivos que moravam na Floresta dos Libertos e na Lagoa Enluarada. Todos cercaram Ming e Mai, agachados aos seus pés, trepados nas árvores acima deles, amontoados uns sobre os outros na margem e dentro da água.

O barco parou no meio da correnteza, diante da faixa de floresta agora repleta de coisas vivas. Eram dois homens com robes de seda e alguns marinheiros. Havia também uma senhora idosa protegida por um guarda-sol e um leque cuja brisa tremulava as folhas da Floresta dos Libertos.

Quando o barco parou, a senhora exclamou:

— Olhem! Vejo meus preciosos protegidos cercados por feras selvagens. Ai, ai, ai! — Seus gritos tomaram o ar e Ming e Mai, vendo que a mulher era Woo Ma, sua velha babá, aplaudiram entusiasmados.

— Venha para cá — gritaram. — Nossos queridos amigos darão as boas-vindas a vocês. Não são animais selvagens, são seres superiores, elegantes e educados.

Então um dos homens vestindo seda ordenou que os marujos atracassem na margem. O outro homem de robe

se aproximou e se debruçou sobre o flanco do barco e disse ao tigre e ao leopardo:

— Realmente, honoráveis seres, vejo que de fato são amigos de meus queridos sobrinho e sobrinha, Chan Ming e Chan Mai. Peço humildemente sua permissão para desembarcar na margem deste rio, na beira de sua floresta.

O tigre e todos os seus irmãos animais se prostraram e gritaram:

— Bem-vindo, nobre, ilustre, bondoso e incomparável Chan Ah Sin Nono.

Então Mai subiu no colo de sua babá e Ming segurou o robe de seu tio. O outro homem de robe explicou como e por que haviam vindo até a Floresta dos Libertos e à Lagoa Enluarada.

Um peixe encantado, um pato encantado, uma borboleta encantada e um pássaro encantado que haviam visto as crianças no rio quando os cruéis marinheiros os abandonaram. Levaram a notícia aos camponeses dos campos de arroz, plantações de chá e bosques de palmas e bambus. Nasceu disso uma grande indignação, e o povo da província, que amava muito a família Chan, manifestou-se em seu poder e demandou que uma investigação se iniciasse contra a afirmação de que Chan e seus familiares haviam violado a lei e por isso haviam sido condenados. Acontece que as acu-

sações, feitas por um maldoso inimigo de alta patente, eram completamente infundadas e o veredito e o exílio contra a família Chan foi anulado.

O primeiro pensamento do tio de Ming e Mai ao ser libertado da prisão foi para seus pequenos sobrinhos. E qual não foi sua surpresa ao saber que os dois juvenzinhos da casa dos Chan haviam sido exilados em uma distante floresta banhada por um rio assombrado, os quais, diziam, eram habitados por seres selvagens. Além do mais, após os marinheiros os deixarem lá, sendo, portanto, os únicos que sabiam sua localização, se afogaram em uma corredeira veloz em sua viagem de volta. Parecia quase impossível encontrar o caminho até os pequeninos, e Chan Ah Sin Nono estava prestes a desistir quando o pássaro, o peixe e a borboleta encantados, que haviam avisado os camponeses, também avisaram o tio onde ficava a floresta do exílio e como chegar até lá.

— Sim — disse Chan Ah Sin Nono quando seu amigo terminou a narrativa. — Mas não nos contaram que eu encontraria meus sobrinhos tão bem cuidados. Somente os céus saberiam dizer por que cuidaram tão bem de nossas queridas crianças.

Ele se curvou diante do tigre, do leopardo e de todos os seres à sua volta.

— Excelentíssimo e honorável Chan Ah Sin Nono — respondeu o tigre, agachando-se —, tivemos o prazer e o privilégio de sermos bons com estes pequeninos porque muitos anos atrás, na bela terra da China, seu honorável ancestral, Chan Ah Sin Primeiro, foi bom e gentil com nossos antepassados.

Então, levantando-se sobre suas patas, ele se voltou para Ming e Mai e carinhosamente os tocou.

— Honoráveis pequeninos, seu exílio terminou e aqueles que habitam a Floresta dos Libertos e que vivem nas águas da Lagoa da Vida Feliz não mais verão o brilho de seus olhos. Que os céus abençoem e preservem ambos para serem bondosos e nobres ancestrais de seus descendentes, assim como seu ancestral, Chan Ah Sin Primeiro, foi para vocês.

A HISTÓRIA DA PEQUENA AVE MARINHA

Uma pequena ave marinha chinesa sentou na grama que crescia sobre uma ilha rochosa. A pequena passarinha chinesa estava muito triste. Sua asa estava quebrada e todos os seus irmãos e irmãs haviam partido e a deixado sozinha.

Por que, oh, por que sua asa havia se quebrado? Por que, oh, por que seus irmãos a abandonaram?

A pequena ave marinha olhou para o mar. Como a vida é linda e movimentada! O mar era o único consolo para a pequena ave marinha. Ela sempre fora uma pequena ave marinha amável e apaixonada. Quanto mais ondas com franjas brancas se formavam para seu deleite, outras mais sempre vinham. Mutabilidade imutável, elas nunca a abandonaram — ou a ilha. Quando ela ainda podia voar, fazer círculos no ar, planar sobre a água, mergulhar para pescar e ser feliz e alegre... era o tempo em que ela fazia parte de um grupo e todos a amavam. Mas desde que sua asinha se que-

brou, tudo ficou diferente. A pequena ave marinha sacudiu sua cabeça consternada.

Mas o que seria aquilo que as ondas traziam em sua direção? A pequena ave marinha deu uma rápida olhada, então escondeu sua cabecinha sob a asa que não estava quebrada.

Ora, mas o que a pequena passarinha chinesa avistara era um barco. Dentro do barco havia três meninos — e esses meninos chegavam à ilha para colher ovos de pássaros. A pequena ave chinesa sabia disso e seus olhinhos brilhantes e espertos reluziram como joias, e ela se arrepiou e estremeceu ao colar seu corpo o máximo que podia no chão.

Os meninos aportaram e logo vasculhavam a ilha, recolhendo todos os ovos que encontravam. Às vezes passavam tão perto da pequena passarinha chinesa que ela achou que seria pisoteada. Ela fechou o bico bem apertado para que nenhum som escapasse caso algum acidente dolorido acontecesse. No entanto, quando a ponta de uma trança solta roçou sua cabeça, a pequena ave marinha se esqueceu completamente de sua prudente decisão de sofrer em silêncio e a bicou. Felizmente para ela, a mãe do menino não havia prendido a ponta do cordão vermelho com muito cuidado. Assim, quando a pequena ave marinha bicou a trança, não causou nenhuma dor ao menino ou o fez olhar para o lado, como talvez pudesse acontecer, mas simplesmente soltou o

cordão vermelho — que ficou pendurado por um bom tempo no bico da pequena ave marinha. Ela se entreteu observando seu vermelho vivo e temia deixá-lo cair e assim chamar a atenção dos meninos.

Enquanto isso, tendo recolhido quantos ovos podiam, os garotos voltaram seus pensamentos para conspirar contra a pequena ave marinha e seus irmãos e irmãs. A pequena ave marinha ouvia com atenção sem soltar o cordão vermelho. Por muitas horas depois que os meninos deixaram a ilha, a pequena ave marinha ficou meditando sobre o que havia ouvido. Meditou tão profundamente que se esqueceu completamente da dor de sua asa quebrada.

Ao final da tarde seus irmãos e irmãs voltaram para casa e pousaram, formando um vasto manto com suas asas.

Por algum tempo a pequena ave marinha permaneceu completamente imóvel e em silêncio. Ela ficava dizendo a si mesma: “Para que me importar? Para quê?”. Mas como ela se importava, repentinamente deixou cair o cordão vermelho e estalou seu bico várias vezes.

— Que barulho todo é esse? — perguntou o pássaro marinho mais velho.

— Caro irmão — respondeu a pequena ave marinha —, espero não tê-lo perturbado. Mas não acha esta noite adorável? Veja como a lua brilha.

— Vá dormir! Vá dormir!

— Fez um bom voo hoje, irmão?

— Passarinha chata, vá dormir, vá dormir.

Essa última fala foi da irmã mais velha da passarinha.

— Ah, irmã, é você? — respondeu a pequena ave marinha. — Vi quando você partiu com a revoada que deixou nossa ilha e fiquei admirando o branco reluzente debaixo de suas asas e cauda.

— A minha é mais branca — chilreou a mais jovem de todos os pássaros.

— Vá dormir, vá dormir! — disparou o irmão mais velho.

— O que você comeu hoje? — perguntou o segundo irmão da pequena ave marinha.

— Comi um delicioso mingau de minhocas, irmão — respondeu a pequena ave marinha. — Eu os escavei em volta de mim porque, sabe, eu não arrisquei me afastar muito com medo de que minha asa quebrada ficasse ainda pior.

— Asa quebrada? Ah, sim, sua asa quebrada! — murmurou o segundo irmão.

— Ah, sim, sua asa quebrada! — os outros ecoaram indistintamente.

Então todos, exceto a ave mais jovem, colocaram suas cabeças sob as asas, pois todos, exceto a pequena ave, sentiram-se um tanto envergonhados.

Mas a pequena ave marinha não queria que seus irmãos e irmãs ficassem envergonhados de si mesmos. Ela ficou constrangida e por isso novamente elevou sua voz:

— Mas meu dia foi divertidíssimo mesmo assim. O mar e os céus nunca foram tão gentis. Quando me cansava de olhar as ondas brincando, levantava os olhos para ver as nuvens. Elas navegavam para longe no suave céu azul e branco.

— É muito chato ficar só olhando essas coisas — disse o mais jovem de todos os pássaros. — Nós voamos até a altura das nuvens e mergulhamos nas ondas. Foi tão divertido mergulhar e nadar! Quando bati minhas asas depois de me banhar na espuma prateada, parecia que estava chovendo joias.

— Que maravilhoso! — exclamou a pequena ave marinha. Então ela se lembrou de que se seus amigos e irmãs quisessem ter um dia tão bom assim amanhã, ela deveria contar a eles uma história. Uma história verdadeira.

E foi o que ela fez.

Depois que terminou houve um grande ruflar de asas e todos os seus irmãos e irmãs se levantaram, prontos para voar.

— E pensar que — comentaram entre si — se tivéssemos ficado uma hora a mais, esses meninos maldosos teriam aparecido com suas tochas, nos emboscado e matado com suas pedras.

— Sim, e teriam nos temperado e salgado!

— Temperado e salgado!

— E secado!

— E secado!

— E nos comido!

— E comido!

— Que grosseria!

— Que disparate!

— Que coisa mais absurda!

— Você tem mesmo certeza? — perguntou o mais velho dos irmãos da pequena ave marinha.

— Olhe — ela respondeu —, eis aqui o cordão vermelho da trança de um dos meninos. Eu o peguei quando sua trança balançou diante de mim!

Os irmãos e irmãs se entreolharam.

— Como devem ter chegado perto dela! — exclamou a irmã mais velha.

— Teriam pisado nela até a morte de um jeito nada desejável — observou a segunda.

— Certamente farão isso durante a noite usando suas tochas — foi a opinião do segundo irmão.

E o irmão mais velho olhou com seriedade para a pequena ave marinha e disse:

— Se não tivesse nos avisado do que esses insolentes planejam, você não teria de morrer sozinha.

— Mas eu prefiro morrer sozinha! — respondeu orgulhosa a pequena ave marinha. — Será muito melhor morrer em silêncio do que ouvindo seus gritos e lamentos em meus ouvidos.

— Ouçam ela! Oh, ouçam isso! — exclamou a segunda irmã.

Mas a irmã mais velha, aquela com cetim branco sob as asas e uma cauda aberta em leque, pousou e começou a arrancar alguns capins.

— Venham — gritou para os outros pássaros. — Vamos construir um ninho forte o bastante que possa levar aquela que nos salvou hoje até um lugar seguro.

— Faremos isso com prazer — responderam os outros pássaros.

Então todos pousaram e ajudaram a construir o ninho mais maravilhoso que já foi construído, usando o mesmo cordão vermelho vivo para alinhar a estrutura. O cordão da trança do menino fez o ninho forte o bastante para aguentar o peso da pequena ave chinesa. Ao terminarem, a arrastaram e então, com seus bicos apertando firmemente os flancos, bateram suas asas e em seguida já voavam alto no céu. A pequena ave marinha chinesa de asa quebrada estava feliz por poder estar entre eles.

CADÊ A GATA?

Cadê a gata? — perguntou a princesinha para a criada mais velha.

— Está sentada do lado ensolarado da mureta do jardim, observando as borboletas. Ela miou para que três das mais belas caíssem em sua boca, e acredita que foi isso mesmo o que aconteceu? Uma verde, uma azul e uma rosa salpicada de dourado... todas desceram goela abaixo da gatinha.

A princesinha sorriu.

— Mas cadê a gata? — perguntou para a segunda criada.

— Está sentada na poltrona de seu honorável pai e o melhor servo dele está acariciando suas costas com o próprio coçador de seu pai, feito do mais puro ouro e marfim.

A princesa abriu um grande sorriso e caminhou graciosamente para outro aposento. Ali ela viu a filha mais jovem de sua madrasta.

— Cadê a gata? — perguntou pela terceira vez.

— A gata! Ah, ela foi para a fazenda de patos de Shinku. Os patos gostam tanto dela que quando a veem nadam até a

margem e a abraçam com suas asas. Quatro deles se juntaram para fazer uma balsa e com ela em suas costas desceram pela correnteza. Eles encontram alguns patinhos no caminho e ela bateu com suas patinhas neles até afogá-los. Os patos adultos grasnaram muito!

— É uma boa história — observou a princesa.

Ela foi até o jardim e, ao ver um dos jardineiros, disse:

— Cadê a gata?

— Está brincando debaixo da cerejeira, mas você nem perceberia se a visse — respondeu o jardineiro.

— Por quê? — perguntou a princesa.

— Porque, Sua Alteza, dei a ela um bom mingau de vermes e assim que o comeu sua pelagem branca ficou verde brilhante, com listras pretas. Parecia uma lagarta gigante e todas as lagartinhas irão promover uma grande festa hoje à noite em sua homenagem.

— Pelos céus! Mas que bela gata! — exclamou a princesa.

Um pouco mais adiante ela encontrou um dos mordomos do palácio.

— Cadê a gata? — perguntou.

— Está dançando no salão de baile com um elegante vestido rendado de teias de aranha e uma gargantilha de pérolas de arroz. Seu par é o dragão amarelo do salão, que ganhou vida, e juntos dão passos tão garbosos que quem os

vê suspira em êxtase. Três pequenos camundongos sustentam a cauda de seu vestido enquanto dança e um outro fica sentado na ponta da cauda enrolada do dragão.

Ao ouvir isso a princesa estremeceu como um salgueiro e teve de seguir para os seus aposentos. Ao chegar lá, recobrou-se e colocou uma flor em sua sobancelha perfeita. Então ordenou que todos a quem ela havia perguntado da gata fossem chamados. Quando chegaram, ela os olhou de maneira muito séria e disse:

— Cada um me disse uma coisa diferente quando perguntei “Onde está a gata?”. Qual delas é verdade?

Ninguém respondeu. Todos estavam tremendo e pálidos.

— Todas são mentirosas — anunciou a princesa.

Ela levantou seu braço e da manga de sua blusa saiu a gata branca. Ela estivera ali o tempo todo.

Então o cordial mordomo se aproximou dela com três reverências.

— Princesa — ele disse —, uma história seria uma história se fosse verdadeira? Sua manhã teria sido tão divertida se, ao invés de nossas histórias, nós, seus humildes servos, tivéssemos simplesmente dito que sua gata estava em sua manga?

Toda a seriedade da princesa desapareceu em um riso.

— Obrigado, meus queridos servos — disse ela. — Admiro seu desejo em me divertir.

Ela olhou para sua gata, lembrou-se das coisas que seus servos inventaram e riu como uma princesa, sem parar.

O SELVAGEM E O MENINO REFINADO

Quer vir comigo? — convidou o selvagem.
— Com prazer — respondeu o menino refinado.

O selvagem o tomou pela mão e juntos atravessaram os alagados campos de arroz, subiram as encostas onde cresciam plantas de chá, penetraram florestas até enfim chegarem a uma estrada larga, ladeada por grandes árvores que nunca perdiam a cor, onde a cada quilômetro, aproximadamente, havia áreas de descanso construídas com varas de bambu.

— Meu honrado pai mandou fazer essas áreas de descanso para os pobres carregadores — explicou o menino refinado. — Aqui eles tiram os cestos das costas, comem noz-de-areca e descansam um pouco.

— Ah, ah! — riu o selvagem. — Acho que hoje não vão passar muitos carregadores por aqui. Eu limpei a estrada antes de virmos para cá.

— É mesmo? — espantou-se o menino — E como fez isso, pode me dizer?

— Eu os devorei.

— Ah... — suspirou o menino, e se deu conta do silêncio e da calma ao redor. Nem mesmo as folhas das árvores se mexiam. Somente um pássaro sobrevoava ali perto.

Os braços e pernas do selvagem eram gigantescos, e seu peito era coberto de pelos. Sua boca era desproporcionalmente grande e tinha os cabelos eriçados e desgrenhados. Vestia um saco de estopa, com buracos por onde passavam os braços. Usava um chapéu de palha de palmeira, com manchas de sangue de cervo.

O menino refinado era pequeno e rechonchudo. Sua pele era como seda e seus dedos, pequenos e rosados. Sua trança estava impecavelmente entrelaçada com fios de seda multicoloridos. Vestia uma túnica cor de pêssego e calça azul-celeste, ambas de tecido da melhor qualidade e finamente bordadas. Os botões de sua roupa eram de ouro puro e em seu chapéu via-se o emblema do dragão. Era um cidadão respeitável, descendente de Confúcio, um verdadeiro aristocrata.

— Em que está pensando? — perguntou o selvagem.

— Nos carregadores. A carne deles é boa? — tornou o menino, ligeiramente curioso.

— É sim, mas há carnes ainda mais saborosas, tenras e macias, sabia?

O menino refinado lembrou-se da mansão de seu pai, dos tetos decorados com afrescos de onde pendiam candelabros com pérolas, das salas com grandes vasos azuis e móveis com dragões entalhados, da galeria de vidro por onde passavam sua mãe e irmãs. Sobretudo, pensou em seus nobres ancestrais.

— Sobre o que vossa excelência gostaria de conversar?
— indagou o menino refinado, cujas bochechas gorduchas eram o objeto da contemplação silenciosa do selvagem já há alguns minutos.

— Sobre coisas gostosas de se comer — respondeu de pronto o outro.

— Pois muito bem. O que não faltam são comidas gostosas. — O olhar do menino se perdeu na distância, pensativo.

— Conte-me sobre os belos pratos preparados pelo cozinheiro de seu pai. Afinal, é por causa deles que você está assim.

O menino olhou para seu próprio corpo de cima a baixo, orgulhoso.

— Espero, humildemente, fazer jus às habilidades de nosso cozinheiro.

A risada do selvagem foi tão estrondosa que as árvores estremeceram.

— Ele faz, por exemplo, uma ótima gelatina de algas — começou o menino. — E também guisado de lírio d'água, bolinhos de frango e carne de porco com broto de bambu, sopa de ninho com amêndoas cozidas, ovos de patos com mais de cem anos, decorados com fatias de leitão, além dos deliciosos peixes fritos e bolinhos de arroz recheados com carne, mel e folhas de rosa, sapos cristalizados, caranguejos, doces de algas e estrelas-do-mar em conserva.

Fez uma pausa.

— E de qual desses pratos você gosta mais? — perguntou o selvagem.

Os olhos do menino percorreram o corpo gigantesco do selvagem, chegando até à boca faminta com dentes que mais pareciam presas. Com um peteleco, atirou para longe uma joaninha que subia pela manga de sua camisa, sorrindo para o grande homem.

— Mais do que qualquer um deles, honrado senhor — disse lentamente —, eu gostaria mesmo é de devorá-lo.

O selvagem caiu sentado, petrificado, olhos fixos no menino, a boca semiaberta, o cabelo arrepiado. Lá está até hoje, uma estátua de pedra às margens da estrada que vai para Cheang Che.

OS VESTIDOS DAS FADAS

Por que nunca vemos as fadas? — perguntou Mermei.
— Porque elas não querem ser vistas — respondeu sua mãe.

— E por que, honrada mamãe, elas não querem ser vistas?

— E por acaso você, minha jadezinha, gostaria de ser vista sem túnica, descalça e de cabelos soltos?

Mermei baixou o olhar para sua túnica azul de seda, bordada em branco e dourado, depois para seus sapatos vermelhos com as pontas incrustadas com figuras de gatinhos. Olhou então para o espelho na parede, onde o sol refletia, e viu o laço que imitava asas de borboleta em seus cabelos.

— Ah, nunca, mamãe! — respondeu, sacudindo a cabeça com um ar de indignação.

— Então, quando eu lhe contar o motivo das fadas não aparecerem para você a não ser em sonhos, você vai entender que elas fazem exatamente o que você faria no lugar delas.

— Eba! Uma história! — alegrou-se Mermei, batendo palmas e sacudindo seu leque.

Choy, Fei, Wei e Sui, que brincavam de bola e raquete no gramado, correram para dentro e sentaram-se junto com Mermei e sua mãe. Todas adoravam ouvir histórias.

— Há muitos, muitos anos — começou a mãe —, quando o sol ainda era um menino bonzinho, mas muito travesso (gostava de fazer traquinagens com frutas, flores e outras plantas), e sua irmã lua ainda era muito jovem e ainda não havia se tornado triste e misteriosa, as fadas se reuniram certa noite. O sol não estava presente, é claro, e a lua havia se recolhido para detrás de uma nuvem. No silencioso céu, apenas as estrelas brilhavam. Sob a luz delas, as fadas se entreolhavam e admiravam a beleza radiante de suas vestes de tons variados, maravilhosamente modeladas com franjas e rendas, algumas com brilhos extravagantes, outras leves e delicadas, todas encantadoras como um sonho. Tão alegres estavam com sua própria beleza que dançavam pelo céu noturno.

“Terminada a dança, a rainha das fadas lançou um profundo suspiro de felicidade, reverenciou suas belas súditas e disse:

“Minhas queridas irmãs, a missão das fadas é alegrar o coração dos mortais. Portanto, esta noite, deixemos aqui na

terra estas vestes requintadas, de lindas formas e cores, que tantas alegrias nos deram. E como não podemos ser vistas despidas, de agora em diante nos tornaremos invisíveis.’

“Sim! Sim!’, concordaram. Todas tinham o coração repleto de bondade e, por mais que amassem seus caprichosos vestidos, nada lhes agradava mais do que trazer felicidade aos outros.

“E é por isso que as fadas são invisíveis, e por isso existem as flores.”

— As flores! — exclamou Mermei. — O que elas têm a ver com a história?

— E os vestidos das fadas? Onde foram parar? — perguntou Fei com um brilho nos olhos.

— Nos jardins, florestas e riachos — explicou a mãe. — As flores, minhas pequenas, são as vestes de cores vivas que as fadas deixaram na terra, para onde não retornam mais, exceto quando estão invisíveis.

SONHOS FRUSTRADOS

Ping Sik e Soon Yen sentaram-se à beira da estrada, debaixo de uma oliveira de copa ampla. Estavam a caminho da feira, onde iriam vender dois leitõezinhos. Com o dinheiro da venda, comprariam bonés e sapatos para irem à escola.

— Quando eu crescer — disse Ping Sik —, serei tão forte e alcançarei tantas glórias que o imperador me concederá a honra de vestir três plumas de pavão. Quando eu viajar em missões diplomáticas, todos prestarão máxima reverência ao me conhecer.

— E eu — emendou Soon Yen — serei um grande general. As rédeas do meu corcel terão as cores púrpura e escarlate, e usarei no meu quepe uma pluma azul brilhante.

— Serei também um grande poeta e intelectual — continuou Ping Sik. — Tanto que a maior universidade da China me dará de presente um vaso incrustado de pérolas.

— E eu serei tão valente e rigoroso que nosso nobre imperador me fará comandante supremo do exército, e só de ouvirem meu nome meus inimigos tremerão de medo.

— Eu terei um casaco amarelo com os nomes de três ancestrais bordados em sete cores.

— E eu usarei mantos de seda costurados por princesas, e um casaco de peles finas.

— Viverei em uma mansão construída com mármore e ouro.

— E a minha terá salões feitos com jade.

— Terei plantações de seda e de chá, e milhares de fazendas de arroz.

— E eu serei dono de todas as plantações de bambu, e meus barcos de pesca e de carga navegarão por todo o mar e por todos os rios.

— Quando me virem, as pessoas vão se curvar e dizer: “Ó, excelentíssimo, graciosíssimo, belíssimo”.

— E eu serei tão poderoso que ninguém sequer pensará em me contrariar.

— Ora essa! Seus vagabundos! — gritou o pai de Pink Sik. — O que estão fazendo aí debaixo dessa árvore? Deviam estar na feira!

— E onde estão os leitões? — berrou o pai de Soon Yen.

Os meninos olharam nos cestos onde os porquinhos deveriam estar. Enquanto sonhavam com glórias futuras, os leitõezinhos haviam escapado pela frouxa trama de bambu.

Seus pais se aproximaram deles com varas nas mãos.

— Já que não têm boné nem sapatos, não poderão ir à escola — esbravejaram. — Por isso, voltem para a fazenda e vão dar de comer aos porcos.

ALEGRE YEN

Estou tão feliz! Tão feliz! — gritou o pequeno Yen.
— E por quê? — perguntou Wou. — Por acaso
você ganhou um porta-joias dourado repleto de
adereços preciosos, ou um leque de penas de pavão, ou um
casaco colorido, ou um saco cheio de ouro? Por acaso seu
pai ficou rico ou foi promovido a alto mandarim?

Wou suspirou ao final de suas tantas perguntas. Havia
expressado suas próprias ambições.

— Não! — respondeu Yen, aos saltos.

— Então por que está feliz? — repetiu seu amigo.

— Por quê? — O sorriso de Yen se alargou ainda mais. —

Ah, porque eu tenho um lindo céu azul, um rio que murmura,
cachoeiras que são como uma chuva de pérolas e diamantes,
e raios de sol com um brilho mais intenso que as mais belas
joias. Porque eu tenho os insetos que sibilam, os besouros que
voam, e as engraçadas minhocas que rastejam. E os pássaros,
tão lindos e de todas as cores. E alguns deles ainda cantam!

Eu tenho o sol, a lua e as estrelas. Sem falar das flores! Como alguém não se alegraria ao ver a beleza das flores?

O rosto de Wou, antes triste e melancólico, subitamente se iluminou em um sorriso.

— Ora essa — disse ele —, eu também tenho todas essas coisas belas. Também tenho o céu azul, as águas, os pássaros e flores! Tenho o sol, a lua e as estrelas, assim como você. Mas nunca havia pensado neles assim!

— É claro que você tem — afirmou Yen. — Você tem tudo o que é meu, e eu tenho tudo o que é seu, e ainda assim nenhum pode tirar nada do outro.

O MANTO ENGANOSO

Um belo dia, quando Tsin Yen tinha cerca de oito anos de idade, jogava peteca com seu irmãozinho no gramado que seu pai havia reservado como espaço para suas brincadeiras. A área fazia parte de um elaborado jardim, com flores raras, samambaias e plantas exóticas que ficavam em caros vasos de porcelana, tudo cercado por altos muros.

Fazia calor e o portão do jardim fora deixado aberto para que a brisa ventilasse melhor. Um homem parou à entrada, observando os meninos. Tinha um pacote embaixo do braço.

— Serei agraciado com o precioso olhar de tão honradas crianças? — exclamou afinal.

Tsin Yen e Tsin Yo voltaram-se para o sujeito.

— O que deseja, ilustre senhor? — perguntou Tsin Yen.

— Que me permitam estender meu manto em seu gramado. Esta estrada está muito empoeirada e os insetos estão ouriçados demais para meu humor tão melancólico.

— Fique à vontade, senhor — consentiu Tsin Yen, lançando um rápido olhar para o pacote do homem antes de voltar à brincadeira.

O homem então desenrolou seu tecido calmamente. Tsin Yen e Tsin Yo estavam entretidos demais em suas brincadeiras e não prestaram atenção nele. No entanto, após alguns minutos, o estranho puxou de leve a manga da camisa de Tsin Yen e pediu para que se afastasse um pouco.

— Por que, honrado senhor? — perguntou Tsin Yen, bastante surpreso.

— Você, inteligentíssimo filho de tão ilustre pai, permitiu que eu estendesse meu manto aqui — tornou o homem, apontando o tecido que tinha textura e cor semelhantes a uma teia de aranha. A esteira já cobria quase toda a extensão do gramado, e ainda restava uma parte por desenrolar.

— Como eu poderia saber que um tecido tão grande estava embrulhado em um pacote tão pequeno? — protestou Tsin Yen.

— Pois devia ter imaginado, meu filho — interveio o pai de Tsin Yen, chegando ao local. — Se tivesse considerado a possibilidade antes de consentir que este senhor estendesse seu manto aqui, não teria de ceder o lugar a um estranho em uma tarde tão agradável. A palavra de um Tsin deve ser honrada sempre. Abram espaço, meus filhos.

Tsin Yen e Tsin Yo se afastaram, observando indignados o ardiloso manto estendido por todo o espaço onde não podiam mais brincar. Ao desenrolá-lo completamente, o homem sentou-se bem no centro, e lá ficou até o sol se pôr.

E por essa razão Tsin Yen, ao tornar-se homem, sempre pensava por três minutos antes de proferir qualquer palavra.

O QUE O CORAÇÃO DESEJA

Ela era delicada, esbelta e pálida como cera. Seus olhos eram puxados e semicerrados, com sobrancelhas arqueadas. Tinha pés pequenos como o lírio dourado e os cabelos pretos e brilhantes. Chamava-se Li Chung O'Yam e vivia em um palácio antigo, triste e belo, cercado por um jardim antigo, triste e belo, situado em uma encantadora ilha no meio de um lago. Em vários locais, pontes de mármore cobertas de trepadeiras verdes ligavam a ilha às margens do lago. Nunca se via nenhum barco nessas águas, apenas lírios rosados e cisnes brancos flutuavam sobre elas.

Li Chung O'Yam usava vestidos de seda de valor inestimável, além de cintilantes joias. Flores raríssimas desabrochavam somente para ela. Suas refeições e bebidas, dos mais refinados sabores, eram servidas em pratos e cálices de puro ouro e prata. Delicadas canções embalavam seu sono.

Ainda assim, Li Chung O'Yam era infeliz. Cercada pela grandiosidade de seu palácio encantado, suspirava sem sequer saber o motivo.

— Está cansada de viver sozinha — comentou um dos criados.

E o administrador do palácio, segunda maior autoridade depois de Li Chung O'Yam, ordenou:

— Tragam um pai para ela!

Trouxeram então um mandarim, velho e corpulento. O'Yam fez uma respeitosa reverência a seu augusto pai, que lhe indagou sobre seu estado de saúde. A moça apenas suspirou, ainda se sentia infeliz.

— De quem foi essa ideia? O que ela precisa é de uma mãe — disseram os criados.

Uma graciosa matrona, vestida com ricas sedas e abanando-se com um leque de penas de pavão foi apresentada a O'Yam como sendo sua mãe. A senhora ofereceu conselhos sobre as maneiras corretas de se comportar e de falar. Ainda assim, O'Yam deitou-se sobre suas almofadas de seda, desejando que a mãe fosse embora.

Então os criados conduziram O'Yam até um pátio amplamente iluminado com lanternas e tochas. Vários meninos, de idades próximas à dela, dançavam em pernas de pau. Um deles, todo vestido de vermelho e brandindo uma pequena espada, foi apontado como sendo seu irmão. O'Yam alegrou-se por alguns momentos, mas logo o barulho e a confusão a aborreceram.

Os criados, que viviam somente para agradá-la, reuniram-se para conversar, desesperados. O'Yam escutou a conversa e disse:

— Não se preocupem. Eu mesma encontrarei algo que alivie meu coração.

Mandou trazerem o pombo-correio, em cuja pata um criado amarrou uma mensagem escrita por ela. A ave voou até o local onde vivia uma garotinha chamada Ku Yum, que tinha a face redonda como a lua cheia e a boca vermelha como vinho. Ku Yum abraçava um gato para se aquecer e chupava o próprio dedo para enganar a fome. O pombo-correio lhe entregou a mensagem de O'Yam e voltou para o palácio.

— Tragam minhas bonecas e meus gatos, e me vistam com minhas melhores roupas — ordenou O'Yam.

Ku Yum atravessou vagarosamente uma das pontes que levava ao palácio de Li Chung O'Yam. A garotinha vestia uma blusa azul de algodão. Em uma mão trazia uma boneca de madeira rústica, e na outra seu gato. O'Yam correu para recebê-la no salão de entrada do castelo. Ku Yum admirou-se com as radiantes vestimentas de O'Yam, seus gatos e suas bonecas.

— Ah! — exclamou ela. — Como você está linda! Estamos vestindo as mesmas cores. E veja só, seus gatos e suas bonecas são muito parecidos com o meu gato e minha boneca.

— São mesmo — concordou O'Yam, apanhando a boneca de Ku Yum com cuidado e acariciando o pelo macio de seu gato.

Então mandou seus criados se reunirem e disse a eles:

— Vejam, finalmente encontrei o que meu coração desejava: uma irmãzinha.

E desde então O'Yam e Ku Yum viveram juntas e felizes em um palácio antigo, alegre e belo, cercado por um jardim antigo, alegre e belo, situado em uma encantadora ilha no meio de um lago.

O DOCE AMARGO

Vovô Chan cochilava em uma grande poltrona vermelha. A seu lado havia um berço, um cesto de trama grossa sobre uma robusta estrutura de madeira. No berço, o bebê dormia profundamente, sereno e sem emitir nenhum ruído.

A porta da cabana estava aberta. Yen brincava no gramado em frente. Mamãe Chan, que estava na vizinha tomando o chá da tarde, disse a ele ao se despedir:

— Seja bonzinho e tome conta do bebê e de seu honrado avô.

Yen usava um gorro vermelho de seda, um colete com bordados em cores vivas e calça roxa. Seu rosto era muito redondo e suave, com olhos brilhantes. Estava encantado com algumas pedras que havia encontrado e agora as empilhava em um dos cantos do gramado. Esfregava-as com suas mãozinhas gordas quando o bordão de Bo Shuie, o homem que vendia doces, atravessou o ar. Yen levantou-se num salto. No momento seguinte já estava na esquina, juntamente com

um enxame de crianças que se agitavam ao redor do homem dos doces. O vendedor era um sujeito fascinante. Levava um grande bastão sobre seus ombros largos, e de cada lado pendiam cestos de guloseimas. Os olhos melancólicos de Yen vislumbravam as amêndoas e limões cristalizados, os bolos de gengibre, os doces de cevada e as cocadas.

— Quero um desse, honrado doceiro — disse ele, apontando para um palito açúcarado, trançado em várias cores.

— Dinheiro! — respondeu o vendedor, estendendo a mão.

— Ah! — exclamou Yen. Havia pensado apenas nos doces e esquecera-se de que não tinha como pagar.

— Dê-me o doce, honrado vendedor. Aqui está o dinheiro — disse Han Yu.

O doceiro retirou o palito açúcarado de seu cesto e o entregou a Han Yu.

Tão rápido quanto suas pernas gorduchas permitiam, Yen correu para a cabana. Seu avô ainda dormia.

— Vovô! Honrado vovô! — gritou Yen, sem conseguir acordar o ancião.

De um gancho na parede pendia um longo barbante que perpassava e atava uma pilha de moedas. Mamãe Chan o havia pendurado ali justamente para quando vendedores ambulantes passassem pela casa.

Yen pensou em pedir a seu avô uma daquelas moedas de cobre perfuradas, mas mudou de ideia quando viu que ele não acordava. Lembrou-se de que havia tido dor de estômago no dia anterior e, ao queixar-se com sua mãe, ela o havia proibido de comer mais doces.

Hesitou por alguns instantes, observando a longa pilha de moedas amarrada pelo barbante vermelho. Estava em uma altura que Yen conseguia alcançar, e ele sabia como desamarrar o nó na extremidade do cordão. Sua mãe o havia ensinado, assim ele poderia pegar moedas e entregar para ela quando fosse necessário.

Ah, e que aroma delicioso e agradável! O vendedor carregava também uma panela de estanho e um pequeno fogareiro a carvão. Da esquina de onde preparava mais doces, o cheiro do açúcar de cevada flutuava até o nariz de Yen.

O menino enfim decidiu-se. Agarrou o cordão e dele retirou três moedas. Em um salto já estava de volta à rua.

— Quero três palitos de açúcar coloridos — pediu ao doceiro.

Voltou para o gramado com os três doces em mãos. Mal deu a primeira mordida no palito mais brilhante quando viu no chão o pião que sua mãe havia lhe dado naquela manhã. Continuou comendo a guloseima, que por algum motivo parecia ter perdido o sabor.

— Yen! Yen! — chamou seu avô, que havia acordado.

Yen correu até ele.

— Honrado avô, trouxe um lindo doce para o senhor — disse o menino.

Colocou os três palitos sobre os joelhos do avô.

— Minha criança! — exclamou o velho, ajustando os óculos. — Onde você conseguiu esses doces?

A face de Yen ficou muito vermelha. Sabia que o que havia feito era errado. Em vez de responder, deu três pulinhos.

— Como você conseguiu esses doces? — insistiu vovô Chan.

— Com o doceiro — respondeu Yen. — Foi com o doceiro. Agora coma, coma.

Vovô Chan não ouvia bem, e presumiu que a explicação de Yen tivesse sido satisfatória. Mordiscou um dos palitos de açúcar e deixou-o de lado.

— Coma mais. Coma tudo, honrado avô — suplicou Yen.

O velho riu e sacudiu a cabeça.

— Não consigo comer mais — respondeu. — Um velho não come como uma criança.

— Mas... mas... — bufou Yen, corando novamente. — Quero que o senhor coma, honrado avô!

Vovô Chan recusou, e Yen começou a resmungar e a falar alto, contrariado. Quando sua mãe voltou, estava vermelho como um pimentão e chiando como uma chaleira.

— Não sei o que esse menino tem — disse vovô Chan.

— Está muito irritado porque eu não posso comer doces.

Mamãe Chan olhou para o cordão de moedas e depois para o rosto corado do pequeno.

— Eu sei o que aconteceu. Esses doces não são mais tão doces para ele, então prefere que o avô os coma.

Yen encarou sua mãe. Como ela sabia? Como podia saber? No entanto, ficou aliviado por ela entender. À noite, foi para junto dela e disse:

— Honrada mamãe, o cordão de dinheiro está mais leve do que estava de manhã, mas o doce não foi nada doce.

O HOMEM INFERIOR

Ku Yum, a filhinha do professor Wen Hing, entrou na escola marchando atrás de seu pai e se arrastou para debaixo de sua mesa. Daquele refúgio seguro seus olhos brilhantes e amigáveis observavam os meninos da classe. Ku Yum tinha três anos de idade e foi a primeira menina a pôr os pés naquela sala. Como era de se esperar, sua presença cativou o interesse dos alunos, e não foram poucos os olhares disfarçados para a pequena figura gordinha de vermelho embaixo da mesa. De vez em quando, após um desses olhares, algum dos meninos cobria o rosto trêmulo com a manga da camisa ou com o caderno. A sorte era que o professor enxergava mal mesmo com seus óculos, e tais momentos passavam despercebidos.

A esposa de Wen Hing não andava bem de saúde, razão pela qual a garotinha acompanhava seu pai já há três semanas. Wen Hing era um marido atencioso e fazia aquilo para ajudar a esposa, que tinha que cuidar de mais dois bebês além de Ku Yum.

Mesmo com tais preocupações, o senso de dever do professor continuava aguçado como sempre, assim como seu olfato.

Subitamente, deixou de rabiscar a lousa e virou-se para a classe.

— Quem pensa apenas em comida é um homem inferior. — Ajustou os óculos e declarou em um tom de voz que fez seus pupilos tremerem:

— Algum filho degenerado de um pai honrado está comendo doce.

— Comendo doce? Como assim, honrado professor?
— exclamou Han Wenti.

— Comendo doce? — repetiu o pequeno Yen Wing.

— Doce?

— Doce?

Os sussurros indignados percorreram toda a sala.

— Silêncio! — ordenou o professor.

Todos calaram-se.

— Você, Go Ek Ju! — continuou o mestre. — Por que está com a cabeça abaixada?

— Estou escrevendo, sábio professor — respondeu o menino.

— Pois leia o que escreveu.

— “Um javali e um porco estavam comendo sementes no leito de um riacho seco” — declamou Go Ek Ju em sua vozinha estridente.

— Já chega! É fácil perceber onde sua mente está. Você é capaz de olhar nos meus olhos e dizer sinceramente que não estava comendo doce?

— Olhando em seus honrados olhos, professor, digo que não estava comendo doce nenhum.

A expressão do professor se tornou ainda mais severa.

— Você, Mark Sing! É você quem está comendo doce?

— Nunca provei nenhum, sábio professor.

Wen Hing bufou de raiva.

— Alguém está comendo doce! — continuou. — Quem quer que seja, que fale agora, e seu castigo será somente quatro golpes de palmatória.

Fez uma pausa. Contou um minuto no relógio, mas ninguém se apresentou. Ergueu sua palmatória.

— Já que ninguém tem a decência de confessar sua afronta, todos serão punidos. Assim o verdadeiro culpado será também castigado. Go Ek Ju, venha até aqui para receber seus oito golpes de palmatória.

Go Ek Ju foi até a frente da sala e recebeu o castigo. Ainda tremia de dor quando sentiu que uma mãozinha embaixo da mesa agarrava seu pé. Apertou os lábios. Voltou a seu lugar dolorido, mas altivo, pois tinha a consciência limpa. Todos os seus colegas receberam a mesma punição.

Os quinze alunos, já de volta a seus lugares, ainda sentiam as dores da injusta punição enquanto copiavam repetidas vezes a frase “Quem pensa apenas em comida é um homem inferior”. O professor estava afundado em sua cadeira, exausto, quando uma pequena figura vermelha emergiu de debaixo da mesa e tentou subir em seu colo. Foi impedida por seu pai.

— O quê? O quê? — exclamou o desconcertado mestre, esfregando a testa. — Não pode ser!

Ergueu a pequena e mostrou seu rosto à toda classe. Uma face rechonchuda e alegre, com covinhas e um sorriso de dentes brancos. Nas mãos da menina, duas balas vermelhas e brancas, de hortelã — o doce!

— Vejam só — disse ele — quem é o homem inferior!

A revelação fez com que os alunos parassem de ressentir suas dores. Amavam a pequena Ku Yum e consideraram que a haviam salvo da palmatória.

O CEGO FELIZ

Ah Yen sentia muita dor em seu dedinho, pois havia cutucado uma torta de mel que ainda estava muito quente. Sua honrada mãe havia advertido “Não toque na torta, está muito quente”, mas assim que ela saiu da sala, Ah Yen esqueceu-se completamente do aviso. Enfiou o dedinho esquerdo na parte mais macia, doce e quente da torta.

Estava agora sentado à janela, triste e com dor, com o dedo já cuidadosamente enfaixado por sua mãe. Lá fora o dia parecia alegre e convidativo. O céu tinha um lindo tom de azul, salpicado de nuvens brancas e fofas. Na árvore em frente à cabana de seu pai, dois pássaros cantavam em meio às flores lilases.

Mas Yen, por conta da dor, não se sentia nem um pouco feliz. Se não estivesse com o dedo machucado, poderia estar brincando com o pião colorido que seu tio lhe dera um dia antes.

— Não está um dia lindo, filho? — perguntou sua mãe.

— Não tem nada de mais.

— Veja que pássaros bonitos na árvore — insistiu ela.

— Não achei nem um pouco bonitos — respondeu o menino.

— Ah, desisto! — exclamou a mãe, e voltou a seus afazeres.

Em seguida um velho cego dobrou a esquina, trazendo uma viola na mão. Parou bem debaixo da janela onde estava Yen. Recostou-se no muro e começou a dedilhar o instrumento, uma melodia alegre e animada. Yen olhou para baixo e estranhou a cena. O velho, além de cego, era manco, e tão magro que parecia nunca ter comido mais do que meia tigela de arroz por dia. Como podia tocar uma canção tão alegre? A música era tão divertida que Yen se esqueceu da dor e da tristeza. O velho continuou tocando por mais algum tempo, sob o ouvido atento. O menino já sorria e logo não pôde conter sua risada. O cego ergueu a cabeça em sua direção. Apesar de não enxergar, percebeu que havia uma criança perto dele, divertindo-se com suas canções.

— Honrado vovô de todos — disse Yen —, o senhor pode me explicar por que, sendo velho, manco e cego, consegue tocar músicas tão felizes, que alegram a todos que as ouvem?

O cego parou de tocar e coçou o queixo. Sorriu para o garoto e respondeu:

— Eu acho, pequeno de olhos preciosos, que é justamente por eu ser velho, manco e cego que faço música alegre.

Yen olhou para seu dedo machucado.

— Ouviu o que o vovô de todos disse? — perguntou o menino à sua mão.

Esticou seu dedinho completamente. Já não doía, e Yen não mais se sentia triste.

INCOMPREENDIDA

O bebê dormia. Ku Yum observava com curiosidade o sono sereno de seu irmão mais novo. Naquela tarde, o bebê teria sua cabeça raspada pela primeira vez, e estava devidamente vestido para a ocasião: três coletes de seda acolchoados, calça azul-celeste e um chapéu bordado, no qual também estavam presos uma pequena imagem de um deus dourado e um ramo de sempre-viva. O chapéu se mantinha intacto em sua cabeça, mesmo durante o sono. Havia amarrado diversos amuletos e talismãs em seus braços e tornozelos, e ele tinha a aparência de um bebê iluminado.

Ku Yum achava seu irmão lindo e queria pegá-lo e levá-lo para algum lugar onde pudesse tê-lo só para si.

A menina estava maravilhada com o irmãozinho, Ko Ku, desde que ele nascera. Como podia ser tão pequeno e ainda assim chorar tão alto? Por que seus dedinhos eram tão rosados? Por que sua mãe sorria e cantava sempre que o pegava no colo? Por que seu pai, quando voltava da horta, ficava olhando para Ko Ku por tanto tempo? Por que sua

avó estava tão encantada pelo pequeno? E principalmente, por que ninguém lhe dava comida?

O bebê dormia profundamente. Sua boquinha estava entreaberta e dela saía um suave ressonar. Tinha um mês de idade, havia acabado de completar sua primeira lua. Coitadinho! Nunca havia comido nem uma tigela de arroz ou um pedaço de bolo. Ku Yum tinha o coração apertado de pena. Tinha um bolo meia-lua na mão, feito com feijão vermelho e semente de lótus. Era a época do Festival da Lua e Ku Yum já havia comido três desses doces típicos. Não tinha dúvidas de que o bebê adoraria provar um pedacinho. Ao debruçar-se sobre ele, deitada sobre a colcha de seda, hesitou. Ku Yum tinha um saudável respeito pelos chinelos de bambu de sua mãe, instrumentos de doloridas reprimendas.

A cortina estava rasgada em um dos lados. Uma brisa preguiçosa a levantou, revelando a janela aberta. Era um acesso para a horta. Mais ao longe havia um pequeno bosque, fresco e agradável, com uma convidativa poça de lama.

A menina teve uma inspiração, permeada de boas intenções. Pegou o bebê no colo e, ofegante, caminhou com ele até o destino desejado. O pequeno chegou a abrir os olhos e resmungar, mas logo voltou a dormir.

Ku Yum o deitou na grama, ajeitou seu chapéu, alisou suas roupas, passou os dedos sobre suas sobrancelhas (ou

no local onde elas deveriam estar), cutucou carinhosamente suas bochechas rechonchudas e bagunçou seu cabelo fino e liso. Pequenos suspiros de prazer escaparam de seus lábios. O passado e o futuro não significavam nada para ela. Só existia a alegria do momento presente.

Aquilo se seguiu por alguns minutos, até o que o choro estridente do bebê preencheu o ar. Ku Yum ergueu-se. Lembrou-se do bolo, que havia esquecido no quarto. Colocou sobre a boca do irmãozinho uma folha que encontrou ali perto, na esperança de que abafasse seu choro. Voltou à casa, caminhando com cuidado entre as abóboras e repolhos.

Estava tudo silencioso. Era quase pôr do sol e a casa estava quente. Sua mãe ainda dormia o cochilo da tarde. Ku Yum apanhou o bolo e voltou rapidamente para onde o bebê estava, sua face resplandecia uma expressão bondosa, certa de que estava fazendo uma coisa boa. Enfiou alguns pedaços na boca da criança, que apertou os olhos, torceu o nariz e gorgolejou. A menina não entendeu por que o irmão não fez a expressão de prazer esperada de alguém que comesse algo tão delicioso.

— Olhe para mim! Veja como se faz! — disse ela, e engoliu o restante do bolo em duas mordidas.

No entanto, o exemplo pareceu não causar nenhuma reação em Ko Ku. Sua língua e bochechas estavam cheias de farelo e ele ainda gritava estridentemente.

Decepcionada, Ku Yum observou o irmão.

— Ele ainda não sabe comer. É por isso que não dão nada a ele — pensou em voz alta e, após essa conclusão lógica, propôs-se a encontrar outras maneiras de agradá-lo.

Encontrou algumas minhocas e formigas, que colocou sobre folhas e pedras, enquanto comentava os achados:

— Veja só! Esta aqui é uma formiga marrom, pequeninha. Veja quantas pernas tem, e como corre rápido. Essa aqui é tão verde que deve ter nascido de uma folha, não acha? Olhe, este bicho aqui tem asas. Este não tem, mas a barriga dele é rosa. Veja como é bonitinho e grudento. Você também gosta de bichos que rastejam, e dos que voam, e dos que têm várias pernas? Eu gosto de tudo, menos dos grandes com duas pernas.

Inclinou a cabeça do bebê para que seus olhos ficassem na altura de sua coleção de insetos e minhocas, mas só o que ele fez foi gritar ainda mais alto.

— Dorme, nenenzinho

Do meu coração,

Onde tem bambu verdinho

Não vem bicho-papão.

Ku Yum cantava imitando sua mãe, mas o bebê não se acalmava. Franziu sua pequena testa, perplexa. Havia

tentado de tudo para agradar ao irmão, mas seus esforços foram inúteis.

Seus olhos brilharam ao notar a poça de lama ao lado. A coisa que Ku Yum mais gostava no mundo era lama, principalmente daquele jeito, uma boa poça de lama limpa. Que delícia enfiar os pés e sentir a água marrom penetrando devagar em seus sapatinhos. Ku Yum já havia feito isso antes e alegrou-se ao lembrar. Mas aquela memória trouxe outra: uma surra dolorida. E seu algoz tinha sido uma vara de bambu, enviada da China pelo tio de seu pai, com o objetivo expresso de ajudar Ku Yum a seguir o caminho reto e estreito traçado para uma menininha chinesa que mora em Santa Bárbara.

O bebê continuava a chorar. Ku Yum olhou para ele e sua expressão se desanuviou. Ko Ku merecia saber como era bom afundar os pezinhos naquela água escura e aveludada. Jamais bateriam nele com um bambu, ele era muito querido. Ku Yum não pensava mais em si mesma, voltou toda sua atenção ao irmão. Conseguiu levá-lo até a poça, entre carregando e arrastando. Logo os pezinhos do bebê já estavam afundados na poça e bichinhos escalavam suas pequenas pernas, se contorcendo. A criança deu um suspiro e parou de chorar. Ku Yum sorriu. Finalmente Ko Ku estava feliz!

Foi quando uma mão grande e cruel surgiu em frente aos olhos de Ku Yum, uma, duas, três vezes. Por alguns

instantes a visão da menina ficou turva, como se estrelas brilhassem à sua frente.

— Meu filho! Meu filho! O espírito mau que se apossou da sua irmã quase tira você de mim! — gritou a mãe.

— E logo hoje, na celebração das quatro luas!¹ Os convidados estão vindo de São Francisco com as moedas de ouro. Não há dúvida, meu filho, sua irmã está possuída por um demônio! — declarou o pai.

Sua avó, sussurrando, disse:

— Devemos nos alegrar pelo bebê estar vivo, e não sermos duros demais com Ku Yum. A melhor forma de exorcizar o demônio do ciúmes é com carinho.

Ku Yum ficou deitada na grama, sem entender nada.

1 A "cerimônia das quatro luas" ou da "lua cheia" ocorre quando um bebê chinês do sexo masculino completa um mês de idade. Sua cabeça é raspada pela primeira vez, em meio a muitas celebrações. Acredita-se que é quando se inicia a fortuna do bebê, pois os convidados da cerimônia devem presentear-lo com moedas ou peças de ouro.

O GORDINHO

Lee Chu e Lee Yen sentaram-se sobre uma pedra à sombra de uma figueira. O caminho até a escola parecia longo, a manhã estava quente e a estrada empoeirada demais.

— Desde que trocou os óculos, o professor consegue ver tudo o que fazemos — comentou Lee Chu.

— E ontem ele bateu nos dedos de Horn Wo com sua nova bengala até se formarem bolhas — completou Lee Yen.

Entreolharam-se e suspiraram.

— Deve estar bem fresco na praia hoje — prosseguiu Lee Chu.

— Deve mesmo! E não estamos longe — concordou Lee Yen.

— E lá tem muitas pedrinhas.

— De várias cores.

— Várias cores.

Os dois garotos olharam-se novamente.

— Nossos honrados pais não precisam ficar sabendo — provocou o primeiro.

— Não mesmo! — tornou o outro. — A escola fica tão longe de casa! E além disso, chegaram cinco alunos novos para o professor dar atenção.

Sim, a praia estava fresca e agradável, com muitas pedrinhas, de cores e formas que Lee Chu e Lee Yen nunca haviam visto. A maré trazia novos cascalhos a cada segundo — verdes, vermelhos, amarelos, pretos e marrons, além dos lindos brancos e transparentes. Os garotos recolhiam as pedrinhas com gritos de felicidade. Sempre havia uma mais brilhante a ser apanhada.

— Veja, esta aqui parece que está pegando fogo, tem as cores do sol! — entusiasmou-se Lee Chu.

— E esta! Veja como este verde é brilhante, nunca vi uma assim! — declarou Lee Yen.

— Ah! Que bonita!

— Ah! Que linda!

Assim continuaram até cada um juntar sua pilha de seixos cintilantes, e sentaram-se para descansar e almoçar: bolos de arroz que sua mãe havia preparado. Enquanto comiam, ficaram pensativos. A beleza do céu e do mar os inspiravam, sem que se dessem conta.

— Acho que estas são as pedrinhas mais bonitas que o mar já nos trouxe — comentou Lee Chu.

— Também acho — concordou Lee Yen.

— Acho que vou dar as minhas pedras para o Gordinho.

— Pois também darei as minhas.

Lee Yen fez suas pedras correrem por entre seus dedos, suspirando de contentamento. Lee Chu também suspirou, observando sua própria coleção brilhante.

Quando voltaram para casa, ao anoitecer, o Gordinho correu para recebê-los, esforçando-se com suas perninhas rechonchudas. Os dois depositaram seus pequenos tesouros na túnica do irmão mais novo.

— Onde vocês conseguiram essas pedras? — perguntou Lee Amoy, sua mãe, após tentar pegar o Gordinho no colo e senti-lo pesado demais para ser erguido.

Lee Chu e Lee Yen desviaram o olhar.

— Meninos maus! — esbravejou a mãe. — Em vez de irem à escola, foram à praia. Quando seu pai chegar, vou dizer a ele que lhes dê uma surra de bastão.

— Não, não são maus! — defendeu o Gordinho, tentando apanhar as pedrinhas que caíam de sua túnica. A mãe pegou algumas, notando em silêncio que eram especialmente belas.

— São as pedras mais bonitas que já se viu — argumentou Lee Chu, tristemente. Estava certo que sua mãe as jogaria fora.

— O mar nunca mais nos trará pedrinhas bonitas assim — comentou Lee Yen, aflito.

— Então por que não as guardaram com vocês? — perguntou a mãe.

— Porque.... — começou Lee Chu, voltando os olhos para o Gordinho.

— Porque... — repetiu Lee Yen, também olhando para o pequeno.

Os olhos da mãe se enterneceram.

— Bem — disse ela —, desta vez vamos deixar o castigo para lá.

— Que bom! Que bom! — alegrou-se o Gordinho.

O MENINO-MENINA CHINÊS

O calor era forte e onipresente. A poeira se acumulava nas folhas das palmeiras e de outras plantas tropicais que tentavam florescer no Plaza. Pessoas de diferentes nacionalidades, sentadas nos bancos dentro e fora da praça, pareciam ainda mais apáticas e preguiçosas que o habitual. Os italianos, donos das bancas de frutas e de amendoim que ficavam nos cantos, não tinham nenhum cliente. As lojas dos comerciantes chineses, em frente ao Plaza, pareciam silenciosas, calmas e vazias como sempre. Até mesmo os salões de boliche, de sinuca e os bares pareciam sofrer com o calor. De suas portas entreabertas, ouvia-se apenas um rumor de copos e de bolas rolando. Estava quase tão quente quanto um dia de agosto em Nova York, o que, para o sul da Califórnia, era um clima atipicamente abafado.

Uma garotinha chinesa, com olhos brilhantes e bochechas rechonchudas, vestindo um traje azul de algodão e com seu longo e brilhante cabelo entrelaçado com várias fitas de seda multicoloridas, parou ao lado de uma turista que

desenhava a velha igreja espanhola. A turista e a garotinha eram as únicas pessoas que pareciam não se importar com o calor. Poderiam ter se tornado amigas, mas a mulher, preocupada com seu desenho, mandou a menina embora. Em seguida, a pequenina atravessou o Plaza e em menos de cinco minutos estava em frente à escola infantil de Chinatown, Los Angeles.

— Entre, menina, e me diga seu nome — cumprimentou a jovem professora americana, que era nova na escola.

— Ku Yum me chamo — foi a resposta imediata. Ku Yum então entrou na sala, sentou-se timidamente na primeira fileira e contou à professora que vivia na rua Apablaza, que seus pais estavam bem, mas sua mãe havia morrido e seu pai, que se chamava Ten Suie, tivera o pé possuído por um espírito maligno que o atormentava.

A professora deu-lhe uma pequena prancheta e um lápis, e retomou a lição interrompida, apontando com sua régua dez lichias (chamadas de “castanhas chinesas” pelos americanos) e contando-as em voz alta.

— Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez — repetiram as criancinhas.

A sra. Mason, após dividir as lichias de maneira desigual para que os alunos entendessem os conceitos de singular e plural, começou a falar sobre as partes do rosto. Todos

souberam nomear nariz, olhos, boca e bochechas, mas ficaram mudos quando a lição chegou à testa.

— Como se chama esta parte? — perguntou a sra. Mason, com o dedo sobre a própria testa.

— Eu sabe, eu sabe! — uma vozinha estridente se voluntariou, e a aluna nova dirigiu-se para a frente da sala. Ku Yum colocou seu dedo na testa da criança mais próxima e proclamou:

— Um.

Tocou a criança ao lado e continuou:

— Dois.

Da mesma maneira, passou à seguinte:

— Três.

E em tom solene declarou:

— Três... ta.

Assim foi a estreia de Ku Yum na escola, e assim começaram as provações e tribulações de sua professora.

Ku Yum era inteligente e aprendia facilmente, mas parecia ser a própria travessura encarnada. Era incapaz de obedecer ordens e, apesar de ter ingressado na escola por vontade própria, matava aula pelo menos uma vez por semana.

— Onde está Ku Yum? — a sra. Mason perguntava nas manhãs de sol, e uma menina respondia como se houvesse testemunhado um assassinato:

— Está correndo por aí com os meninos.

Então o restante da classe se acomodava em seus assentos como em um tribunal do júri prestes a condenar o réu por algum crime hediondo e, a julgar pelas suas expressões, louvavam silenciosamente aos céus orações como “Oh, senhor, obrigado por eu não ser como Ku Yum”. Afinal, a sala era composta por pequenas donzelas recatadas que, uma vez reunidas emrebanho, assim pretendiam continuar.

No entanto, se alguma vez o coração da professora encantou-se e partiu-se por alguém, esse alguém era Ku Yum. Quando a menina ingressou na classe, mostrou um interesse nada condizente com sua idade acerca de regras e regulamentos, por vezes pedindo para que a professora os repetisse para ela. Apesar disso, parecia que o único propósito para o estudo de tais regras era saber como violá-las, o que acontecia sempre.

Após desaparecer por um ou dois dias, Ku Yum retornava trazendo um lindo ramalhete de flores, envolto em um pequeno laço, que era colocado na mesa da sra. Mason. E apesar da gentileza do presente e da amabilidade da menina serem dignos de um agradecimento comovido, a conversa que se seguia era quase sempre a mesma:

— Professora, colhi estas flores no Jardim do Paraíso para a senhora (eram na verdade roubadas de algum parque).

— Ah, Ku Yum, o que eu faço com você?

— Talvez a senhora pode ver meu pai.

— Você é uma menina levada. Merece um castigo. Leve as flores embora.

— Professora, a sobrancelha em cima do seu olho é muito bonita.

A menina atingia o ápice da travessura quando a sala recebia visitas. Por ser uma das melhores alunas, a sra. Mason naturalmente esperava que ela demonstrasse o valor e reputação da escola durante as provas. Em certa ocasião, a professora pediu para que ela recitasse alguns versos — que Ku Yum pronunciava tão bem quanto um americano, e de maneira bastante expressiva. Qual não foi o desgosto da sra. Mason quando a menina abaixou a cabeça e disse:

— Eu vergonha, eu vergonha...

— Coitadinha — sussurrou a esposa do bispo. — Ela fica acanhada de recitar em público.

Mas a sra. Mason, sabendo muito bem que de tímida Ku Yum não tinha nada, ficou muito irritada.

Ku Yum já estava há quase um ano na classe da sra. Mason, quando a professora decidiu que a menina deveria ser disciplinada, pois após as aulas ela ficava simplesmente correndo pelas ruas de Chinatown na companhia de meninos. Sentiu que era seu dever cuidar da pequena garota

sem mãe, já que seu pai, ao saber que a filha crescia sem aprender devidamente os deveres domésticos e, pior ainda, que passava o tempo brincando com meninos na rua, apenas deu de ombros e disse:

— Fazer o quê? Fazer o quê?

Ela apresentou o caso de Ku Yum ao presidente da Sociedade de Prevenção contra Crueldade Infantil, à diretora do Conselho Tutelar, e aos ministros mais influentes. O resultado, após um mês de trabalho, foi uma ordem emitida pelo Superior Tribunal de Justiça que decretava que Ten Suie deveria perder a custódia de sua filha Ku Yum e, sob os cuidados da Sociedade de Prevenção contra Crueldade Infantil, ela deveria ser colocada em um abrigo para crianças chinesas em São Francisco.

Após a realização de seu objetivo, a sra. Mason estranhamente não teve a sensação de paz e bem-estar que normalmente se sucede a uma boa ação. Em vez disso, teve dúvidas se era certo, dadas as circunstâncias, privar um pai do contato com sua filha e uma criança do amor e cuidados de seu pai, e deixá-la confusa e desconfortável noite e dia. Aquilo não parecia mais um dever digno, e começou a desejar de todo coração que não tivesse se intrometido no assunto.

II

Há semanas ninguém via Ku Yum, e os responsáveis por levá-la ao orfanato não conseguiam encontrá-la. Suspeitava-se que a pequena estava escondida em algum canto — o que não seria difícil, já que todos em Chinatown gostavam da menina e não simpatizavam com a sra. Mason. A professora, antes recebida com sorrisos e cumprimentos afetuosos, agora encontrava apenas caras fechadas e olhares zangados, e em uma semana seu número de alunas foi reduzido de vinte e quatro para apenas quatro. Embora tivesse agido com a melhor das intenções, faltou-lhe empatia.

Era cerca de nove horas da noite. A professora havia acabado de visitar a pequena Lae Choo, acamada com febre tifoide. O seu caminho de volta para casa não estava sendo nada tranquilo. Em um dos cantos mais inóspitos de Chinatown, notou alguns homens de semblante fechado e resmungando entre si conforme ela passava. Chegou a abrir mão da dignidade e correr por alguns instantes. Parou para recuperar o fôlego e sentiu que alguém puxava a parte de trás de sua saia. Ouviu uma voz familiar:

— Professora, tá com medo?

— Ah, Ku Yum! — exclamou ela. — É você?

E então acrescentou, em tom de reprovação:

— Acha que é certo uma menina chinesa ficar na rua sozinha até esta hora?

— Eu não sozinha — replicou a criaturinha. Na penumbra, a sra. Mason distinguiu duas pequenas figuras masculinas atrás dela.

A professora sacudiu a cabeça.

— Ku Yum, você promete que vai tentar ser uma menina boazinha? — perguntou.

A resposta da garota veio em tom solene:

— Ku Yum nunca vai ser boa menina.

Seu coração endureceu. Afinal de contas, seria melhor que a criança fosse colocada onde seria obrigada a se comportar.

— Vem ver meu pai — suplicou Ku Yum.

Pedi com voz macia e com uma expressão tão suave que a professora mal podia acreditar que um momento antes a menina havia declarado de maneira tão intransigente que jamais seria uma boa menina. Parou, hesitante. Deveria fazer um último apelo ao pai, para que ele promettesse cuidar bem da menina e assim se livrar da ordem judicial? Ah, se ele se corrigisse, e se ela pudesse evitar a execução da ordem!

Encontraram Ten Suie em suas peculiaridades, fumando um cachimbo com uma piteira muito longa e um pequeno forninho de marfim. Ele analisou a professora calmamente,

por detrás de seus óculos com armação dourada, com uma expressão tal que a sra. Mason teve dificuldades em iniciar o assunto que a levara até ali. No entanto, após admirar os pequenos animais entalhados, as jarras e vasos, peças de bronze, pratos, pingentes e talismãs, latas de rapé exibidas em uma linda vitrina, finalmente tomou coragem.

— Sr. Ten Suie — começou ela —, vim falar com o senhor sobre Ku Yum.

Ten Suie pôs seu cachimbo de lado e apoiou-se no balcão. Parecia que algo se agitava por detrás de seu exterior calmo, pois seus olhos assumiram um brilho intenso.

— Talvez a senhora ande falando demais sobre Ku Yum — respondeu ele. — Ku Yum é meu filho. Eu o crio como achar melhor. E lhe digo mais, professora. Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove anos atrás, eu tem cinco menino. Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, anos atrás, eu tem quatro menino. Um, dois, três, quatro, cinco, seis anos atrás, eu tem um menino. Por três ano, o espírito mau vem, a cada ano, olha um menino meu e leva embora. Passa um, dois, três, quatro, cinco, seis ano, eu tem só um menino, ele tem quatro ano. Eu digo, “Ten Suie, espírito mau com inveja. Eu tem medo que ele pega meu último menino.” Eu coloca nele roupa de menina. Espírito mau pensa que é menina e vai embora; não quer menina.

Ten Suie calou-se e recostou-se de volta em sua cadeira.

A sra. Mason ficou em silêncio por alguns instantes, sem compreender. Então todo o significado das palavras de Ten Suie recaiu sobre ela, que voltou seu olhar a Ku Yum. Tomou as mãos da criança e disse:

— Adeus, Ku Yum. Seu pai, ao fazê-lo se passar por uma garota, achou que estava mantendo o espírito mau longe de você. Mas ele não percebeu que dessa forma atraiu outro, que quase o tirou dele também.

— Adeus, professora — respondeu Ku Yum com um sorriso melancólico. — Eu nunca vai ser boa menina, mas posso ser bom menino.

PAT E PAN

Estavam ali, na entrada do templo chinês, dormindo profundamente nos braços um do outro. O rosto minúsculo da menina afundado no peito dele e o queixo branco e protuberante repousando sobre a cabeleira negra dela.

Foi o queixo branco que fez a missionária parar e olhar novamente para o casal. Sim, era um menino branco e uma garotinha chinesa. Ele devia ter cerca de cinco anos de idade, e ela não mais que três.

— Quem são os pais deste menino? — perguntou a missionária ao vendedor ambulante de frutas e doces chineses.

— Ah, esse menino! É filho de Lum Yook, que faz anéis e pulseiras de ouro.

— Mas ele é branco.

— Sim, ele branco. Mas mesmo assim, menino chinês. A mãe dele não tinha amigo branco, e a esposa de Lum Yook deu pra ela arroz e chá, então quando a mãe foi pra terra dos espíritos, a esposa de Lum Yook ficou com o menino. Senhora, quer comprar lichia?

Enquanto Anna Harrison tirava uma moeda de dez centavos da bolsa, a cabecinha de cabelos longos e pretos lentamente se virou, e uma mãozinha puxou sua pequena face de volta.

— E então, amorzinho, a soneca foi boa?

— *Tjo ho! Tjo ho!*

Os olhinhos negros miraram a estranha com desdém.

— Ela disse pra senhora ser boazinha — divertiu-se o velho vendedor.

— Ah, que danadinha!

A danadinha, ao ouvir seu novo apelido, recolheu-se ainda mais no colo do garoto que dormia, envolvendo-o pelo pescoço e afundando sua face embaixo de seu queixo. Com isso, obviamente o menino acordou. Sentou-se e olhou confuso para a missionária.

— E qual é o nome do menino? — perguntou ela, observando seus olhos acinzentados e sua pele rosada.

Sua resposta, embora audível, foi completamente incompreensível para a americana.

— Ele só fala conversa chinesa — explicou o vendedor.

Anna Harrison estava encantada. Um menino branco, nos Estados Unidos, que falava apenas chinês! Colocou sua sacola de lichias ao lado dele e divertiu-se ao ver a menina instantaneamente inclinar-se sobre seu companheiro e apa-

nhá-la. O menino não fez sequer menção de tomar a sacola dela, e pequena abriu-a e espiou lá dentro. Com a descoberta, a menina deu um gritinho de alegria. Rapidamente apanhou uma das frutas marrom-avermelhadas, abriu e retirou a polpa. Para a surpresa da missionária, em vez de comê-la, ofereceu a guloseima a seu companheiro. Repetiu esse ato várias vezes até que, inclinando a cabeça, perguntou:

— *Ho 'm ho?* Bom ou ruim?

— Ho! ho! — respondeu o garoto, retirando várias sementes da boca e sacudindo a cabeça para demonstrar que já estava satisfeito. Com isso, a menina provou uma fruta.

— Pat! Pan! Pat! Pan! — chamou uma voz de mulher, e na esquina surgiu uma figura de rosto elegante e gentil, usando calças largas, túnica azul-escura e brincos de argola dourados.

Ao ouvir o chamado, o menino levantou-se em um salto, rindo alegremente, e correu para a rua. A menininha o seguiu, séria e lentamente.

— Mãe dele — informou o vendedor de lichias.

II

Meses depois, quando abriu sua escola para crianças brancas e chinesas em Chinatown, Anna Harrison estava decidida que Pat, o filho adotivo de Lum Yook, o joalheiro chinês, deveria aprender seu idioma materno. Era impensável que um menino branco fosse criado como chinês. Na segunda vez que ela o encontrou, era algum feriado chinês. Pat estava muito alegre, ao lado de uma fileira de velas chinesas vermelhas, queimando pedaços de madeira velha em uma sarjeta, acompanhado de vários garotos chineses, maltrapilhos e travessos. A vela de Pat tinha chama maior e mais brilhante que as outras, e ele pulava sem parar como uma bola de borracha. Pan o observava da porta da loja de seu pai, aplaudindo e gritando seu tatibitate chinês.

A sra. Harrison pousou a mão sobre o ombro do menino e começou a conversar com ele. Ela já havia aprendido algumas frases em chinês, sem grandes dificuldades. Perguntou se ele gostaria de visitar sua escola, onde poderia ver lindas fotos. Pat sacudiu seus cachos avermelhados e olhou para Pan. Será que ela gostaria de ir também? Sim, ela gostaria. Pan tinha boa memória, e todo mundo gosta de lichias e balas de coco.

Obviamente, Pan ainda era muito jovem para ir à escola — era apenas um bebê. Mas Pat só iria se Pan o acompanhasse, então ela iria também. Lum Yook e sua esposa foram consultados e ficariam mais do que satisfeitos se Pat aprendesse inglês. O próprio pai adotivo falava um pouquinho da língua, mas somente em assuntos comerciais ou quando precisava conversar com americanos, e por isso Pat nunca aprendera nada com ele. No entanto, lhe traria muita alegria que Pat aprendesse a “fala dos seus ancestrais”, e prometeu que incentivaria os pequenos a praticarem “americano” em casa.

Então Pat e Pan foram à Escola Missionária, e pela primeira vez na vida sofreram a dor da separação. Pat teve de sentar-se com os outros meninos e à pequena Pan foi designada uma cadeirinha vermelha perto da sra. Harrison, onde também ficavam vários brinquedos para bebês. Pan não tinha que aprender nada, apenas brincar.

Apesar disso, Pan aprendeu. Um ano mais tarde, embora sua fala ainda fosse inconsistente e infantil, havia adquirido um vocabulário em inglês mais amplo que Pat. Além disso, também entoava cânticos e versos com sua vozinha estridente, enquanto o pobre Pat, por mais que tentasse, era incapaz de memorizar uma frase sequer. Como era de se esperar, Pat não gostou tanto da escola quanto Pan, e ele só continuou devido à atenção determinada da sra. Harrison.

Certo dia, quando Pan tinha cinco anos e Pat sete, a garotinha foi à escola sozinha pela primeira vez.

— Onde está Pat? — perguntou a professora.

— Pat está doente hoje — respondeu Pan.

— Doente? — repetiu a sra. Harrison. — Que pena! O que o pobrezinho tem?

— Um cachorro mordeu ele.

Naquela tarde, a professora foi visitar seu aluno ferido, e o encontrou em um beco, empenhado em manter cinco piões girando ao mesmo tempo, cercado por vários garotos americanos que aplaudiam alegremente aquela pequena maravilha vinda da China.

Na manhã seguinte Pat foi castigado cinco vezes com a palmatória que a sra. Harrison guardava em sua mesa para ocasiões especiais. Os golpes fizeram a mão direita de Pat latejar, mas ele recebeu a punição com um sorriso estoico.

A professora então voltou-se para a pequena Pan, que tinha os olhos lacrimejantes fixos no instrumento de castigo.

— Pan! — exclamou, zangada. — Você foi tão levada quanto Pat, e também merece ser castigada.

— Mas eu num fugiu da escola! — protestou Pan.

— Não, você veio para a escola, mas mentiu dizendo que um cachorro havia mordido Pat. Meninas não devem contar mentiras. A professora não gosta de bater na mão da

Pan, mas precisa fazer isso para que Pan se lembre de dizer sempre a verdade. Venha cá!

Pan escondeu o rosto com uma de suas mangas e, soluçando, ergueu o outro braço.

A professora se inclinou, puxou o braço levantado, pegou a mãozinha e bateu nela. Estava prestes a dar o segundo golpe quando Pat levantou-se de sua cadeira, empurrou Pan para o lado e mostrou seu punho trêmulo à professora, desafiando-a com um tom de voz inflamado:

— Não bate na minha Pan de novo! Não bate na minha Pan de novo!

Os dois irmãos nem sempre davam tais demonstrações de amor. Pat ficava irritado quando não sabia determinado verso e a professora então se dirigia à sua irmã:

— Bem, Pan, então diga você.

Pan, a criança mais jovem da escola e particularmente pequena para sua idade, cerrava suas mãozinhas de maneira teatral e dizia palavra por palavra o verso pedido.

— Eu te odeio, Pan — grunhiu Pat naquele dia.

Por sorte, Pan não o escutou. Estava entretida demais cantando:

Jesú me ama, tenho certeza

A Bíblia me diz com clareza

Embora cantasse hinos e repetisse versos como se fosse um anjinho, Pan era bem travessa para uma criança chinesa. Quase sempre era ela a idealizadora das traquinagens que Pat realizava com tanto gosto. Quando Pat levava broncas, embora se compadecesse, ela ainda assim lhe dava sermões:

— Que feio! Que feio! Por que você não é bonzinho que nem eu? — advertiu em uma dessas vezes em que Pat “sofreu as consequências”. Pat olhava para ela zangado:

— Por que as pessoas más são sempre tão boas?

III

O filho da mulher branca, entregue ainda bebê à esposa de Lum Yook, foi criado pelo joalheiro e sua esposa como se fosse seu filho legítimo, e recebeu o mesmo amor e cuidado que Pan, que nasceu dois anos depois. Se a sra. Lum Yook chegou a demonstrar qualquer sinal de favoritismo, foi com Pat. Ele foi o primeiro bebê que ela ninou em seu colo, o primeiro a aquecer seu coração com seus sorrisos e gracejos. Quando o menino completou oito anos, ela disse a seu marido:

— O filho da mulher branca é filho da mulher branca, e muitas línguas falam sobre porque ele vive debaixo de

nosso teto. Meu coração está pesado com o mais negro dos fardos.

— Fique em paz, minha esposa — respondeu o homem, tranquilo. — Por que devemos nos preocupar antes que os problemas cheguem?

Quando os problemas enfim chegaram, foram encarados com calma e coragem. O garoto foi entregue sem protestos ao abastado casal americano que o criaria “da forma que um menino americano deve ser criado”. Apesar disso, restou no fundo do coração de Lum Yook e sua esposa um sentimento de injustiça e indignação. Se não fosse pelo cuidado, carinho e atenção que deram ao filho da pobre mulher branca, não haveria nenhum menino americano para ser “criado da maneira correta”.

E quanto a Pat e Pan?

— Eu não vou deixar minha Pan! Não vou! — berrou Pat.

— Mas não há outro jeito — argumentou Lum Yook tristemente. — Você é um menino branco e Pan é chinesa.

— Eu também sou chinês! Também sou chinês! — retrucou o garoto.

— Ele chinês! Ele chinês! — suplicou Pan, com o nariz inchado e os olhos vermelhos de tanto chorar.

Mesmo assim, Pat foi levado.

Pat caminhava pela rua, assobiando alegremente com seus livros escolares debaixo do braço. Subitamente, seu olhar foi atraído para uma rua lateral.

— Caramba, é a Pan! — exclamou. — Pan! Oh, Pan!

Pan virou-se e, com um grito agudo de alegria, logo abraçava Pat, dizendo:

— Pat bonito! Pat bonzinho!

Então ela se afastou e o olhou de cima a baixo.

— Casaco bonito! Bota bonita! Quantos dólares? — perguntou.

Pat riu, divertindo-se com a pergunta.

— Eu não sei — respondeu ele —, foi minha mãe quem comprou.

— Mãe! — repetiu Pan, franzindo as sobrancelhas. — Você cresceu bastante, Pat — observou em seguida.

— E você cresceu pouco, Pan — respondeu o menino.

Já fazia um ano que não se viam e Pan era muito menor que suas colegas de escola.

— Você gosta da escola grande? — perguntou Pan, notando os livros.

— Não muito. Mas você sabia, Pan, que eu aprendo várias coisas que você não sabe?

Pan lançou-lhe um olhar melancólico e, após alguns instantes, disse:

— Ah, Pat! A-toy morreu!

— A-toy? Quem é A-toy?

— A miau, Pat! A miau grande e cinza! Ah, Pat, você esqueceu de lembrar!

Pat tentou em vão se lembrar da gata.

— Chinatown está muito boa agora — comentou Pan. — A loja de Hum Lock agora tem duas prateleiras com besouros de latão e a de Ah Ma tem muito mais flores.

— Eu gostaria de ver os besouros — disse Pat.

— E a nova caixinha de vidro do papai?

— Sim, também.

— E as flores de Ah Ma?

— Sim.

— Então vem, Pat.

— Não posso, Pan!

— Ah...

Em outro dia, Pat caminhava novamente da escola para casa, acompanhado de alguns garotos. De repente ouviu uma vozinha estridente. Era Pan.

— Ah, Pat! — gritou ela alegremente. — Achei você! Achei você!

— Olha só a chinesinha! — provocou um dos meninos.

Pat virou-se para Pan e gritou:

— Fica longe de mim! Fica longe de mim!

E Pan foi para longe dele — o mais rápido que suas perninhas conseguiram. Quando chegou no alto da colina, olhou para trás e sacudiu a cabeça tristemente.

— Coitado do Pat! — disse. — Ele não mais chinês. Ele não mais chinês.

A TORRE DO CROCODILO

Quando o pai de Chung e Choy voltou da cidade grande — onde o tio delas morava — trouxe para cada uma delas um lindo conjunto de xícara e pires de presente. Na de Chung havia uma garça e um pássaro com o peito dourado pintados em meio a um azul da cor do céu depois da chuva. A xícara de Choy era rosa, ao mesmo tempo esbranquiçada e transparente, com estampas de buquês de flores; uma perfeição em forma, cor e aparência. Ainda assim, Choy ficou ressentida e invejou a xícara azul de sua irmã. No entanto, nada disse que demonstrasse seu desagrado. Não era de seu feitio. Mas por um longo dia e uma longa noite após seu pai ter lhes dado esses presentes, Choy ficou calada, recusou-se a comer e a sair do sofá, onde havia se atirado e de onde podia observar a xícara da irmã. Estava emburrada.

Na noite seguinte, a pequena Chung estava sentada em um banquinho ao lado de sua mãe e pediu a ela que constasse a história da gravura no vaso que seu pai lhe havia trazido da

cidade. Era uma linda peça de porcelana chinesa, pintada em violeta vivo, com traços dourados em cima, como os tubos de um órgão de igreja, e ao centro a torre de um templo, do tipo pagode, laqueada em dourado e prata. Chung sabia que havia alguma história sobre a torre, pois havia escutado seu pai dizer à sua mãe que aquela era a famosa Torre do Crocodilo.

— Mas não há crocodilos na gravura. Por que é chamada de a Torre do Crocodilo? — perguntou Chung.

— Vou lhe contar, minha flor de jasmim — respondeu a mãe, erguendo a voz, pois queria que Choy, a flor de orquídea, também escutasse a história.

— Era uma vez uma grande família de crocodilos que vivia no Rio Ondulante, em uma praia cujas areias eram de ouro. Os jovens crocodilos tinham uma vida feliz, e seus pais os tratavam muito bem. Mas um dia os jovens quiseram subir uma colina que se erguia atrás da praia de areia dourada e seus pais, sabendo que seus filhotes morreriam se fizessem aquilo, disseram “Nada disso”.

“Então os jovens crocodilos cavaram um grande buraco na areia e deitaram-se dentro dele. Ficaram lá por meia lua, sem comer nem beber nada, até que seus pais os chamaram para sair e brincar no rio como sempre faziam, mas estavam tão contrariados que não deram atenção.

“Certo dia apareceu um bando de seres poderosos que, ao verem as areias douradas do Rio Ondulante, exclamaram:

“Como esta praia gloriosa brilha! Vamos construir um templo aqui!”

“Então notaram o buraco que os jovens crocodilos haviam cavado, mas não os viram lá dentro. Começaram a trabalhar e usaram o buraco para fazer a fundação do templo, e assim ergueram uma grande torre. Essa é a torre pagode que está pintada no vaso.”

— E os filhotes de crocodilo nunca mais saíram de lá?
— perguntou Chung com voz triste.

— Não, minha filha — respondeu sua mãe. — Quando se viram debaixo da torre, começaram a sentir fome, e muito medo. Estava tudo escuro. Gritaram para que seus pais levassem comida e os ajudassem a encontrar o caminho de volta para a luz, mas os pais crocodilos fugiram nadando quando viram o templo erguido. Sabiam que nunca mais veriam seus filhos. E desde aquele dia, os jovens crocodilos estão no escuro, presos embaixo da torre, longe da luz do sol e do Rio Ondulante.

— Por favor, honrada mamãe — murmurou uma voz gentil —, posso tomar chá em minha linda xícara rosa?





Tales of chinese children

Sui Sin Far

THE SILVER LEAVES

There was a fringe of trees along an open field. They were not very tall trees, neither were they trees that flowered or fruited; but to the eyes of Ah Leen they were very beautiful. Their slender branches were covered with leaves of a light green showing a silvery under surface, and when the wind moved or tossed them, silver gleams flashed through the green in a most enchanting way.

Ah Leen stood on the other side of the road admiring the trees with the silver leaves.

A little old woman carrying a basket full of ducks' eggs came happily hobbling along. She paused by the side of Ah Leen.

"Happy love!" said she. "Your eyes are as bright as jade jewels!"

Ah Leen drew a long breath. "See!" said she, "the dancing leaves."

The little old woman adjusted her blue goggles and looked up at the trees. “If only,” said she, “some of that silver was up my sleeve, I would buy you a pink parasol and a folding fan.”

“And if some of it were mine,” answered Ah Leen, “I would give it to my baby brother.” And she went on to tell the little old woman that that eve there was to be a joyful time at her father’s house, for her baby brother was to have his head shaved for the first time, and everybody was coming to see it done and would give her baby brother gifts of gold and silver. Her father and her mother, also, and her big brother and her big sister, all had gifts to give. She loved well her baby brother. He was so very small and so very lively, and his fingers and toes were so pink. And to think that he had lived a whole moon, and she had no offering to prove the big feeling that swelled and throbbed in her little heart for him.

Ah Leen sighed very wistfully.

Just then a brisk breeze blew over the trees and as it passed by, six of the silver leaves floated to the ground.

“Oh! Oh!” cried little Ah Leen. She pattered over to where they had fallen and picked them up.

Returning to the old woman, she displayed her treasures.

“Three for you and three for me!” she cried.

The old woman accepted the offering smilingly, and happily hobbled away. In every house she entered, she showed her silver leaves, and told how she had obtained them, and every housewife that saw and heard her, bought her eggs at a double price.

At sundown, the guests with their presents began streaming into the house of Man You. Amongst them was a little old woman. She was not as well off as the other guests, but because she was the oldest of all the company, she was given the seat of honor. Ah Leen, the youngest daughter of the house, sat on a footstool at her feet. Ah Leen's eyes were very bright and her cheeks glowed. She was wearing a pair of slippers with butterfly toes, and up her little red sleeve, carefully folded in a large leaf, were three small silver leaves.

Once when the mother of Ah Leen brought a cup of tea to the little old woman, the little old woman whispered in her ear, and the mother of Ah Leen patted the head of her little daughter and smiled kindly down upon her.

Then the baby's father shaved the head of the baby, the Little Bright One. He did this very carefully, leaving a small patch of hair, the shape of a peach, in the centre of the small head. That peach-shaped patch would some day grow into a queue. Ah Leen touched it lovingly with her little finger

after the ceremony was over. Never had the Little Bright One seemed so dear.

The gifts were distributed after all the lanterns were lit. It was a pretty sight. The mother of the Little Bright One held him on her lap, whilst each guest, relative, or friend, in turn, laid on a table by her side his gift of silver and gold, enclosed in a bright red envelope.

The elder sister had just passed Ah Leen with her gift, when Ah Leen arose, and following after her sister to the gift-laden table, proudly deposited thereon three leaves.

“They are silver — silver,” cried Ah Leen.

Nearly everybody smiled aloud; but Ah Leen’s mother gently lifted the leaves and murmured in Ah Leen’s ear, “They are the sweetest gift of all.”

How happy felt Ah Leen! As to the old woman who sold ducks’ eggs, she beamed all over her little round face, and when she went away, she left behind her a pink parasol and a folding fan.

THE PEACOCK LANTERN

It was such a pretty lantern — the prettiest of all the pretty lanterns that the lantern men carried. Ah Wing longed to possess it. Upon the transparent paper which covered the fine network of bamboo which enclosed the candle, was painted a picture of a benevolent prince, riding on a peacock with spreading tail. Never had Ah Wing seen such a gorgeous lantern, or one so altogether admirable.

“Honorable father,” said he, “is not that a lantern of illuminating beauty, and is not thy string of cash too heavy for thine honorable shoulders?”

His father laughed.

“Come hither,” he bade the lantern man. “Now,” said he to Ah Wing, “choose which lantern pleaseth thee best. To me all are the same.”

Ah Wing pointed to the peacock lantern, and hopped about impatiently, whilst the lantern man fumbled with the wires which kept his lanterns together.

“Oh, hasten! hasten!” cried Ah Wing.

The lantern man locked into his bright little face.

“Honorable little one,” said he, “would not one of the other lanterns please thee as well as this one? For indeed, I would, if I could, retain the peacock lantern. It is the one lantern of all which delights my own little lad and he is sick and cannot move from his bed.”

Ah Wing’s face became red.

“Why then dost thou display the lantern?” asked the father of Ah Wing.

“To draw attention to the others,” answered the man. “I am very poor and it is hard for me to provide my child with rice.”

The father of Ah Wing looked at his little son.

“Well?” said he.

Ah Wing’s face was still red.

“I want the peacock lantern,” he declared.

The father of Ah Wing brought forth his string of cash and drew therefrom more than double the price of the lantern.

“Take this,” said he to the lantern man.

“I will fill thy little sick boy’s bowl with rice for many a day to come.”

The lantern man returned humble thanks but while unfastening the peacock lantern from the others, his face looked very sad.

Ah Wing shifted from one foot to another.

The lantern man placed the lantern in his hand. Ah Wing stood still holding it.

“Thou hast thy heart’s desire now,” said his father. “Laugh and be merry.”

But with the lantern man’s sad face before him, Ah Wing could not laugh and be merry.

“If you please, honorable father,” said he, “may I go with the honorable lantern man to see his little sick boy?”

“Yes,” replied his father. “And I will go too.”

When Ah Wing stood beside the bed of the little sick son of the lantern man, he said:

“I have come to see thee, because my father has bought for my pleasure the lantern which gives thee pleasure; but he has paid therefor to thy father what will buy thee food to make thee strong and well.”

The little sick boy turned a very pale and very small face to Ah Wing.

“I care not,” said he, “for food to make me strong and well — for strong and well I shall never be; but I would that I had the lantern for the sake of San Kee.”

“And who may San Kee be?” inquired Ah Wing.

“San Kee,” said the little sick boy, “is an honorable hunchback. Every evening he comes to see me and to take

pleasure in my peacock lantern. It is the only thing in the world that gives poor San Kee pleasure. I would for his sake that I might have kept the peacock lantern.”

“For his sake!” echoed Ah Wing.

“Yes, for his sake,” answered the little sick boy. “It is so good to see him happy. It is that which makes me happy.”

The tears came into Ah Wing’s eyes.

“Honorable lantern man,” said he, turning to the father of the little sick boy, “I wish no more for the peacock lantern. Keep it, I pray thee, for thy little sick boy. And honorable father” — he took his father’s hand — “kindly buy for me at the same price as the peacock lantern one of the other beautiful lanterns belonging to the honorable lantern man.”

CHILDREN OF PEACE

I

They were two young people with heads hot enough and hearts true enough to believe that the world was well lost for love, and they were Chinese.

They sat beneath the shade of a cluster of tall young pines forming a perfect bower of greenness and coolness on the slope of Strawberry hill. Their eyes were looking oceanwards, following a ship nearing the misty horizon. Very serious were their faces and voices. That ship, sailing from west to east, carried from each a message to his and her kin — a message which humbly but firmly set forth that they were resolved to act upon their belief and to establish a home in the new country, where they would ever pray for blessings upon the heads of those who could not see as they could see, nor hear as they could hear.

“My mother will weep when she reads,” sighed the girl.

“Pau Tsu,” the young man asked, “do you repent?”

“No,” she replied, “but—”

She drew from her sleeve a letter written on silk paper.

The young man ran his eye over the closely penciled characters.

“’Tis very much in its tenor like what my father wrote to me,” he commented.

“Not that.”

Pau Tsu indicated with the tip of her pink forefinger a paragraph which read:

Are you not ashamed to confess that you love a youth who is not yet your husband? Such disgraceful boldness will surely bring upon your head the punishment you deserve. Before twelve moons go by you will be an Autumn Fan.

The young man folded the missive and returned it to the girl, whose face was averted from his.

“Our parents,” said he, “knew not love in its springing and growing, its bud and blossom.

Let us, therefore, respectfully read their angry letters, but heed them not. Shall I not love you dearer and more faithfully because you became mine at my own request and not at my father’s? And Pau Tsu, be not ashamed.”

The girl lifted radiant eyes.

“Listen,” said she. “When you, during vacation, went on that long journey to New York, to beguile the time I wrote a play. My heroine is very sad, for the one she loves is far away and she is much tormented by enemies. They would make her ashamed of her love. But this is what she replies to one cruel taunt:

*“When Memory sees his face and hears his voice,
The Bird of Love within my heart sings sweetly,
So sweetly, and so clear and jubilant,
That my little Home Bird, Sorrow,
Hides its head under its wing,
And appeareth as if dead.
Shame! Ah, speak not that word to one who loves!
For loving, all my noblest, tenderest feelings are awakened,
And I become too great to be ashamed.”*

“You do love me then, eh, Pau Tsu?” queried the young man.

“If it is not love, what is it?” softly answered the girl.

Happily chatting they descended the green hill. Their holiday was over. A little later Liu Venti was on the ferry-boat which leaves every half hour for the Western shore, bound for the Berkeley Hills opposite the Golden Gate, and Pau

Tsu was in her room at the San Francisco Seminary, where her father's ambition to make her the equal in learning of the son of Liu Jusong had placed her.

II

The last little scholar of Pau Tsu's free class for children was pattering out of the front door when Liu Venti softly entered the schoolroom. Pau Tsu was leaning against her desk, looking rather weary. She did not hear her husband's footstep, and when he approached her and placed his hand upon her shoulder, she gave a nervous start.

"You are tired, dear one," said he, leading her towards the door where a seat was placed.

"Teacher, the leaves of a flower you gave me are withering, and mother says that is a bad omen."

The little scholar had turned back to tell her this.

"Nay," said Pau Tsu gently. "There are no bad omens. It is time for the flower to wither and die. It cannot live always."

"Poor flower!" compassionated the child.

"Not so poor!" smiled Pau Tsu. "The flower has seed from which other flowers will spring, more beautiful than itself!"

"Ah, I will tell my mother!"

The little child ran off, her queue dangling and flopping as she loped along. The teachers watched her join a group of youngsters playing on the curb in front of the quarters of the Six Companies. One of the Chiefs in passing had thrown a handful of firecrackers amongst the children, and the result was a small bonfire and great glee.

It was seven years since Liu Venti and Pau Tsu had begun their work in San Francisco's Chinatown; seven years of struggle and hardship, working and waiting, living, learning, fighting, failing, loving — and conquering. The victory, to an onlooker, might have seemed small; just a modest school for adult pupils of their own race, a few white night pupils, and a free school for children. But the latter was in itself evidence that Liu Venti and Pau Tsu had not only sailed safely through the waters of poverty, but had reached a haven from which they could enjoy the blessedness of stretching out helping hands to others.

During the third year of their marriage twin sons had been born to them, and the children, long looked for and eagerly desired, were welcomed with joy and pride. But mingled with this joy and pride was much serious thought. Must their beloved sons ever remain exiles from the land of their ancestors? For their little ones Liu Venti and Pau Tsu were much more worldly than they had ever been themselves, and they could not altogether stifle a yearning to be able to bestow upon them

the brightest and best that the world has to offer. Then, too, memories of childhood came thronging with their children, and filial affection reawakened. Both Liu Venti and Pau Tsu had been only children; both had been beloved and had received all the advantages which wealth in their own land could obtain; both had been the joy and pride of their homes. They might, they sometimes sadly mused, have been a little less assured in their declarations to the old folk; a little kinder, a little more considerate. It was a higher light and a stronger motive than had ever before influenced their lives which had led them to break the ties which had bound them; yet those from whom they had cut away were ignorant of such forces; at least, unable, by reason of education and environment, to comprehend them. There were days when everything seemed to taste bitter to Pau Tsu because she could not see her father and mother. And Liu's blood would tingle and his heart swell in his chest in the effort to banish from his mind the shadows of those who had cared for him before ever he had seen Pau Tsu.

“I was a little fellow of just about that age when my mother first taught me to kotow to my father and run to greet him when he came into the house”, said he, pointing to Little Waking Eyes, who came straggling after them, a kitten in his chubby arms.

“Oh, Liu Venti,” replied Pau Tsu, “you are thinking of home — even as I. This morning I thought I heard my mother’s voice, calling to me as I have so often heard her on sunny mornings in the Province of the Happy River. She would flutter her fan at me in a way that was peculiarly her own. And my father! Oh, my dear father!”

“Aye,” responded Liu Venti. “Our parents loved us, and the love of parents is a good thing. Here, we live in exile, and though we are happy in each other, in our children, and in the friendships which the new light has made possible for us, yet I would that our sons could be brought up in our own country and not in an American Chinatown.”

He glanced comprehensively up the street as he said this. A motley throng, made up, not only of his own countrymen, but of all nationalities, was scuffling along. Two little children were eating rice out of a tin dish on a near-by door-step. The singsong voices of girls were calling to one another from high balconies up a shadowy alley. A boy, balancing a wooden tray of viands on his head, was crossing the street. The fat barber was laughing hilariously at a drunken white man who had fallen into a gutter. A withered old fellow, carrying a bird in a cage, stood at a corner entreating passers-by to pause and have a good fortune told. A vender of dried fish and bunches of sausages held noisy possession of the corner opposite.

Liu Venti's glance travelled back to the children eating rice on the doorstep, then rested on the head of his own young son.

"And our fathers mansions," said he, "are empty of the voices of little ones."

"Let us go home," said Pau Tsu suddenly. Liu Venti started. Pau Tsu's words echoed the wish of his own heart. But he was not as bold as she.

"How dare we?" he asked. "Have not our fathers sworn that they will never forgive us?"

"The light within me this evening," replied Pau Tsu, "reveals that our parents sorrow because they have this sworn. Oh, Liu Venti, ought we not to make our parents happy, even if we have to do so against their will?"

"I would that we could," replied Liu Venti. "But before we can approach them, there is to be overcome your father's hatred for my father and my father's hatred for thine."

A shadow crossed Pau Tsu's face. But not for long. It lifted as she softly said: "Love is stronger than hate."

Little Waking Eyes clambered upon his father's knee.

"Me too," cried Little Sleeping Eyes, following him. With chubby fists he pushed his brother to one side and mounted his father also.

Pau Tsu looked across at her husband and sons. "Oh, Liu Venti," she said, "for the sake of our children; for the sake of our parents; for the sake of a broader field of work for ourselves, we are called upon to make a sacrifice!"

Three months later, Liu Venti and Pau Tsu, with mingled sorrow and hope in their hearts, bade goodbye to their little sons and sent them across the sea, offerings of love to parents of whom both son and daughter remembered nothing but love and kindness, yet from whom that son and daughter were estranged by a poisonous thing called Hate.

III

Two little boys were playing together on a beach. One gazed across the sea with wondering eyes. A thought had come — a memory.

"Where are father and mother?" he asked, turning to his brother.

The other little boy gazed bewilderedly back at him and echoed:

"Where are father and mother?"

Then the two little fellows sat down in the sand and began to talk to one another in a queer little old-fashioned way of their own.

“Grandfathers and grandmothers are very good,” said Little Waking Eyes.

“Very good,” repeated Little Sleeping Eyes.

“They give us lots of nice things.”

“Lots of nice things!”

“Balls and balloons and puff puffs and kitties.”

“Balls and balloons and puff puffs and kitties.”

“The puppet show is very beautiful!”

“Very beautiful!”

“And grandfathers fly kites and puff fire flowers!”

“Fly kites and puff fire flowers!”

“And grandmothers have cakes and sweeties.”

“Cakes and sweeties!”

“But where are father and mother?”

Little Waking Eyes and Little Sleeping Eyes again searched each other’s faces; but neither could answer the other’s question. Their little mouths drooped pathetically; they propped their chubby little faces in their hands and heaved queer little sighs.

There were father and mother one time — always, always; father and mother and Sung Sung. Then there was

the big ship and Sung Sung only, and the big water. After, the big water, grandfathers and grandmothers; and Little Waking Eyes had gone to live with one grandfather and grandmother, and Little Sleeping Eyes had gone to live with another grandfather and grandmother. And the old Sung Sung had gone away and two new Sung Sungs had come. And Little Waking Eyes and Little Sleeping Eyes had been good and had not cried at all. Had not father and mother said that grandfathers and grandmothers were just the same as fathers and mothers?

“Just the same as fathers and mothers,” repeated Little Waking Eyes to Little Sleeping Eyes, and Little Sleeping Eyes nodded his head and solemnly repeated: “Just the same as fathers and mothers.”

Then all of a sudden Little Waking Eyes Stood up, rubbed his fists into his eyes and shouted: “I want my father and mother; I want my father and mother!” And Little Sleeping Eyes also stood up and echoed strong and bold: “I want my father and mother; I want my father and mother.”

It was the day of rebellion of the sons of Liu Venti and Pau Tsu.

When the two new Sung Sungs who had been having their fortunes told by an itinerant fortune-teller whom they had met some distance down the beach, returned to

where they had left their young charges, and found them not, they were greatly perturbed and rent the air with their cries. Where could the children have gone? The beach was a lonely one, several miles from the seaport city where lived the grandparents of the children. Behind the beach, the bare land rose for a little way back up the sides and across hills to meet a forest dark and dense.

Said one Sung Sung to another, looking towards this forest: "One might as well search for a pin at the bottom of the ocean as search for the children there. Besides, it is haunted with evil spirits."

"A-ya, A-ya, A-ya!" cried the other, "Oh, what will my master and mistress say if I return home without Little Sleeping Eyes, who is the golden plum of their hearts?"

"And what will my master and mistress do to me if I enter their presence without Little Waking Eyes? I verily believe that the sun shines for them only when he is around."

For over an hour the two distracted servants walked up and down the beach, calling the names of their little charges; but there was no response.

IV

“Thy grandson — the beloved of my heart, is lost, is lost! Go forth, old man, and find him.”

Liu Jusong, who had just returned from the Hall, where from morn till eve he adjusted the scales of justice, stared speechlessly at the old lady who had thus accosted him. The loss of his grandson he scarcely realized; but that his humble spouse had suddenly become his superior officer, surprised him out of his dignity.

“What meaneth thy manner?” he bewilderedly inquired.

“It meaneth,” returned the old lady, “that I have borne all I can bear. Thy grandson is lost through thy fault. Go, find him!”

“How my fault? Surely, thou art demented!”

“Hadst thou not hated Li Wang, Little Waking Eyes and Little Sleeping Eyes could have played together in our own grounds or within the compound of Li Wang. But this is no time to discourse on spilt plums. Go, follow Li Wang in the search for thy grandsons. I hear that he has already left for the place where the stupid thorns who had them in charge, declare they disappeared.”

The old lady broke down.

“Oh, my little Bright Eyes! Where art thou wandering?” she wailed.

Liu Jusong regarded her sternly. "If my enemy," said he, "searcheth for my grandsons, then will not I."

With dignified step he passed out of the room. But in the hall was a child's plaything. His glance fell upon it and his expression softened. Following the servants dispatched by his wife, the old mandarin joined in the search for Little Waking Eyes and Little Sleeping Eyes.

Under the quiet stars they met — the two old men who had quarreled in student days and who ever since had cultivated hate for each other. The cause of their quarrel had long been forgotten; but in the fertile soil of minds irrigated with the belief that the superior man hates well and long, the seed of hate had germinated and flourished. Was it not because of that hate that their children were exiles from the homes of their fathers — those children who had met in a foreign land, and in spite of their fathers' hatred, had linked themselves in love.

They spread their fans before their faces, each pretending not to see the other, while their servants inquired: "What news of the honorable little ones?"

"No news," came the answer from each side.

The old men pondered sternly. Finally Liu Jusong said to his servants: "I will search in the forest."

"So also will I," announced Li Wang.

Liu Jusong lowered his fan. For the first time in many years he allowed his eyes to rest on the countenance of his quondam friend, and that quondam friend returned his glance. But the servant men shuddered.

“It is the haunted forest,” they cried. “Oh, honorable masters, venture not amongst evil spirits!”

But Li Wang laughed them to scorn, as also did Liu Jusong.

“Give me a lantern,” bade Li Wang. “I will search alone since you are afraid.”

He spake to his servants; but it was not his servants who answered: “Nay, not alone. Thy grandson is my grandson and mine is thine!”

“Oh, grandfather,” cried Little Waking Eyes, clasping his arms around Liu Jusong’s neck, “where are father and mother?”

And Little Sleeping Eyes murmured in Li Wang’s ear, “I want my father and mother! “

Liu Jusong and Li Wang looked at each other. “Let us send for our children,” said they.

V

How many moons, Liu Venti, since our little ones went from us?" asked Pau Tsu.

She was very pale, and there was a yearning expression in her eyes.

"Nearly five," returned Liu Venti, himself stifling a sigh.

"Sometimes," said Pau Tsu, "I feel I cannot any longer bear their absence."

She drew from her bosom two little shoes, one red, one blue.

"Their first," said she. "Oh, my sons, my little sons!"

A messenger boy approached, handed Liu Venti a message, and slipped away.

Liu Venti read:

May the bamboo ever wave. Son and daughter, return to your parents and your children.

Liu Jusong,

Li Wang.

"The answer to our prayer," breathed Pau Tsu. "Oh Liu Venti, love is indeed stronger than hate!"

THE BANISHMENT OF MING AND MAI

I

Many years ago in the beautiful land of China, there lived a rich and benevolent man named Chan Ah Sin. So kind of heart was he that he could not pass through a market street without buying up all the live fish, turtles, birds, and animals that he saw, for the purpose of giving them liberty and life. The animals and birds he would set free in a cool green forest called the Forest of the Freed, and the fish and turtles he would release in a moon-loved pool called the Pool of Happy Life. He also bought up and set free all animals that were caged for show, and even remembered the reptiles.

Some centuries after this good man had passed away, one of his descendants was accused of having offended against the

laws of the land, and he and all of his kin were condemned to be punished therefor. Amongst his kin were two little seventh cousins named Chan Ming and Chan Mai, who had lived very happily all their lives with a kind uncle as guardian and a good old nurse. The punishment meted out to this little boy and girl was banishment to a wild and lonely forest, which forest could only be reached by travelling up a dark and mysterious river in a small boat. The journey was long and perilous, but on the evening of the third day a black shadow loomed before Ming and Mai. This black shadow was the forest, the trees of which grew so thickly together and so close to the river's edge that their roots interlaced under the water.

The rough sailors who had taken the children from their home, beached the boat, and without setting foot to land themselves, lifted the children out, then quickly pushed away. Their faces were deathly pale, for they were mortally afraid of the forest, which was said to be inhabited by innumerable wild animals, winged and crawling things.

Ming's lip trembled. He realized that he and his little sister were now entirely alone, on the edge of a fearsome forest on the shore of a mysterious river. It seemed to the little fellow, as he thought of his dear Canton, so full of bright and busy life, that he and Mai had come, not to another province, but to another world.

One great, big tear splashed down his cheek. Mai, turning to weep on his sleeve, saw it, checked her own tears, and slipping a little hand into his, murmured in his ear:

“Look up to the heavens, brother. Behold, the Silver Stream floweth above us here as bright as it flowed above our own fair home.” (The Chinese call the Milky Way the Silver Stream.)

While thus they stood, hand in hand, a moving thing resembling a knobby log of wood was seen in the river. Strange to say, the children felt no fear and watched it float towards them with interest. Then a watery voice was heard. “Most honorable youth and maid,” it said, “go back to the woods and rest.”

It was a crocodile. Swimming beside it were a silver and a gold fish, who leaped in the water and echoed the crocodile’s words; and following in the wake of the trio, was a big green turtle mumbling: “To the woods, most excellent, most gracious, and most honorable.”

Obediently the children turned and began to find their way among the trees. The woods were not at all rough and thorny as they had supposed they would be. They were warm and fragrant with aromatic herbs and shrubs. Moreover, the ground was covered with moss and grass, and the bushes and young trees bent themselves to allow them to pass through.

But they did not wander far. They were too tired and sleepy. Choosing a comfortable place in which to rest, they lay down side by side and fell asleep.

When they awoke the sun was well up. Mai was the first to open her eyes, and seeing it shining through the trees, exclaimed: "How beautiful is the ceiling of my room!" She thought she was at home and had forgotten the river journey. But the next moment Ming raised his head and said: "The beauty you see is the sun filtering through the trees and the forest where — "

He paused, for he did not wish to alarm his little sister, and he had nearly said: "Where wild birds' and beasts abound."

"Oh, dear!" exclaimed Mai in distress. She also thought of the wild birds and beasts, but like Ming, she also refrained from mentioning them.

"I am impatiently hungry," cried Ming. He eyed enviously a bright little bird hopping near. The bird had found a good, fat grasshopper for its breakfast, but when it heard Ming speak, it left the grasshopper and flew quickly away.

A moment later there was a great trampling and rustling amongst the grasses and bushes. The hearts of the children stood still. They clasped hands. Under every bush and tree, on the branches above them, in a pool nearby, and close

beside them almost touching their knees, appeared a great company of living things from the animal, fish, fowl, and insect kingdoms.

It was true then — what the sailors had told them — only worse; for whereas they had expected to meet the denizens of the forest, either singly or in couples, here they were all massed together.

A tiger opened its mouth. Ming put his sister behind him and said: "Please, honorable animals, birds, and other kinds of living things, would some of you kindly retire for a few minutes. We expected to meet you, but not so many at once, and are naturally overwhelmed with the honor."

"Oh, yes, please your excellencies," quavered Mai, "or else be so kind as to give us space in which to retire ourselves, so that we may walk into the river and trouble you no more. Will we not, honorable brother?"

"Nay, sister," answered Ming. "These honorable beings have to be subdued and made to acknowledge that man is master of this forest. I am here to conquer them in fight, and am willing to take them singly, in couples, or even three at a time; but as I said before, the honor of all at once is somewhat overwhelming."

"Oh! ah!" exclaimed Mai, gazing awestruck at her brother. His words made him more terrible to her than

any of the beasts of the field. Just then the tiger, who had politely waited for Ming and Mai to say their say, made a strange purring sound, loud, yet strangely soft; fierce, yet wonderfully kind. It had a surprising effect upon the children, seeming to soothe them and drive away all fear. One of little Mai's hands dropped upon the head of a leopard crouching near, whilst Ming gazed straight into the tiger's eyes and smiled as at an old friend. The tiger smiled in return, and advancing to Ming, laid himself down at his feet, the tip of his nose resting on the boy's little red shoes. Then he rolled his body around three times. Thus in turn did every other animal, bird, fish, and insect present. It took quite a time and Mai was glad that she stood behind her brother and received the obeisances by proxy.

This surprising ceremony over, the tiger sat back upon his haunches and, addressing Ming, said:

“Most valorous and honorable descendant of Chan Ah Sin the First: Your coming and the coming of your exquisite sister will cause the flowers to bloom fairer and the sun to shine brighter for us. There is, therefore, no necessity for a trial of your strength or skill with any here. Believe me, Your Highness, we were conquered many years ago — and not in fight.”

“Why! How?” cried Ming.

“Why! How?” echoed Mai.

And the tiger said:

“Many years ago in the beautiful land of China, there lived a rich and benevolent man named Chan Ah Sin. So kind of heart was he that he could not pass through a market street without buying up all the live fish, turtles, birds, and animals that he saw, for the purpose of giving them liberty and life. These animals and birds he would set free in a cool green forest called the Forest of the Freed, and the fish and turtles he would release in a moon-loved pool called the Pool of Happy Life. He also bought up and set free all animals that were caged for show, and even remembered the reptiles.”

The tiger paused.

“And you,” observed Ming, “you, sir tiger, and your forest companions, are the descendants of the animals, fish, and turtles thus saved by Chan Ah Sin the First.”

“We are, Your Excellency,” replied the tiger, again prostrating himself. “The beneficent influence of Chan Ah Sin the First, extending throughout the centuries, has preserved the lives of his young descendants, Chan Ming and Chan Mai.”

II THE TIGER'S FAREWELL

Many a moon rose and waned over the Forest of the Freed and the Moon-loved Pool of Happy Life, and Ming and Mai lived happily and contentedly amongst their strange companions. To be sure, there were times when their hearts would ache and their tears would flow for their kind uncle and good old nurse, also or their little playfellows in far-away Canton; but those times were few and far between. Full well the children knew how much brighter and better was their fate than it might have been.

One day, when they were by the river, amusing themselves with the crocodiles and turtles, the water became suddenly disturbed, and lashed and dashed the shore in a very strange manner for a river naturally calm and silent.

“Why, what can be the matter?” cried Ming.

“An honorable boat is coming,” shouted a goldfish.

Ming and Mai clasped hands and trembled.

“It is the sailors,” said they to one another; then stood and watched with terrified eyes a large boat sail majestically up the broad stream.

Meanwhile down from the forest had rushed the tiger with his tigress and cubs, the leopard with his leopardess and

cubs, and all the other animals with their young, and all the birds, and all the insects, and all the living things that lived in the Forest of the Freed and the Moon-loved Pool. They surrounded Ming and Mai, crouched at their feet, swarmed in the trees above their heads, and crowded one another on the beach and in the water.

The boat stopped in the middle of the stream, in front of the strip of forest thus lined with living things. There were two silk-robed men on it and a number of sailors, also an old woman carrying a gigantic parasol and a fan whose breeze fluttered the leaves in the Forest of the Freed.

When the boat stopped, the old woman cried: "Behold, I see my precious nurslings surrounded by wild beasts. A-ya, A-ya, A-ya." Her cries rent the air and Ming and Mai, seeing that the old woman was Woo Ma, their old nurse, clapped their little hands in joy.

"Come hither," they cried. "Our dear friends will welcome you. They are not wild beasts. They are elegant and accomplished superior beings."

Then one of the men in silken robes commanded the sailors to steer for the shore, and the other silk-robed man came and leaned over the side of the boat and said to the tiger and leopard:

“As I perceive, honorable beings, that you are indeed the friends of my dear nephew and niece, Chan Ming and Chan Mai, I humbly ask your permission to allow me to disembark on the shore of this river on the edge of your forest.”

The tiger prostrated himself, so also did his brother animals, and all shouted:

“Welcome, most illustrious, most benevolent, and most excellent Chan Ah Sin the Ninth.”

So Mai crept into the arms of her nurse and Ming hung on to his uncle’s robe, and the other silk-robed man explained how and why they had come to the Forest of the Freed and the Moon-loved Pool.

A fairy fish, a fairy duck, a fairy butterfly, and a fairy bird, who had seen the children on the river when the cruel sailors were taking them from their home, had carried the news to the peasants of the rice fields, the tea plantations, the palm and bamboo groves. Where-upon great indignation had prevailed, and the people of the province, who loved well the Chan family, arose in their might and demanded that an investigation be made into the charges against that Chan who was reputed to have broken the law, and whose relatives as well as himself had been condemned to suffer therefor. So it came to pass that the charges, which had been made by some malicious enemy of high official rank, were

entirely disproved, and the edict of banishment against the Chan family recalled.

The first thought of the uncle of Ming and Mai, upon being liberated from prison, was for his little nephew and niece, and great indeed was his alarm and grief upon learning that the two tender scions of the house of Chan had been banished to a lonely forest by a haunted river, which forest and river were said to be inhabited by wild and cruel beings. Moreover, since the sailors who had taken them there, and who were the only persons who knew where the forest was situated, had been drowned in a swift rushing rapid upon their return journey, it seemed almost impossible to trace the little ones, and Chan Ah Sin the Ninth was about giving up in despair, when the fairy bird, fish, and butterfly, who had aroused the peasants, also aroused the uncle by appearing to him and telling him where the forest of banishment lay and how to reach it.

“Yes,” said Chan Ah Sin the Ninth, when his friend ceased speaking, “but they did not tell me that I should find my niece and nephew so tenderly cared for. Heaven alone knows why you have been so good to my beloved children.”

He bowed low to the tiger, leopard, and all the living things around him.

“Most excellent and honorable Chan Ah Sin the Ninth,” replied the Tiger, prostrating himself, “we have had the pleasure and privilege of being good to these little ones, because many years ago in the beautiful land of China, your honorable ancestor, Chan Ah Sin the First, was good and kind to our forefathers.”

Then arising upon his hind legs, he turned to Ming and Mai and tenderly touching them with his paws, said:

“Honorable little ones, your banishment is over, and those who roam the Forest of the Freed, and dwell in the depths of the Pool of Happy Life, will behold no more the light of your eyes. May heaven bless you and preserve you to be as good and noble ancestors to your descendants as your ancestor, Chan Ah Sin the First, was to you.”

THE STORY OF A LITTLE CHINESE SEABIRD

A little Chinese seabird sat in the grass which grew on a rocky island. The little Chinese seabird was very sad. Her wing was broken, and all her brothers and sisters had flown away, leaving her alone.

Why, oh why, had she broken her wing? Why, oh why, were brothers and sisters so?

The little Chinese seabird looked over the sea. How very beautiful its life and movement! The sea was the only consolation the little Chinese seabird had. It was always lovely and loving to the little Chinese seabird. No matter how often the white-fringed waves spent themselves for her delight, there were always more to follow. Changeably unchanged, they never deserted her nor her island home. Not so with her brothers and sisters. When she could fly with them, circle in the air, float upon the water, dive for little fish, and be happy and gay — then indeed she was one of them and they loved her. But since she had broken her

wing, it was different. The little Chinese seabird shook her little head mournfully.

But what was that which the waves were bearing towards her island? The little Chinese seabird gave a quick glance, then put her little head under the wing that was not broken.

Now, what the little Chinese seabird had seen was a boat. Within the boat were three boys — and these boys were coming to the island to hunt for birds' eggs. The little Chinese seabird knew this, and her bright, wild little eyes glistened like jewels, and she shivered and shuddered as she spread herself as close to the ground as she could.

The boys beached; the boat and were soon scrambling over the island, gathering all the eggs that they could find. Sometimes they passed so near to the little Chinese sea-bird that she thought she must surely be trampled upon, and she set her little beak tight and close so that she might make no sound, should so painful an accident occur. Once, however, when the tip of a boy's queue dangled against her head and tickled it, the little Chinese seabird forgot entirely her prudent resolve to suffer in silence, and recklessly pecked at the dangling queue. Fortunately for her, the mother who had braided the queue of the boy had neglected to tie properly the bright red cord at the end thereof. Therefore when the

little Chinese seabird pecked at the braid, the effect of the peck was not to cause pain to the boy and make him turn around, as might otherwise have been the case, but to pull out of his queue the bright red cord. This, the little Chinese seabird held in her beak for quite a long time. She enjoyed glancing down at its bright red color, and was afraid to let it fall in case the boys might hear.

Meanwhile, the boys, having gathered all the eggs they could find, plotted together against the little Chinese seabird and against her brothers and sisters, and the little sea-bird, holding the red cord in her beak, listened with interest. For many hours after the boys had left the island, the little Chinese seabird sat meditating over what she had heard. So deeply did she meditate that she forgot all about the pain of her broken wing.

Towards evening her brothers and sisters came home and settled over the island like a wide-spreading mantle of wings.

For some time the little Chinese seabird remained perfectly still and quiet. She kept saying to herself, "Why should I care? Why should I care?" But as she did care, she suddenly let fall the bright red cord and opened and closed her beak several times.

"What is all that noise?" inquired the eldest seabird.

“Dear brother,” returned the little Chinese seabird, “I hope I have not disturbed you; but is not this a very lovely night? See how radiant the moon.”

“Go to sleep! Go to sleep!”

“Did you have an enjoyable flight today, brother?”

“Tiresome little bird, go to sleep, go to sleep.”

It was the little Chinese seabird’s eldest sister that last spoke.

“Oh, sister, is that you?” replied the little Chinese seabird. “I could see you last of the flock as you departed from our island, and I did so admire the satin white of your under- wings and tail.”

“Mine is whiter,” chirped the youngest of all the birds.

“Go to sleep, go to sleep!” snapped the eldest brother.

“What did you have to eat today?” inquired the second brother of the little Chinese seabird.

“I had, a very tasty worm porridge, dear brother,” replied the little Chinese seabird. “I scooped it out of the ground beside me, because you know I dared not move any distance for fear of making worse my broken wing?”

“Your broken wing? Ah, yes, your broken wing!” murmured the second brother.

“Ah, yes, your broken wing!” faintly echoed the others.

Then they all, except the very youngest one, put their heads under their own wings, for they all, except the very youngest one, felt a little bit ashamed of themselves.

But the little Chinese seabird did not wish her brothers and sisters to feel ashamed of themselves. It embarrassed her, so she lifted up her little voice again, and said:

“But I enjoyed the day exceedingly. The sea was never so lovely nor the sky either.” When I was tired of watching the waves chase each other, I could look up and watch the clouds. They sailed over the blue sky so soft and white.”

“There’s no fun in just watching things,” said the youngest of all the birds: “we went right up into the clouds and then deep down into the waves. How we splashed and dived and swam! When I fluttered my wings after a bath in silver spray, it seemed as if a shower of jewels dropped therefrom.”

“How lovely!” exclaimed the little Chinese seabird. Then she remembered that if her brothers and sisters were to have just as good a time the next day, she must tell them a story — a true one.

So she did.

After she had finished speaking, there was a great fluttering of wings, and all her brothers and sisters rose in the air above her, ready for flight.

“To think,” they chattered to one another, “that if we had remained an hour longer, those wicked boys would have come with lighted torches and caught us and dashed us to death against stones.”

“Yes, and dressed us and salted us!”

“And dressed us and salted us!”

“And dried us!”

“And dried us!”

“And eaten us!”

“And eaten us!”

“How rude!”

“How inconsiderate!”

“How altogether uncalled for!”

“Are you quite sure?” inquired the eldest brother of the little Chinese seabird.

“See,” she replied, “here is, the red cord from the queue of one of the boys. I picked it out as his, braid dangled against my head!”

The brothers and sisters looked at one another.

“How near they must have come to her!” exclaimed the eldest sister.

“They might have trampled her to death in a very unbecoming manner!” remarked the second.

“They will be sure to do it tonight when they search with torchlight,” was the opinion of the second brother.

And the eldest brother looked sharply down upon the little Chinese seabird, and said:

“If you had not told us what these rude boys intended doing, you would not have had to die alone.”

“I prefer to die alone!” proudly replied the little Chinese seabird. “It will be much pleasanter to die in quiet than with wailing screams in my ears.”

“Hear her, oh, hear her!” exclaimed the second sister.

But the eldest sister, she with the satin-white underwings and spreading tail, descended to the ground, and began pulling up some tough grass. “Come,” she cried to the other birds, “let us make a strong nest for our broken-winged little sister — a nest in which we can bear away to safety one who tonight has saved our lives without thought of her own.”

“We will, with pleasure,” answered the other birds.

Whereupon they fluttered down and helped to build the most wonderful nest that ever was built, weaving in and out of it the bright red cord, which the little Chinese seabird had plucked out of the boy’s queue. This made the nest strong enough to bear the weight of the little Chinese seabird, and when it was finished they dragged it beside her and tenderly pushed her in. Then they clutched its sides with their beaks, flapped their wings, and in a moment were soaring together

far up in the sky, the little Chinese seabird with the broken wing happy as she could be in the midst of them.

WHAT ABOUT THE CAT?

What about the cat?” asked the little princess of her eldest maid.

“It is sitting on the sunny side of the garden wall, watching the butterflies. It meowed for three of the prettiest to fall into its mouth, and would you believe it, that is just what happened. A green, a blue, a pink shaded with gold, all went down pussy’s red throat.”

The princess smiled. “What about the cat?” she questioned her second maid.

“She is seated in your honorable father’s chair of state, and your honorable father’s first body-slave is scratching her back with your father’s own back-scratcher, made of the purest gold and ivory.”

The princess laughed outright. She pattered gracefully into another room. There she saw the youngest daughter of her foster-mother”

“What about the cat?” she asked for the third time.

“The cat! Oh, she has gone to Shinku’s duck farm. The ducks love her so that when they see her, they swim to shore and embrace her with their wings. Four of them combined to make a raft and she got upon their backs and went downstream with them. They met some of the ducklings on the way and she patted them to death with her paws. How the big ducks quacked!”

“That is a good story,” quoth the princess.

She went into the garden and, seeing one of the gardeners, said: “What about the cat?”

“It is frisking somewhere under the cherry tree, but you would not know it if you saw it,” replied the gardener.

“Why?” asked the princess.

“Because, Your Highness, I gave it a strong worm porridge for its dinner, and as soon as it ate it, its white fur coat became a glossy green, striped with black. It looks like a giant caterpillar, and all the little caterpillars are going to hold a festival tonight in its honor.”

“Deary me! What a great cat!” exclaimed the princess.

A little further on she met one of the chamberlains of the palace. “What about the cat?” she asked.

“It is dancing in the ballroom in a dress of elegant cobwebs and a necklace of pearl rice. For partner, she has the yellow dragon in the hall, come to life, and they take

such pretty steps together that all who behold them shriek in ecstasy. Three little mice hold up her train as she dances, and another sits perched on the tip of the dragon's curled tail."

At this the princess quivered like a willow tree and was obliged to seek her apartments. When there, she recovered herself, and placing a blossom on her exquisite eyebrow, commanded that all those of whom she had inquired concerning the cat should be brought s before her. When they appeared, she looked at them very severely and said:

"You have all told me different stories when I have asked you: 'What about the cat?' Which of these stories is true?"

No one answered. All trembled and paled.

"They are all untrue," announced the princess.

She lifted her arm and there crawled out of her sleeve her white cat. It had been there all the time.

Then the courtly chamberlain advanced towards her, kotowing three times. "Princess," said he, "would a story be a story if it were true? Would you have been as well entertained this morning if, instead of our stories, we, your unworthy servants, had simply told you that the cat was up your sleeve?"

The princess lost her severity in hilarity. "Thank you, my dear servants," said she.

"I appreciate your desire to amuse me."

She looked at her cat, thought of all it had done and been in the minds of her servants, and laughed like a princess again and again.

THE WILD MAN AND THE GENTLE BOY

“Will you come with me?” said the Wild Man.

“With pleasure,” replied the Gentle Boy.

The Wild Man took the Gentle Boy by the hand, and together they waded through rice fields, climbed tea hills, plunged through forests and at last came to a wide road, shaded on either side by large evergreen trees, with resting places made of bamboo sticks every mile or so.

“My honorable father provided these resting places for the poor carriers,” said the Gentle Boy. “Here they can lay their burdens down, eat betel nuts, and rest.”

“Oh, ho,” laughed the Wild Man. “I don’t think there will be many carriers resting today. I cleared the road before I brought you.”

“Indeed!” replied the Gentle Boy. “May I ask how?”

“Ate them up.”

“Ah!” sighed the Gentle Boy. He felt the silence and stillness around. The very leaves had ceased to flutter, and only the soul of a bird hovered near.

The Wild Man had gigantic arms and legs and a broad, hairy chest. His mouth was exceeding large and his head was unshaved. He wore a sack of coarse linen, open in front with holes for arms. On his head was a rattan cap, besmeared with the blood of a deer.

The Gentle Boy was small and plump; his skin was like silk and the tips of his little fingers were pink. His queue was neatly braided and interwoven with silks of many colors. He wore a peach-colored blouse and azure pantaloons, all richly embroidered, and of the finest material. The buttons on his tunic were of pure gold, and the sign of the dragon was worked on his cap. He was of the salt of the earth, a descendant of Confutze, an aristocrat of aristocrats.

“Of what are you thinking?” asked the Wild Man.

“About the carriers. Did they taste good?” asked the Gentle Boy with mild curiosity.

“Yes, but there is something that will taste better, younger and tenderer, you know.”

He surveyed the Gentle Boy with glistening eyes.

The Gentle Boy thought of his father’s mansion, the frescoed ceilings, the chandeliers hung with pearls, the great

blue vases, the dragon's smiles, the galleries of glass through which walked his mother and sisters; but most of all, he thought of his noble ancestors.

"What would Your Excellency be pleased to converse about?" he inquired after a few minutes, during which the Wild Man had been engaged in silent contemplation of the Gentle Boy's chubby cheeks.

"About good things to eat," promptly replied the Wild Man.

"Very well," politely replied the Gentle Boy. "There are a great many," he dreamily observed, staring into space.

"Tell me about some of the fine dishes in your father's kitchen. It is they who have made you."

The Gentle Boy looked complacently up and down himself.

"I hope in all humility," he said, "that I do honor to my father's cook's dishes."

The Wild Man laughed so boisterously that the trees rocked.

"There is iced seaweed jelly, for one thing," began the Gentle Boy, "and a ragout of water lilies, pork and chicken dumplings with bamboo shoots, bird's nest soup and boiled almonds, ducks' eggs one hundred years old, garnished with strips of sucking pig and heavenly fish fried in paradise oil,

white balls of rice flour stuffed with sweetmeats, honey and rose-leaves, candied frogs and salted crabs, sugared sea-weed and pickled stars.”

He paused.

“Now, tell me,” said the Wild Man, “which of all things would you like best to eat?”

The Gentle Boy’s eye wandered musingly over the Wild Man’s gigantic proportions, his hungry mouth, his fanglike teeth. He flipped a ladybird insect off his silken cuff and smiled at the Wild Man as he did so.

“Best of all, honorable sir,” he slowly said, “I would like to eat you.”

The Wild Man sat transfixed, staring at the Gentle Boy, his mouth half open, the hair standing up on his head. And to this day he sits there, on the high road to Cheang Che, a piece of petrified stone.

THE GARMENTS OF THE FAIRIES

“Why do we never see the fairies?” asked Mermei.

“Because,” replied her mother, “the fairies do not wish to be seen.”

“But why, honorable mother, do they not wish to be seen?”

“Would my jade jewel wish to show herself to strangers if she wore no tunic or shoes or rosettes?”

Mermei glanced down at her blue silk tunic embroidered in white and gold, at her scarlet shoes beaded at the tips so as to resemble the heads of kittens; and looking over to a mirror hung on the side of the wall where the sun shone, noted the purple rosettes in her hair and the bright butterfly’s wing.

“Oh, no! honorable mother,” said she, shaking her head with quite a shocked air.

“Then, when you hear the reason why the fairies do not appear to you except in your dreams, you will know that they are doing just as you would do were you in a fairy’s shoes.”

“A story! A story!” cried Mermei, clapping her hands and waving her fan, and Choy and Fei and Wei and Sui, who were playing battledore and shuttlecock on the green, ran into the house and grouped themselves around Mermei and the mother. They all loved stories.

“Many, many years ago,” began the mother of Mermei, “when the sun was a warm-hearted but mischievous boy, playing all kinds of pranks with fruits and flowers and growing things, and his sister, the moon, was too young to be sad and serious, the fairies met together by night. The sun, of course, was not present, and the moon had withdrawn behind a cloud. Stars alone shone in the quiet sky. By their light the fairies looked upon each other, and found themselves so fair and radiant in their robes of varied hues, all wonderfully fashioned, fringed and laced, some bright and brilliant, others, delicate and gauzy, but each and all a perfect dream of loveliness, that they danced for very joy in themselves and the garments in which they were arrayed.

“The dance being over, the queen of all sighed a fragrant sigh of happiness upon the air, and bowing to her lovely companions said:

“Sweet sisters, the mission of the fairies is to gladden the hearts of the mortals. Let us, therefore, this night, leave behind us on the earth the exquisite garments whose hues

and fashions have given us so much pleasure. And because we may not be seen uncovered, let us from henceforth be invisible.’

“We will! We will!’ cried the sister fairies. They were all good and kind of heart, and much as they loved their dainty robes, they loved better to give happiness to others.

“And that is why the fairies are invisible, and why we have the flowers.”

“The flowers!” cried Mermei. “Why the flowers?”

“And the fairies’ garments! Where can we find them?” asked Fei with the starry eyes.

“In the gardens, in the forests, and by the streams,” answered the mother. “The flowers, dear children, are the bright-hued garments which the fairies left behind them when they flew from earth, never to return again, save invisible.”

THE DREAMS THAT FAILED

Ping Sik and Soon Yen sat by the roadside under a spreading olive tree. They were on their way to market to sell two little pigs. With the money to be obtained from the sale of the little pigs, they were to buy caps and shoes with which to attend school.

“When I get to be a man,” said Ping Sik, “I will be so great and so glorious that the Emperor will allow me to wear a three-eyed peacock feather, and whenever I walk abroad, all who meet me will bow to the ground.”

“And I,” said Soon Yen, “will be a great general. The reins of my steeds will be purple and scarlet, and in my cap will wave a bright blue plume.”

“I shall be such a great poet and scholar,” continued Ping Sik, “that the greatest university in the Middle Kingdom will present me with a vase encrusted with pearls.”

“And I shall be so valiant and trustworthy that the Pearly Emperor will appoint me commander-in-chief of his army, and his enemies will tremble at the sound of my name.”

“I shall wear a yellow jacket with the names of three ancestors inscribed thereon in seven colors.”

“And I shall wear silk robes spun by princesses, and a cloak of throat skins of sables.”

“And I shall live in a mansion of marble and gold.”

“And I in halls of jadestone,”

“And I will own silk and tea plantations and tens of thousands of rice farms.”

“All the bamboo country shall be mine, and the rivers and sea shall be full of my fishing boats, junks, and craft of all kinds.”

“People will bow down before me and cry: ‘Oh, most excellent, most gracious, most beautiful!’”

“None will dare offend so mighty a man as I shall be!”

“O ho! You good-for-nothing rascals!” cried the father of Ping Sik. “What are you doing loafing under a tree when you should be speeding to market?”

“And the little pigs, where are they?” cried the father of Soon Yen.

The boys looked down at the baskets which had held the little pigs. While they had been dreaming of future glories, the young porkers had managed to scramble out of the loosely woven bamboo thatch of which the baskets were made.

The fathers of Ping Sik and Soon Yen produced canes.

“Without shoes and caps,” said they, “you cannot attend school. Therefore, back to the farm and feed pigs.”

GLAD YEN

“I’m so glad! so glad!” shouted little Yen.

“Why?” asked Wou. “Has any one given you a gold box with jewels, or a peacock feather fan, or a coat of many colors, or a purse of gold? Has your father become rich or been made a high mandarin?”

Wou sighed as he put these questions. He had voiced his own longings.

“No,” answered Yen, giving a hop, skip, and jump.

“Then, why are you glad?” repeated Wou.

“Why?” Yen’s bright face grew brighter.

“Oh, because I have such a beautiful blue sky, such a rippling river, waterfalls that look like lace and pearls and diamonds, and sunbeams brighter and more radiant than the finest jewels. Because I have chirping insects, and flying beetles, and dear, wiggly worms—and birds, oh, such lovely birds, all colors! And some of them can sing. I have a sun and a moon and stars. And flowers? Wouldn’t any one be glad at the sight of flowers?”

Wou's sad and melancholy face suddenly lighted and overflowed with smiles.

"Why," said he, "I have all these bright and beautiful things. I have the beautiful sky, and water, and birds, and flowers, too! I have the sun, and the moon, and the stars, just as you have! I never thought of that before!"

"Of course you have," replied Yen. "You have all that is mine, and I all that is yours, yet neither can take from the other!"

THE DECEPTIVE MAT

When Tsin Yen was about eight years old, he and his little brother were one fine day enjoying a game of battledore and shuttlecock on the green lawn, which their father had reserved as a playground for their use. The lawn was a part of a very elaborate garden laid out with many rare flowers and ferns and exquisite plants in costly porcelain jars. The whole was enclosed behind high walls.

It was a very warm day and the garden gate had been left open, so that the breeze could better blow within. A man stood outside the gate, watching the boys. He carried a small parcel under his arm.

“Will not the jewel eyes of the honorable little ones deign to turn my way?” he cried at last.

Tsin Yen and Tsin Yo looked over at him.

“What is your wish, honorable sir?” asked Tsin Yen.

And the man replied: “That I may be allowed space in which to spread my mat on your green. The road outside is dusty and the insects are more lively than suits my melancholy mood.”

“Spread your mat, good sir,” hastily answered Tsin Yen, giving a quick glance at the small parcel, and returning to his play.

The man began quietly to unroll his bundle, Tsin Yen and Tsin Yo being too much interested in their play to pay much attention to him. But a few minutes passed, however, before the stranger touched Tsin Yen’s sleeve, and bade him stand aside.

“For what reason, honorable sir?” asked Tsin Yen, much surprised.

“Did not you consent to my spreading my mat, most ingenuous son of an illustrious father?” returned the man. He pointed to his mat. Of cobweb texture and cobweb color, it already covered almost the whole green lawn, and there was a portion yet unrolled.

“How could I know that so small a bundle would make so large a mat?” exclaimed Tsin Yen protestingly.

“But you should have thought, my son,” said the father of Tsin Yen, who now appeared upon the scene. “If you had thought before consenting to the spreading of the mat, you would not, this fine afternoon, be obliged to yield your playground to a stranger. However, the word of a Tsin must be made good. Stand aside, my sons.”

So Tsin Yen and Tsin Yo stood aside and watched with indignant eyes the deceptive mat unrolled over the whole

space where they were wont to play. When it was spread to its full capacity, the man seated himself in the middle, and remained thereon until the setting of the sun.

And that is the reason why Tsin Yen, when he became a man, always thought for three minutes before allowing any word to escape his lips.

THE HEART'S DESIRE

She was dainty, slender, and of waxen pallor. Her eyes were long and drooping, her eyebrows finely arched. She had the tiniest Golden Lily feet and the glossiest black hair. Her name was Li Chung O'Yam, and she lived in a sad, beautiful old palace surrounded by a sad, beautiful old garden, situated on a charming island in the middle of a lake. This lake was spanned by marble bridges, entwined with green creepers, reaching to the mainland. No boats were ever seen on its waters- but the pink lotus lily floated thereon and swans of marvelous whiteness.

Li Chung O'Yam wore priceless silks and radiant jewels. The rarest flowers bloomed for her alone. Her food and drink were of the finest flavors and served in the purest gold and silver plates and goblets. The sweetest music lulled her to sleep.

Yet Li Chung O'Yam was not happy. In the midst of the grandeur of her enchanted palace, she sighed for she knew not what.

“She is weary of being alone,” said one of the attendants. And he who ruled all within the palace save Li Chung O’Yam, said: “Bring her a father!”

A portly old mandarin was brought to O’Yam. She made humble obeisance, and her august father inquired ceremoniously as to the state of her health, but she sighed and was still weary.

“We have made a mistake; it is a mother she needs,” said they.

A comely matron, robed in rich silks and waving a beautiful peacock feather fan, was presented to O’Yam as her mother. The lady delivered herself of much good advice and wise instruction as to deportment and speech, but O’Yam turned herself on her silken cushions and wished to say goodbye to her mother.

Then they led O’Yam into a courtyard which was profusely illuminated with brilliant lanterns and flaring torches. There were a number of little boys of about her own age dancing on stilts. One little fellow, dressed all in scarlet and flourishing a small sword, was pointed out to her as her brother. O’Yam was amused for a few moments, but in a little while she was tired of the noise and confusion.

In despair, they who lived but to please her consulted amongst themselves! O’Yam, overhearing them, said: “Trouble not your minds. I will find my own heart’s ease.”

Then she called for her carrier dove, and had an attendant bind under its wing a note which she had written. The dove went forth and flew with the note to where a little girl named Ku Yum, with a face as round as a harvest moon, and a mouth like a red vine leaf, was hugging a cat to keep her warm and sucking her finger to prevent her from being hungry. To this little girl the dove delivered O' Yam's message, then returned to its mistress.

"Bring me my dolls and my cats, and attire me in my brightest and best," cried 'Yam.

When Ku Yum came slowly over one of the marble bridges towards the palace wherein dwelt Li Chung O'Yam, she wore a blue cotton blouse, carried a peg doll in one hand and her cat in another. O'Yam ran to greet her and brought her into the castle hall. Ku Yum looked at O'Yam, at her radiant apparel, at her cats and her dolls.

"Ah!" she exclaimed. "How beautifully you are robed! In the same colors as I. And behold, your dolls and your cats, are they not much like mine?"

"Indeed they are," replied O'Yam, lifting carefully the peg doll and patting the rough fur of Ku Yum's cat.

Then she called her people together and said to them:

"Behold, I have found my heart's desire —a little sister."

And forever after O'Yam and Ku Yum lived happily together in a glad, beautiful old palace, surrounded by a glad, beautiful old garden, on a charming little island in the middle of a lake.

THE CANDY THAT IS NOT SWEET

Grandfather Chan was dozing in a big red chair. Beside him stood the baby's cradle, a thick basket held in a stout framework of wood. Inside the cradle lay the baby. He was very good and quiet and fast asleep.

The cottage door was open. On the green in front played Yen. Mother Chan, who was taking a cup of afternoon tea with a neighbor, had said to him when she bade him goodbye, "Be a good little son and take good care of the baby and your honorable grandfather."

Yen wore a scarlet silk skullcap, a gaily embroidered vest, and purple trousers. He had the roundest and smoothest of faces and the brightest of eyes. Some pretty stones which he had found heaped up in a corner of the green were affording him great delight and joy, and he was rubbing his fat little hands over them, when there arose upon the air the cry of Bo Shuie, the candy man. Yen gave a hop and a jump. In a moment he

was at the corner of the street where stood the candy man, a whole hive of little folks grouped around him. Never was there such a fascinating fellow as this candy man. What a splendid big pole was that he had slung over his broad shoulders, and, oh, the baskets of sweetmeats which depended from it on either side! Yen gazed wistfully at the sugared almonds and limes, the ginger and spice cakes, and the barley sugar and cocoanut.

"I will take that, honorable candy man," said he, pointing to a twisted sugar stick of many colors.

"Cash!" said the candy man holding out his hand.

"Oh!" exclaimed Yen. He had thought only of sugar and forgotten he had no cash.

"Give it to me, honorable peddler man," said Han Yu. "I have a cash."

The peddler man transferred from his basket to the eager little hands of Han Yu the sugar stick of many colors.

Quick as his chubby legs could carry him, Yen ran back to the cottage. His grandfather was still dozing.

"Grandfather, honorable grandfather," cried Yen. But his grandfather did not hear.

Upon a hook on the wall hung a long string of cash. Mother Chan had hung it there, for her use when passing peddlers called.

Yen had thought to ask his grandfather to give him one of the copper coins which were strung on the string, but as his grandfather did not awaken at his call, he changed his mind. You see, he had suddenly remembered that the day before he had felt a pain, and when he had cried, his mother had said: "No more candy for Yen."

For some moments Yen stood hesitating and looking at the many copper coins on the bright red string. It hung just low enough to be reached, and Yen knew how to work the cash over the knot at the end. His mother had shown him how so that he could hand them over to her for the peddlers.

Ah, how pleasant, how good that smelt! The candy man, who carried with his baskets

a tin saucepan and a little charcoal stove, had set about making candy, and the smell of the barley sugar was wafted from the corner to Yen's little nose.

Yen hesitated no longer. Grabbing the end of the string of cash, he pulled therefrom three coins, and with a hop and a jump was out in the street again.

"I will take three sticks of twisted candy of many colors," said he to the candy man.

With his three sticks of candy Yen returned to the green. He had just bitten a piece off the brightest stick of all when his eyes fell on a spinning top which his mother

had given him that morning. He crunched the candy, but somehow or other it did not taste sweet.

“Yen! Yen!” called his grandfather, awaking from his sleep.

Yen ran across to him.

“Honorable grandfather,” said he, “I have some beautiful candy for you!”

He put the three sticks of candy upon his grandfather’s knees.

“Dear child!” exclaimed the old man, adjusting his spectacles. “How did you come to get the candy?”

Yen’s little face became very red. He knew that he had done wrong, so instead of answering his grandfather, he hopped three times.

“How did you get the candy?” again inquired Grandfather Chan.

“From the candy man,” said Yen, “from the candy man. Eat it, eat it.”

Now Grandfather Chan was a little deaf, and taking for granted that Yen had explained the candy all right, he nibbled a little at one of the sticks, then put it down.

“Eat some more, eat all, honorable grand- father,” urged Yen.

The old man laughed and shook his head.

"I cannot eat any, more," said he. "The old man is not the little, boy."

"But — but," puffed Yen, becoming red in the face again, "I want you to eat it, honorable grandfather."

But Grandfather Chan would not eat any more candy, and Yen began to puff and blow and talk very loud because he would not. Indeed, by the time Mother Chan returned, he was as red as a turkeycock and chattering like a little magpie.

"I do not know what is the matter with the little boy," said Grandfather Chan. "He is so vexed because I cannot eat his candy."

Mother Chan glanced at the string of cash and then at her little son's flushed face.

"I know," said she. "The candy is not sweet to him, so he would have his honorable grandfather eat it."

Yen stared at his mother. How did she know! How could she know! But he was glad that she knew, and at sundown he crept softly to her side and said, "Honorable mother, the string of cash is less than at morn, but the candy, it was not sweet."

THE INFERIOR MAN

Ku Yum, the little daughter of Wen Hing, the schoolmaster, trotted into the school behind her father and crawled under his desk. From that safe retreat, her bright eyes looked out in friendly fashion upon the boys. Ku Yum was three years old and was the only little girl who had ever been in the schoolroom. Naturally, the boys were very much interested in her, and many were the covert glances bestowed upon the chubby little figure in red under the schoolmaster's desk. Now and then a little lad, after an unusually penetrating glance, would throw his sleeve over or lift his slate up to his face, and his form would quiver strangely. Well for the little lad that the schoolmaster wore glasses which somewhat clouded his vision.

The wife of Wen Hing was not very well, which was the reason why the teacher had been bringing the little Ku Yum to school with him for the last three weeks. Wen Hing, being a kind husband, thought to help his wife, who had two babies besides Ku Yum to look after.

But for all his troubled mind, the schoolmaster's sense of duty to his scholars was as keen as ever; also his sense of smell.

Suddenly he turned front the blackboard upon which he had been chalking.

"He who thinks only of good things to eat is an inferior man," and pushing back his spectacles, declared in a voice which caused his pupils to shake in their shoes:

"Some degenerate son of an honorable parent is eating unfragrant sugar."

"Unfragrant sugar! honorable sir!" exclaimed Han Wenti.

"Unfragrant sugar!" echoed little Yen Wing.

"Unfragrant sugar!"

"Unfragrant sugar!"

The murmur passed around the room.

"Silence!" commanded the teacher.

There was silence.

"Go Ek Ju," said the teacher, "why is thy miserable head bowed?"

"Because, wise and just one, I am composing," answered Go Ek Ju.

"Read thy composition."

"A wild boar and a sucking pig were eating acorns from the bed of a sunken stream," shrilly declaimed Go Ek Ju.

“Enough! It can easily be perceived what thy mind is on. Canst thou look at me behind my back and declare that thou art not eating unfragrant sugar?”

“To thy illuminating back, honorable sir, I declare that I am not eating unfragrant sugar.”

The teacher’s brow became yet sterner.

“You, Mark Sing! Art thou the unfragrant sugar eater?”

“I know not the taste of that confection, most learned sir.”

The teacher sniffed.

“Some one,” he reasserted, “is eating unfragrant sugar. Whoever the miserable culprit is, let him speak now, and four strokes from the rattan is all that he shall receive.”

He paused. The clock ticked sixty times; but there was no response to his appeal. He lifted his rattan.

“As no guilty one,” said he, “is honorable enough to acknowledge that he is dishonorably eating unfragrant sugar, I shall punish all for the offense, knowing that thereby the offender will receive justice. Go Ek Ju, come forward, and receive eight strokes from the rattan.”

Go Ek Ju went forward and received the eight strokes. As he stood trembling with pain before the schoolmaster’s desk, he felt a small hand grasp his foot. His lip tightened. Then he returned to his seat, sore, but undaunted, and unconfessed. In like manner also his schoolmates received the rattan.

When the fifteen aching but unrepentant scholars were copying industriously, “He who thinks only of good things to eat is an inferior man,” and the schoolmaster, exhausted, had flung himself back on his seat, a little figure in red emerged from under the schoolmaster’s desk and attempted to clamber on to his lap. The schoolmaster held her back.

“What! What!” he exclaimed. “What! what!” He rubbed his head in puzzled fashion. Then he lifted up the little red figure, turning its face around to the schoolboys. Such a chubby, happy little face as it was. Dimpled cheeks and pearly teeth showing in a gleeful smile. And the hands of the little, red figure grasped two sticky balls of red and white peppermint candy — unfragrant sugar.

“Behold!” said the teacher; with a twinkle in his spectacles, “the inferior man!”

Whereupon the boys forgot that they were aching. You see, they loved the little Ku Yum and believed that they had saved her from eight strokes of the rattan.

THE MERRY BLIND-MAN

The little finger on Ah Yen's little left hand was very sore. Ah Yen had poked it into a hot honey tart. His honorable mother had said: "Yen, you must not touch that tart," but just as soon as his honorable mother had left the room, Yen forgot what she had said, and thrust the littlest finger of his little left hand right into the softest, sweetest, and hottest part of the tart.

Now he sat beside the window, feeling very sad and sore, for all the piece of oiled white linen which his mother had carefully wrapped around his little finger. It was a very happy-looking day. The sky was a lovely blue, trimmed with pretty, soft white clouds, and on the purple lilac tree which stood in front of his father's cottage, two little yellow eyebrows were chirping to each other.

But Yen, with his sore finger, did not feel at all happy. You see, if his finger had not been sore, he could have been spinning the bright-colored top which his honorable uncle had given him the day before.

"Isn't it a lovely day, little son?" called his mother.

"I think it is a homely day," answered Yen.

"See those good little birds on the tree," said his mother.

"I don't believe they are good," replied the little boy.

"Fie, for shame!" cried his mother; and she went on with her work.,

Just then an old blind-man carrying a guitar came down the street. He stopped just under the window by which Yen was seated, and leaning against the wall began thrumming away on his instrument. The tunes he played were very lively and merry. Yen looked down upon him and wondered why. The blind-man was such a very old man, and not only blind but lame, and so thin that Yen felt quite sure that he never got more than half a bowl of rice for his dinner. How was it then that he played such merry tunes? So merry indeed that, listening to them, Yen quite forgot to be sour and sad. The old man went on playing and Yen went on listening. After a while, the little boy smiled, then he laughed. The old man lifted his head. He could not see with his sightless eyes, but he knew that there was a little boy near to him whom he was making happy.

"Honorable great-grandfather of all the world," said Yen. "Will you please tell me why you, who are old, lame, and blind, make such merry music that everybody who hears becomes merry also?"

The old man stopped thrumming and rubbed his chin. Then he smiled around him and answered: "Why, I think, little Jewel Eyes, that the joyful music comes just because I am old, lame, and blind."

Yen looked down at his little finger.

"Do you hear what says the honorable great-grandfather of the world?" he asked.

The little finger straightened itself up. It no longer felt sore, and Yen was no longer sour and sad.

MISUNDERSTOOD

The baby was asleep. Ku Yum looked curiously at her little brother as he lay in placid slumber. His head was to be shaved for the first time that afternoon, and he was dressed for the occasion in three padded silk vests, sky-blue trousers and an embroidered cap, which was surmounted by a little gold god and a sprig of evergreen for good luck. This kept its place on his head, even in sleep. On his arms and ankles were hung many amulets and charms, and on the whole he appeared a very resplendent baby.

To Ku Yum, he was simply gorgeous and she longed to get her little arms around him and carry him to some place where she could delight in him all by herself.

Ku Yum's mind had been in a state of wonder concerning the boy, Ko Ku, ever since he had been born. Why was he so very small and so very noisy? What made his fingers and toes so pink? Why did her mother always smile and sing whenever she had the baby in her arms? Why did her father, when he came in from his vegetable garden, gaze so long at

Ko Ku? Why did grandmother make so much fuss over him? And yet, why, oh why, did they give him nothing nice to eat?

The baby was sleeping very soundly. His little mouth was half open and a faint, droning sound was issuing therefrom. He had just completed his first moon and was a month old. Poor baby! that never got any rice to eat, nor nice sweet cakes. Ku Yum's heart swelled with compassion. In her hand was a delicious half-moon cake. It was the time of the harvest-moon festival and Ku Yum had already eaten three. Surely, the baby would like a taste. She hesitated. Would she dare, when it lay upon that silken coverlet? Ku Yum had a wholesome regard for her mother's bamboo slipper.

The window blind was torn on one side. A vagrant wind lifted it, revealing an open window. There was a way out of that window to the vegetable garden. Beyond the vegetable garden was a cool, green spot under a clump of trees; also a beautiful puddle of muddy water.

An inspiration came to Ku Yum, born of benevolence. She lifted the sleeping babe in her arms, and with hushed, panting breaths, bore him slowly and laboriously to where her soul longed to be. He opened his eyes once and gave a faint, disturbed cry, but lapsed again into dreamland.

Ku Yum laid him down on the grass, adjusted his cap, smoothed down his garments, ran her small fingers over

his brows, or where his brows ought to have been, tenderly prodded his plump cheeks, and ruffled his straight hair. Little sighs of delight escaped her lips. The past and the future were as naught to her. She revelled only in the present.

For a few minutes thus: then a baby's cries filled the air. Ku Yum sat up. She remembered the cake. It had been left behind. She found a large green leaf, and placing that over the baby's mouth in the hope of mellowing its tones, cautiously wended her way back between the squash and cabbages.

All was quiet and still. It was just before sundown and it was very warm. Her mother still slept her afternoon sleep. Hastily seizing the confection, she returned to the babe, her face beaming with benevolence and the desire to do good. She pushed some morsels into the child's mouth. It closed its eyes, wrinkled its nose and gurgled; but its mouth did not seem to Ku Yum to work just as a proper mouth should under such pleasant conditions.

"Behold me! Behold me!" she cried, and herself swallowed the remainder of the cake in two mouthfuls. Ko Ku, however, did not seem to be greatly edified by the example set him. The crumbs remained, half on his tongue and half on the creases of his cheek. He still emitted explosive noises.

Ku Yum sadly surveyed him.

“He doesn’t know how to eat. That’s why they don’t give him anything,” she said to herself, and having come to this logical conclusion, she set herself to benefit him in other ways than the one in which she had failed.

She found some worms and ants, which she arranged on leaves and stones, meanwhile keeping up a running commentary on their charms.

“See! This very small brown one — how many legs it has, and how fast it runs. This one is so green that I think its father and mother must have been blades of grass, don’t you? And look at the wings on this worm. That one has no wings, but its belly is pretty pink. Feel how nice and slimy it is. Don’t you just love slimy things that creep on their bellies, and things that fly in the air, and things with four legs? Oh, all kinds of things except grown-up things with two legs.”

She inclined the baby’s head so that his eyes would be on a level with her collection, but he screamed the louder for the change.

*“Oh, hush thee, baby, hush thee,
And never, never fear
The bogies of the dark land,
When the green bamboo is near,”*

she chanted in imitation of her mother. But the baby would not be soothed.

She wrinkled her childish brow. Her little mind was perplexed. She had tried her best to amuse her brother, but her efforts seemed in vain.

Her eyes fell on the pool of muddy water. They brightened. Of all things in the world Ku Yum loved mud, real, good, clean mud. What bliss to dip her feet into that tempting pool, to feel the slow brown water oozing into her little shoes! Ku Yum had done that before and the memory thrilled her. But with that memory came another — a memory of poignant pain; the cause, a bamboo cane, which bamboo cane had been sent from China by her father's uncle, for the express purpose of helping Ku Yum to walk in the straight and narrow path laid out for a proper little Chinese girl living in Santa Barbara.

Still the baby cried. Ku Yum looked down on him and the cloud on her brow lifted. Ko Ku should have the exquisite pleasure of dipping his feet into that soft velvety water. There would be no bamboo cane for him. He was loved too well. Ku Yum forgot herself. Her thoughts were entirely for Ko Ku. She half dragged, half carried him to the pool. In a second his feet were immersed therein and small wiggling things were wandering up his tiny legs. He gave

a little gasp and ceased crying. Ku Yum smiled. Ah! Ko Ku was happy at last! Then:

Before Ku Yum's vision flashed a large, cruel hand. Twice, thrice it appeared, after which, for a space of time, Ku Yum could see nothing but twinkling stars.

"My son! My son! the evil spirit in your sister had almost lost you to me!" cried her mother.

"That this should happen on the day of the completion of the moon, when the guests from San Francisco are arriving with the gold coins. Verily, my son, your sister is possessed of a devil," declared her father.

And her grandmother, speaking low, said: "'Tis fortunate the child is alive. But be not too hard on Ku Yum. The demon of jealousy can best be exorcised by kindness."

And the sister of Ko Ku wailed low in the grass, for there were none to understand.

Note. — The ceremony of the "Completion of the Moon" takes place when a Chinese boy child attains to a month old. His head is then shaved for the first time amidst much rejoicing. The foundation of the babe's future fortune is laid on that day, for every guest invited to the shaving is supposed to present the baby with a gold piece, no matter how small.

THE LITTLE FAT ONE

Lee Chu and Lee Yen sat on a stone beneath the shade of a fig tree. The way to school seemed a very long way and the morning was warm, the road dusty.

“The master’s new pair of goggles can see right through our heads,” observed Lee Chu.

“And his new cane made Horn Wo’s fingers blister yesterday,” said Lee Yen.

They looked sideways at one another and sighed.

“The beach must be very cool today,” said Lee Chu after a few moments.

“Ah, yes! It is not far from here.” Thus Lee Yen.

“And there are many pebbles.”

“Of all colors.”

“Of all colors.”

The two little boys turned and looked at each other.

“Our honorable parents need never know,” mused one.

“No!” murmured the other. “School is so far from home. And there are five new scholars to keep the schoolmaster busy.”

Yes, the beach was cool and pleasant, and the pebbles were many, and the finest in color and shape that Lee Chu and Lee Yen had ever seen. The tide washed up fresh ones every second — green, red, yellow, black, and brown; also white and transparent beauties. The boys exclaimed with delight as they gathered them. The last one spied was always the brightest sparkler.

“Here’s one like fire and all the colors in the sun,” cried Lee Chu.

“And this one — it is such a bright green, there never was another one like it!” declared Lee Yen.

“Ah! most beautiful!”

“Oh! most wonderful!”

And so on until they had each made an iridescent little pile. Then they sat down to rest and eat their lunch — some rice cakes which their mother had placed within their sleeves.

As they sat munching these, they became reflective. The charm of the sea and sky was on them though they knew it not.

“I think,” said Lee Chu, “that these are the most beautiful pebbles that the sea has ever given to us.”

"I think so too," assented Lee Yen.

"I think," again said Lee Chu, "that I will give mine to the Little Fat One."

"The Little Fat One shall also have mine," said Lee Yen. He ran his fingers through his pebbles and sighed with rapture over their glittering. Lee Chu also sighed as his eyes dwelt on the shining heap that was his.

The Little Fat One ran to greet them on his little fat legs when they returned home at sundown, and they poured their treasures into his little tunic.

"Why, where do these come from?" cried Lee Amoy, the mother, when she tried to lift the Little Fat One on to her lap and found him too heavy to raise.

Lee Chu and Lee Yen looked away.

"You bad boys!" exclaimed the mother angrily. "You have been on the beach instead of at school. When your father comes in I shall tell him to cane you."

"No, no, not bad!" contradicted the Little Fat One, scrambling after the stones which were slipping from his tunic. His mother picked up some of them, observing silently that they were particularly fine.

"They are the most beautiful pebbles that ever were seen," said Lee Chu sorrowfully. He felt sure that his mother would cast them away.

“The sea will never give up as fine again,” declared Lee Yen despairingly.

“Then why did you not each keep what you found?” asked the mother.

“Because — “ said Lee Chu, then looked at the Little Fat One.

“Because — “ echoed Lee Yen, and also looked at the Little Fat One.

The mother’s eyes softened.

“Well,” said she, “for this one time we will forget the cane.”

“Good! Good!” cried the Little Fat One.

A CHINESE BOY-GIRL

The warmth was deep and all-pervading. The dust lay on the leaves of the palms and the other tropical plants that tried to flourish in the Plaza. The persons of mixed nationalities lounging on the benches within and without the square appeared to be even more listless and unambitious than usual. The Italians who ran the peanut and fruit stands at the corners were doing no business to speak of. The Chinese merchants' stores in front of the Plaza looked as quiet and respectable and drowsy as such stores always do. Even the bowling alleys, billiard halls, and saloons seemed under the influence of the heat, and only a subdued clinking of glasses and roll of balls could be heard from behind the half-open doors. It was almost as hot as an August day in New York City, and that is unusually sultry for Southern California.

A little Chinese girl, with bright eyes and round cheeks, attired in blue cotton garments, and wearing her long, shining hair in a braid interwoven with silks of many colors, paused

beside a woman tourist who was making a sketch of the old Spanish church. The tourist and the little Chinese girl were the only persons visible who did not seem to be affected by the heat. They might have been friends; but the lady, fearing for her sketch, bade the child run off. Whereupon the little thing shuffled across the Plaza, and in less than five minutes was at the door of the Los Angeles Chinatown school for children.

“Come in, little girl, and tell me what they call you,” said the young American teacher, who was new to the place.

“Ku Yum be my name,” was the unhesitating reply; and, said Ku Yum walked into the room, seated herself complacently on an empty bench in the first row, and informed the teacher that she lived on Apablaza street, that her parents were well, but her mother was dead, and her father, whose name was Ten Suie, had a wicked and tormenting spirit in his foot.

The teacher gave her a slate and pencil, and resumed the interrupted lesson by indicating with her rule ten lichis (called “Chinese nuts” by people in America) and counting them aloud.

“One, two, three, four, five, six, seven, eight, nine, ten,” the baby class repeated.

After having satisfied herself by dividing the lichis unequally among the babies, that they might understand

the difference between a singular and a plural number, Miss Mason began a catechism on the features of the face. Nose, eyes, lips, and cheeky were properly named, but the class was mute when it came to the forehead.

“What is this?” Miss Mason repeated, posing her finger on the fore part of her head.

“Me say, me say,” piped a shrill voice, and the new pupil stepped to the front, and touching the forehead of the nearest child with the tips of her fingers, christened it “one,” named the next in like fashion “two,” a third “three,” then solemnly pronounced the fourth a “four head.”

Thus Ku Yum made her debut in school, and thus began the trials and tribulations of her teacher.

Ku Yum was bright and learned easily, but she seemed to be possessed with the very spirit of mischief; to obey orders was to her an impossibility, and though she entered the school a voluntary pupil, one day at least out of every week found her a truant.

“Where is Ku Yum?” Miss Mason would ask on some particularly alluring morning, and a little girl with the air of one testifying to having seen a murder committed, would reply: “She is running around with the boys.” Then the rest of the class would settle themselves back in their seats like a jury that has found a prisoner guilty of some heinous offense,

and, judging by the expression on their faces, were repeating a silent prayer somewhat in the strain of "O Lord, I thank thee that I am not as Ku Yum is!" For the other pupils were demure little maidens who, after once being gathered into the fold, were very willing to remain.

But if ever the teacher broke her heart over any one it was over Ku Yum. When she first came, she took an almost unchildlike interest in the rules and regulations, even at times asking to have them repeated to her; but her study of such rules seemed only for the purpose of finding a means to break them, and that means she never failed to discover and put into effect.

After a disappearance of a day or so she would reappear, bearing a gorgeous bunch of flowers. These she would deposit on Miss Mason's desk with a little bow; and though one would have thought that the sweetness of the gift and the apparent sweetness of the giver needed but a gracious acknowledgment, something like the following conversation would ensue:

"Teacher, I plucked these flowers for you from the Garden of Heaven." (They were stolen from some park.)

"Oh, Ku Yum, whatever shall I do with you?"

"Maybe you better see my father."

"You are a naughty girl. You shall be punished. Take those flowers away."

“Teacher, the eyebrow over your little eye is very pretty.”

But the child was most exasperating when visitors were present. As she was one of the brightest scholars, Miss Mason naturally expected her to reflect credit on the school at the examinations. On one occasion she requested her to say some verses which the little Chinese girl could repeat as well as any young American, and with more expression than most. Great was the teacher’s chagrin when Ku Yum hung her head and said only: “Me ‘shamed, me ‘shamed!”

“Poor little thing,” murmured the bishop’s wife. “She is too shy to recite in public.”

But Miss Mason, knowing that of all children Ku Yum was the least troubled with shyness, was exceedingly annoyed.

Ku Yum had been with Miss Mason about a year when she became convinced that some steps would have to be taken to discipline the child, for after school hours she simply ran wild on the streets of Chinatown, with boys for companions. She felt that she had a duty to perform towards the motherless little girl; and as the father, when apprised of the fact that his daughter was growing up in ignorance of all home duties, and, worse than that, shared the sports of boy children on the street, only shrugged his shoulders and drawled: “Too bad! Too bad!” she determined to act.

She interested in Ku Yum's case the president of the Society for the Prevention of Cruelty to Children, the matron of the Rescue Home, and the most influential ministers, and the result, after a month's work, was that an order went forth from the Superior Court of the State decreeing that Ku Yum, the child of Ten Sue, should be removed from the custody of her father, and, under the auspices of the Society for the Prevention of Cruelty to Children, be put into a home for Chinese girls in San Francisco.

Her object being accomplished, strange to say, Miss Mason did not experience that peaceful consent which usually follows a benevolent action. Instead, the question as to whether, after all, it was right, under the circumstances, to deprive a father of the society of his child, and a child of the love and care of a parent, disturbed her mind, morning, noon, and night. What had previously seemed her distinct duty no longer appeared so, and she began to wish with all her heart that she had not interfered in the matter.

II

Ku Yum had not been seen for weeks, and those who were deputed to bring her into the sheltering home were

unable to find her. It was suspected that the little thing purposely kept out of the way — no difficult matter, all Chinatown being in sympathy with her and arrayed against Miss Mason. Where formerly the teacher had met with smiles and pleased greetings, she now beheld averted faces and downcast eyes, and her school had within a week dwindled from twenty-four scholars to four. Verily, though acting with the best of intentions, she had shown a lack of diplomacy.

It was about nine o'clock in the evening. She had been visiting little Lae Choo, who was lying low with typhoid fever. As she wended her way home through Chinatown, she did not feel at all easy in mind; indeed, as she passed one of the most unsavory corners and observed some men frown and mutter among themselves as they recognized her, she lost her dignity in a little run. As she stopped to take breath, she felt her skirt pulled from behind and heard a familiar little voice say:

“Teacher, be you afraid?”

“Oh, Ku Yum,” she exclaimed, “is that you?” Then she added reprovingly: “Do you think it is right for a little Chinese girl to be out alone at this time of the night?”

“I be not alone,” replied the little creature, and in the gloom Miss Mason could distinguish behind her two boyish figures.

She shook her head.

“Ku Yum, will you promise me that you will try to be a good little girl?” she asked.

Ku Yum answered solemnly:

“Ku Yum never be a good girl.”

Her heart hardened. After all, it was best that the child should be placed where she would be compelled to behave herself.

“Come, see my father,” said Ku Yum pleadingly.

Her voice was soft, and her expression was so subdued that the teacher could hardly believe that the moment before she had defiantly stated that she would never be a good girl. She paused irresolutely. Should she make one more appeal to the parent to make her a promise which would be a good excuse for restraining the order of the Court? Ah, if he only would, and she only could prevent the carrying out of that order!

They found Ten Suie among his curiosities, smoking a very long pipe with a very small ivory bowl. He calmly surveyed the teacher through a pair of gold-rimmed goggles, and under such scrutiny it was hard indeed for her to broach the subject that was on her mind. However, after admiring the little carved animals, jars, vases, bronzes, dishes, pendants, charms, and snuff-boxes displayed in his handsome showcase, she took courage.

“Mr. Ten Suie,” she began, “I have come to speak to you about Ku Yum.”

Ten Suie laid down his pipe and leaned over the counter. Under his calm exterior some strong excitement was working, for his eyes glittered exceedingly.

“Perhaps you speak too much about Ku Yum alleady,” he said; “Ku Yum be my child. I bling him up as I please. Now, teacher, I tell you something. One, two, three, four, five, six, seven, eight, nine years go by, I have five boy. One, two, three, four, five, six, seven years ago, I have four boy. One, two, three, four, five, six years go by, I have one boy. Every year for three year evil spirit come, look at my boy, and take him. Well, one, two, three, four, five, six years go by, I see but one boy, he four year old. I say to me: Ten Suie, evil spirit be jealous. I be ‘flaid he want my one boy. I dless him like one girl. Evil Spirit think him one girl, and go away; no want girl.”

Ten Suie ceased speaking, and settled back into his seat.

For some moments Miss Mason stood uncomprehending. Then the full meaning of Ten Suie’s words dawned upon her, and she turned to Ku Yum, and taking the child’s little hand in hers, said:

“Goodbye, Ku Yum. Your father, by passing you off as a girl, thought to keep an evil spirit away from you; but just by that means he brought another, and one which nearly took you from him too.”

“Goodbye, teacher,” said Ku Yum, smiling wistfully. “I never be good girl, but perhaps I be good boy.”

PAT AND PAN

They lay there, in the entrance to the joss house, sound asleep in each other's arms. Her tiny face was hidden upon his bosom and his white, upturned chin rested upon her black, rosetted head.

It was that white chin which caused the passing Mission woman to pause and look again at the little pair. Yes, it was a white boy and a little Chinese girl; he, about five, she, not more than three years old.

"Whose is that boy?" asked the Mission woman of the peripatetic vender of Chinese fruits and sweetmeats.

"That boy! Oh, him is boy of Lum Yook that make the China gold ring and bracelet."

"But he is white."

"Yes, him white; but all same, China boy. His mother, she not have any white flend, and the wife of Lum Yook give her lice and tea, so when she go to the land of spilit, she give her boy to the wife of Lum Yook. Lady, you want buy lichi?"

While Anna Harrison was extracting a dime from her purse the black, rosetted head slowly turned and a tiny fist began rubbing itself into; a tiny face.

“Well, chickabiddy, have you had a nice nap?”

“Tjo ho! tjo ho!”

The black eyes gazed solemnly and disdainfully at the stranger.

“She tell you to be good,” chuckled the old man.

“Oh, you quaint little thing!”

The quaint little thing hearing herself thus apostrophized, turned herself around upon the bosom of the still sleeping boy and, reaching her arms up to his neck, buried her face again under his chin. This, of course, awakened him. He sat up and stared bewilderedly at the Mission woman.

“What is the boy’s name?” she asked, Noting his gray eyes and rosy skin.

His reply, though audible, was wholly unintelligible to the American woman.

“He talk only Chinese talk,” said the old man.

Anna Harrison was amazed. A white boy in America talking only Chinese talk! She placed her bag of liches beside him and was amused to see the little girl instantly lean over her companion and possess herself of it. The boy made no attempt to take it from her, and the little thing opened the

bag and cautiously peeped in. What she saw evoked a chirrup of delight. Quickly she brought forth one of the brown-red fruit nuts, crushed and pulled off its soft shell. But to the surprise of the Mission woman, instead of putting it into her own mouth, she thrust the sweetish, dried pulp into that of her companion. She repeated this operation several times, then cocking her little head on one side, asked:

“Ho ‘m ho? Is it good or bad?”

“Ho! ho!” answered the boy, removing several pits from his mouth and shaking his head to signify that he had had enough. Whereupon the little girl tasted herself of the fruit.

“Pat! Pan! Pat! Pan!” called a woman’s voice, and a sleek-headed, kindly-faced matron in dark blue pantalettes and tunic, wearing double hooped gold earrings, appeared around the corner. Hearing her voice, the boy jumped up with a merry laugh and ran out into the street. The little girl more seriously and slowly followed him.

“Him mother!” informed the lichi man.

II

When Anna Harrison, some months later, opened her school for white and Chinese children in Chinatown,

she determined that Pat, the adopted son of Lum Yook, the Chinese jeweler, should learn to speak his mother tongue. For a white boy to grow up as a Chinese was unthinkable. The second time she saw him, it was some kind of a Chinese holiday, and he was in great glee over a row of red Chinese candles and punk which he was burning on the curb of the street, in company with a number of Chinese urchins. Pat's candle was giving a brighter and bigger flame than any of the others, and he was jumping up and down with his legs doubled under him from the knees like an india-rubber ball, while Pan, from the doorstep of her father's store, applauded him in vociferous, infantile Chinese.

Miss Harrison laid her hand upon the boy's shoulder and spoke to him. It had not been very difficult for her to pick up a few Chinese phrases. Would he not like to come to her school and see some pretty pictures? Pat shook his ruddy curls and looked at Pan. Would Pan come too? Yes, Pan would. Pan's memory was good, and so were lichis and shredded cocoanut candy.

Of course Pan was too young to go to school — a mere baby; but if Pat could not be got without Pan, why then Pan must come too. Lum Yook and his wife, upon being interviewed, were quite willing to have Pat learn English. The foster-father could speak a little of the language himself;

but as he used it only when in business or when speaking to Americans, Pat had not benefited thereby. However, he was more eager than otherwise to have Pat learn “the speech of his ancestors,” and promised that he would encourage the little ones to practice “American” together when at home.

So Pat and Pan went to the Mission school, and for the first time in their lives suffered themselves to be divided, for Pat had to sit with the boys and tiny Pan had a little red chair near Miss Harrison, beside which were placed a number of baby toys. Pan was not supposed to learn, only to play.

But Pan did learn. In a year’s time, although her talk was more broken and babyish, she had a better English vocabulary than had Pat. Moreover, she could sing hymns and recite verses in a high, shrill voice; whereas Pat, though he tried hard enough, poor little fellow, was unable to memorize even a sentence. Naturally, Pat did not like school as well as did Pan, and it was only Miss Harrison’s persistent ambition for him that kept him there.

One day, when Pan was five and Pat was seven, the little girl, for the first time, came to school alone.

“Where is Pat?” asked the teacher.

“Pat, he is sick today,” replied Pan.

“Sick!” echoed Miss Harrison. “Well, that is too bad. Poor Pat! What is the matter with him?”

“A big dog bite him.”

That afternoon, the teacher, on her way to see the bitten Pat, beheld him up an alley busily engaged in keeping five tops spinning at one time, while several American boys stood around, loudly admiring the Chinese feat.

The next morning Pat received five strokes from a cane which Miss Harrison kept within her desk and used only on special occasions. These strokes made Pat’s right hand tingle smartly; but he received them with smiling grace.

Miss Harrison then turned to five years old Pan, who had watched the caning with tearful interest.

“Pan!” said the teacher, “you have been just as naughty as Pat, and you must be punished too.”

“I not stay away from school!” protested Pan.

“No,” — severely — “you did not stay away from school; but you told me a dog had bitten Pat, and that was not true. Little girls must not say what is not true. Teacher does not like to slap Pan’s hands, but she must do it, so that Pan will remember that she must not say what is not true. Come here!”

Pan, hiding her face in her sleeve, sobbingly arose.

The teacher leaned forward and pulling down the uplifted arm, took the small hand in her own and slapped it. She was about to do this a second time when Pat bounded from his seat, pushed Pan aside, and shaking

his little fist in the teacher's face, dared her in a voice hoarse with passion:

“You hurt my Pan again! You hurt my Pan again!”

They were not always lovers — those two. It was aggravating to Pat, when the teacher finding he did not know his verse, would turn to Pan and say:

“Well, Pan, let us hear you.”

And Pan, who was the youngest child in school and unusually small for her years, would pharisaically clasp her tiny fingers and repeat word for word the verse desired to be heard.

“I hate you, Pan!” muttered Pat on one such occasion.

Happily, Pan did not hear him. She was serenely singing:

*“Yesu love me, t’is I know,
For the Bible tell me so.”*

But though a little seraph in the matter of singing hymns and repeating verses, Pan, for a small Chinese girl, was very mischievous. Indeed, she was the originator of most of the mischief which Pat carried out with such spirit. Nevertheless, when Pat got into trouble, Pan, though sympathetic, always had a lecture for him, “Too bad, too bad! Why not you be good like me?” admonished she one day when he was suffering “consequences.”

Pat looked down upon her with wrathful eyes.

“Why,” he asked, “is bad people always so good?”

III

The child of the white woman, who had been given a babe into the arms of the wife of Lum Yook, was regarded as their own by the Chinese jeweler and his wife, and they bestowed upon him equal love and care with the little daughter who came two years after him. If Mrs. Lum Yook showed any favoritism whatever, it was to Pat. He was the first she had cradled to her bosom; the first to gladden her heart with baby smiles and wiles; the first to call her Ah Ma; the first to love her. On his eighth birthday, she said to her husband: “The son of the white woman is the son of the white woman, and there are many tongues wagging because he lives under our roof. My heart is as heavy as the blackest heavens.”

“Peace, my woman,” answered the easy-going man. “Why should we trouble before trouble comes?”

When trouble did come it was met calmly and bravely. To the comfortably off American and wife who were to have the boy and “raise him as an American boy should be raised,” they yielded him without protest. But deep in their

hearts was the sense of injustice and outraged love. If it had not been for their pity for the unfortunate white girl, their care and affection for her helpless offspring, there would have been no white boy for others to “raise.”

And Pat and Pan? “I will not leave my Pan! I will not leave my Pan!” shouted Pat.

“But you must!” sadly urged Lum Yook. “You are a white boy and Pan is Chinese.”

“I am Chinese too! I am Chinese too!” cried Pat.

“He Chinese! He Chinese!” pleaded Pan. Her little nose was swollen with crying; her little eyes red-rimmed.

But Pat was driven away.

Pat, his schoolbooks under his arm, was walking down the hill, whistling cheerily. His roving glance down a side street was suddenly arrested.

“Gee!” he exclaimed. “If that isn’t Pan! Pan, oh, Pan!” he shouted.

Pan turned. There was a shrill cry of delight, and Pan was clinging to Pat, crying:

“Nice Pat! Good Pat!”

Then she pushed him away from her and scanned him from head to foot.

“Nice coat! Nice boot! How many dollars?” she queried.

Pat laughed good-humoredly. "I don't know," he answered* "Mother bought them."

"Mother!" echoed Pan. She puckered her brows for a moment.

"You are grown big, Pat," was her next remark.

"And you have grown little, Pan," retorted Pat. It was a year since they had seen one another and Pan was much smaller than any of his girl schoolfellows.

"Do you like, to go to the big school?" asked Pan, noticing the books.

"I don't like it very much. But, say, Pan, I learn lots of things that you don't know anything about."

Pan eyed him wistfully. Finally she said: "O Pat! A-Toy, she die."

"A-Toy! Who is A-Toy?"

"The meow, Pat; the big gray meow! Pat, you have forgot to remember."

Pat looked across A-Toy's head and far away.

"Chinatown is very nice now," assured Pan. "Hum Lock has two trays of brass beetles in his store and Ah Ma has many flowers!"

"I would like to see the brass beetles," said Pat.

"And father's new glass case?"

"Yes."

“And Ah Ma’s flowers?”

“Yes.”

“Then come, Pat.”

“I can’t, Pan!”

“Oh!”

Again Pat was walking home from school this time in company with some boys. Suddenly a glad little voice sounded in his ear. It was Pan’s.

“Ah, Pat!” cried she joyfully. “I find you! I find you!”

“Hear the China kid!” laughed one of the boys.

Then Pat turned upon Pan. “Get away from me,” he shouted. “Get away from me!”

And Pan did get away from him — just as fast as her little legs could carry her. But when she reached the foot of the hill, she looked up and shook her little head sorrowfully. “Poor Pat!” said she. “He Chinese no more; he Chinese no more!”

THE CROCODILE PAGODA

When the father of Chung and Choy returned from the big city- where lived their uncle, he brought each of his little girls a present of a pretty, painted porcelain cup and saucer. Chung's was of the blue of the sky after rain, and on the blue was painted a silver crane and a bird with a golden breast. Choy's cup was of a milky pink transparency, upon which light bouquets of flowers appeared to have been thrown; it was so beautiful in sight, form, and color that there seemed nothing in it to be improved upon. Yet was Choy discontented and envied her sister, Chung, the cup of the blue of the sky after rain. Not that she vented her feelings in any unseemly noise or word. That was not Choy's way. But for one long night and one long day after the pretty cups had been brought home, did Choy remain mute and still, refusing to eat her meals, or to move from the couch upon which she had thrown herself at sight of her sister's cup. Choy was sulking.

On the evening of the long day, little Chung, seated on her stool by her mother's side, asked her parent to tell her the story of the picture on the vase which her father had brought from the city for her mother. It was a charming little piece of china of a deep violet velvet color, fluted on top with gold like the pipes of an organ, and in the centre was a pagoda enamelled thereon in gold and silver. Chung knew that there must be a story about that pagoda, for she had overheard her father tell her mother that it was the famous Crocodile Pagoda.

"There are no crocodiles in the picture. Why is it called a crocodile pagoda?" asked Chung.

"Listen, my Jes'mine Flower," replied the mother. She raised her voice, for she wished Choy, her Orchid Flower, also to hear the story.

"Once upon a time, there was a big family of crocodiles that lived in a Rippling River by a beach whose sands were of gold. The young crocodiles had a merry life of it, and their father and mother were very good and kind to them. But one day the young crocodiles wanted to climb a hill back of the beach of golden sand, and the parents, knowing that their children would perish if allowed to have their way, told them: 'Nay, nay.'

"The young crocodiles thereupon scooped a large hole in the sand and lay down therein. For half a moon they lived

there, without food or drink, and when their parents cried to them to come out and sport as before in the Rippling River, they paid no attention whatever, so sadly sulky their mood.

“One day there came along a number of powerful beings, who, when they saw the golden sands of the Rippling River, exclaimed: ‘How gloriously illuminating is this beach! Let us build a pagoda thereon.’ They saw the hole which the young crocodiles had made, but they could not see the hole-makers at the bottom thereof. So they set to work and filled the hole, and on top thereof they built a great pagoda. That is the pagoda of the picture on the vase.”

“And did the children crocodiles never get out?” asked Chung in a sad little voice.

“No, daughter,” replied the mother. “After the pagoda was on top of them they began to feel very hungry and frightened. It was so dark. They cried to their father and mother to bring them food and find them a way to the light; but the parent crocodiles, upon seeing the pagoda arise, swam far away. They knew that they never more should see their children. And from that day till now, the young crocodiles have remained in darkness under the pagoda, shut off forever from the light of the sun and the Rippling River.”

“Please, honorable mother,” spake a weak little voice, “may I have some tea in my pretty, pink porcelain cup?”

CONTOS DE CRIANÇAS CHINESAS

Contos de crianças chinesas	3
Folhas de prata	5
A lanterna do pavão ...	9
Crianças da paz	13
O exílio de Ming e Mai	30
A história da pequena ave marinha ..	42
Cadê a gata?	49
O selvagem e o menino refinado	53
Os vestidos das fadas ..	57
Sonhos frustrados	60
Alegre Yen	63
O manto enganoso ...	65
O que o coração deseja	68
O doce amargo	72
O homem inferior ...	77
O cego feliz	81
Incompreendida	84
O gordinho	90
O menino-menina chinês	94
PAT e PAN	104
A torre do crocodilo ..	116

Tales of chinese children	123
The Silver Leaves ...	125
The Peacock Lantern	130
Children of Peace ...	134
The Banishment of Ming and Mai ...	150
The Story of a Little Chinese Seabird	162
What About the Cat?	170
The Wild Man and the Gentle Boy	174
The Garments of the Fairies	178
The Dreams that Failed	181
Glad Yen	184
The Deceptive Mat	186
The Heart's Desire ..	189
The Candy that is not Sweet ...	193
The Inferior Man ..	198
The Merry Blind-Man	202
Misunderstood	205
The Little Fat One ..	211
A Chinese Boy-Girl	215
Pat And Pan	225
The Crocodile Pagoda	236
 Literatura Livre	 241
Ficha técnica	248

LITERATURA LIVRE

As obras consideradas clássicas são aquelas que sobreviveram ao tempo e ainda hoje despertam interesse. Há trabalhos de cem, duzentos, mil anos atrás que se mantêm mais atuais do que best-sellers do ano passado. Há algo nessas histórias que dialoga diretamente com nossos egos, superegos e ids, com nossa espiritualidade, nossa sede racional por dramas e conhecimento — e esses desejos não têm idade, não seguem a cronologia linear.

Os filósofos gregos, os cronistas romanos, os tomos religiosos asiáticos, as histórias e registros da Idade Média, do Iluminismo, da Era Vitoriana, até os mo-

dermistas do século 20 habitam uma área chamada Domínio Público: setenta anos após a morte do autor suas obras tornam-se livres de direito autoral para serem acessadas por todos. Na era digital, essa possibilidade de compartilhamento não tem fronteiras. Porém, existe uma lacuna entre o direito de acesso à obra e as mãos do leitor: a tradução. Embora esses autores e suas obras estejam em domínio público, os originais estão em grego, latim, inglês, alemão, árabe, japonês, e ainda resta o obstáculo da tradução livre a ser vencido.

Literatura Livre surge desse contexto: traduz para o português, edita e compartilha em formatos digitais 11 obras originárias de povos que contribuíram para a formação cultural brasileira. Em razão de seu propósito intercultural, todas as edições

contam, além do texto integral traduzido, com sua versão na língua original.

A motivação desse recorte temático é explícita: em qualquer lugar do país, basta olhar pela janela, andar pela calçada ou fazer compras no shopping. Aonde quer que se vá, são evidentes os vestígios das culturas que formaram a sociedade brasileira, seus costumes e seus laços afetivos. O Brasil é um território riquíssimo da mistura de culturas trazidas pelos movimentos migratórios que se iniciaram dezenas de milhares de anos atrás, quando a América foi povoada pelo primeiros povos.

Do nome de frutas a monumentos, a língua tupi continua viva. Dos negros trazidos involuntariamente da África, suas crenças, culinária e tantos outros presentes. Mas também os portugueses, espanhóis, franceses e holandeses que chegaram nas

capitanias hereditárias; os fluxos europeus ao final do século 19; a diversidade asiática, da Europa oriental, do Oriente Médio nas presenças dos japoneses, chineses, eslavos; as ondas migratórias entre e pós-guerras do século 20. Todos esses traziam nas malas bagagens sua cultura, as histórias que aprenderam com seus ancestrais e as replicavam para seus filhos e netos.

Contos folclóricos africanos, textos fundadores das culturas japonesa e árabe, novelas escritas por judeus em alemão, contos de uma imigrante chinesa nos Estados Unidos que demonstram os percalços dos “estranhos no ninho”, mulheres escritoras que não devem ser esquecidas e que falam diretamente aos assuntos de igualdade feminina atuais, provam a atemporalidade e a contundência desses escritos.

Ao todo 11 obras divididas em 14 volumes estão expostas gratuitamente neste site e podem ser baixadas, emprestadas, compartilhadas e espalhadas livremente. Uma pequena coleção de preciosidades que mostra que o presente não existe sem o passado, e o futuro é resultado dessa combinação. Uma ótima leitura!

— •

literatura livre

obras [works]

*O Leviatã (Der Leviathan); Crônicas do Japão (Nihonshoki);
Viagens de Gulliver (Gulliver's Travels); El Zarco;
Contos folclóricos africanos Vols. 1 e 2 (The Folk Tales from Southern
Nigeria; Zanzibar Tales; Where Animals Talk); Os miseráveis
(Albukhalâ'); Sra. Fragrância Primavera (Mrs. Spring Fragrance);
Contos de crianças chinesas (Mrs. Spring Fragrance); As roupas
fazem as pessoas (Kleider machen Leute); Contos sardos (Racconti
Sardi); Pássaros sem ninho (Aves sin nido); Coração das trevas (Heart
of Darkness), Histórias do tio Karel (Outa Karel's Stories: South
African Folk-Lore Tales).*

tradutores

[translators]

Adriana Zoudine, Gabriel Naldi, Giovane Rodrigues Silva,
Lica Hashimoto, Luis S. Krausz, Nina Rizzi, Renato Roschel,
Ricardo Giassetti, Safa Jubran.

produtor executivo

[executive producer]

Ricardo Giassetti

editores

[editors]

Renato Roschel, Gabriel Naldi

revisores

[proofreading]

Amanda Zampieri, Rebeca Benício, Juliana Faria

diretora de arte

[art director]

Larissa Meneghini

ilustrações

[illustrations]

André Ducci

editoração digital

[digital art]

Fernando Ribeiro

FICHA TÉCNICA



SESC — SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

[SOCIAL SERVICE OF COMMERCE]

Administração regional no

Estado de São Paulo

[regional administration of São Paulo state]

presidente do conselho regional

[regional board chairman]

ABRAM SZAJMAN

diretor do departamento regional

[regional department director]

DANILO SANTOS DE MIRANDA

superintendentes

[assistant directors]

técnico-social

[social technician]

JOEL NAIMAYER PADULA

comunicação social

[social communication]

IVAN GIANNINI

gerentes

[departments]

sesc digital

GILBERTO PASCHOAL

assessoria de relações internacionais

[international affairs]

AUREA LESZCZYNSKI VIEIRA

ação cultural

[cultural action]

ROSANA PAULO DA CUNHA



**INSTITUTO MOJO
DE COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL**

MOJO INSTITUTE FOR INTERCULTURAL COMMUNICATION

presidente

[president]

Ricardo Giassetti

diretores

[board]

Alexandre Storari, Gabriel Naldi, Larissa Meneghini,
Renato Roschel, Tatiana Bornato

INSTITUTO MOJO

Fundado em abril de 2018, o Instituto Mojo de Comunicação Intercultural promove a aproximação cultural sem fronteiras. Em um mundo unido pela era digital e dividido pelas diferenças culturais, tomamos como nosso o esforço de reunir pessoas interessadas em conhecer, respeitar e promover a sua cultura e a de outros, sem restrições.

Nosso primeiro programa se concentra na veiculação gratuita de obras nas mais diversas línguas, sempre com versões bilíngues.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

F219 Far, Sui Sin (1865-1914)
Contos de crianças chinesas / Sui Sin Far. Tradução de Ricardo Giasseti. – São Paulo: SESC, Instituto Mojo, 2019. (Coleção Literatura Livre).
E-Book: PDF, ePUB, MOBI; 254 p.; Il.
Disponível em:
<https://mojo.org.br>
<https://literaturalivre.secsp.org.br>

Título Original: Tales of Chinese Children, extraído de Mrs. Spring Frangrance (1912). Edição bilingue Português / Inglês.

ISBN 978-65-990752-9-2

1. Literatura Americana. 2. Conto. 3. Escritora Norte-americanas de Ascendência Chinesa. 4. Multiculturalismo. I. Título. II. Série. III. Giasseti, Ricardo, Tradutor. IV. Eaton, Edith Maude (1865-1914). V. Mrs. Spring Frangrance. VI. SESC – Serviço Social do Comércio. VII. Instituto Mojo de Comunicação Intercultural. VIII. Literatura Livre.

CDU 820(72)

CDD 810

Catalogação elaborada por Regina Simão Paulino – CRB 6/1154

A fonte original desta obra foi fornecida pela organização Internet Archive:
<https://archive.org/details/cu31924075243513>

Copyright (c) 2020 Instituto Mojo de Comunicação Intercultural (<https://mojo.org.br/ebooks/>), with Reserved Font Name “Raleway”.

Copyright (c) 2020 Instituto Mojo de Comunicação Intercultural (<http://mojo.org.br/ebooks/>), with Reserved Font Name “Crimson Text”.

This Font Software is licensed under the SIL Open Font License, Version 1.1.
This license is available with a FAQ at: <http://scripts.sil.org/OFL>